



PROFHISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

UFPE

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA –
PROFHISTÓRIA**

JORGE LIMA LOPES LÔBO

**DESNAZIFICAÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR ATRAVÉS DO ENSINO DE
HISTÓRIA: COMO APAGAR SUÁSTICAS EM MEIO A
(NEO)NAZIFASCISMOS?**

Recife, 2025



JORGE LIMA LOPES LÔBO

**DESNAZIFICAÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR ATRAVÉS DO ENSINO DE
HISTÓRIA: COMO APAGAR SUÁSTICAS EM MEIO A
(NEO)NAZIFASCISMOS?**

Dissertação e produto didático apresentados ao Programa de Pós-graduação em rede em Ensino de História da Universidade Federal de Pernambuco - ProfHistória-UFPE, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino de História

Orientador: Dr. Augusto César Acioly Paz Silva
Coorientador: Dr. Raphael Guazzelli Valeri

Recife, 2025

.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Lôbo, Jorge Lima Lopes.

Desnazificação no ambiente escolar através do Ensino de História: como apagar suásticas em meio a (Neo)Nazifascismos? / Jorge Lima Lopes Lôbo. - Recife, 2025.
166f.: il.

Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas- PROFHISTORIA, 2025.

Orientação: Augusto César Acioly Paz Silva.

Coorientação: Raphael Guazzelli Valerio.

1. Suásticas e antinazismo; 2. Ensino de História; 3. Extremismo de Direita e culturas digitais. I. Silva, Augusto César Acioly Paz. II. Valerio, Raphael Guazzelli. III. Título.

UFPE-Biblioteca Central



ATA DA SEPTUAGÉSIMA SÉTIMA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO PROFISSIONAL, DO MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA DO CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, NO DIA VINTE E SEIS DE AGOSTO DE DOIS MIL E VINTE E CINCO.

Ao vigésimo sexto dia do mês de agosto de dois mil e vinte e cinco, às nove horas, no Centro de Filosofia e Ciências Humanas, teve início a Defesa de Dissertação intitulada: **“DESNAZIFICAÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR ATRAVÉS DO ENSINO DE HISTÓRIA: COMO APAGAR SUÁSTICAS EM MEIO A (NEO)NAZIFASCISMOS?”**, do aluno JORGE LIMA LOPES LÔBO, na área de concentração Saberes históricos no espaço escolar, sob a orientação do Professor Doutor AUGUSTO CESAR ACIOLY PAZ SILVA. A banca examinadora foi composta pelos Professores Doutores: AUGUSTO CESAR ACIOLY PAZ SILVA (Orientador), EDSON HELY SILVA (UFPE) e CATARINA CARNEIRO GONÇALVES (UFPE). Após cumpridas as formalidades, o candidato ao grau de MESTRE EM ENSINO DE HISTÓRIA foi convidado a discorrer sobre o conteúdo da dissertação. Concluída a explanação, o candidato foi arguido pela Comissão Examinadora que, em seguida, reuniu-se para deliberar e conceder ao mesmo a menção **APROVADO**. Para a obtenção do grau de Mestre em Ensino de História, a concluinte deverá depositar a versão final da Dissertação na Biblioteca Central. O depósito deverá ser feito, após realizadas as correções, conforme recomendações feitas, nesta sessão, pela Comissão Examinadora, observando os prazos e procedimentos vigentes nas normas internas desta Universidade e no Regimento Interno deste Mestrado Profissional, que indica o prazo de sessenta dias, contados a partir da data de hoje, vinte e seis de agosto de dois mil e vinte e cinco. E, para constar, lavrei a presente ata, que vai ser assinada por André Mendes Salles, Coordenador do Mestrado Profissional em Ensino de História, e pelos membros da Comissão Examinadora.

Recife, 26 de Agosto de 2025

André Mendes Salles

Documento assinado digitalmente



AUGUSTO CESAR ACIOLY PAZ SILVA

Data: 26/08/2025 14:48:43-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof. Dr. AUGUSTO CESAR ACIOLY PAZ SILVA

Participação

Profa. Dra. CATARINA CARNEIRO GONÇALVES

Participação

Prof. Dr. EDSON HELY SILVA

Participação

CANDIDATO AO GRAU DE MESTRE:

JORGE LIMA LOPES LÔBO

Documento assinado digitalmente



JORGE LIMA LOPES LOBO

Data: 26/08/2025 16:00:18-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Participação

“Salvar uma vida é salvar toda humanidade”
(Alcorão. Verso 32, 5ª Surata “Al Maída – a Mesa Servida- Parte 6. p. 112)

Agradecimentos

Que a paz possa triunfar.

À memória de Antônio Lopes de Almeida, meu saudoso e querido ‘Vô Tonho’ que partiu cedo demais e deixou nossa Leninha cuidando e sendo cuidada por suas três filhas, Suzana, Sandra e Sybelle seus três filhos, com as várias netas, netos e bisnetas(os)! Sua memória e seus ensinamentos, Vô, viverão em nossas lembranças.

À memória de Zorilda Lôbo e Murilo Jorge Pereira Gomes que deixaram ensinamentos e saudades para além do tempo. Que estejam em paz.

Agradeço à minha família que sempre me apoiou, estimulou e encorajou a seguir pelos caminhos quando eu próprio, por várias vezes, pensei em desistir da caminhada. Vó Helena, Juliano, Suzana, Sandra, Juliana, Dra. Mariana Lôbo, Taarek, Victor, Gabriel, Miguel, Antônio. Muito obrigado. Espero que estas mal traçadas linhas de um esforço pela educação pública no Brasil e por um ensino de História comprometido com a vida humana digna que deixo neste trabalho de dissertação expressem toda gratitude que tenho com cada um e cada uma de vocês. Agradeço à Sybelle, Fernando, Luciano e Bárbara. Aos amigos e amigas, camaradas, irmãos e irmãs que o destino me presenteou um agradecimento caloroso. Sem as gentis palavras, gestos e presença de cada nada seria possível. Com o perdão por esquecer alguns nomes não menos importantes, menciono meus amigos e amigas de longas datas, de infância e da adolescência que trilham a vida comigo há décadas, colegas de profissão ou pessoas especiais que pude lembrar agora em nenhuma ordem específica agradeço a Mateus Borges, Thiago Sena e Manuela Toledo, Guilherme Constant, Ana Clara Marques, Elis Tavares, Thiago Alves, Laís Calheiros, Maria Eduarda Cunha, Vitor Ramalho, Alec Sampaio, Daniel Constant, Diogo Figueiredo e Carol Velloso, Erick Sampaio, Lucas Guedes e Natália, Luiz Ferreira, Matheus Lyra, Matheus Monteiro e Carol Sady, Victor Luann, Luanne Brandão, Victor Hugo Lyra, Grazielle Lobo, Débora Amaral, Marina Moreira, Genisson Panta, a todos e todas que fizeram a Nova Humanas, Marina Ávila, Pedro Melo, Karen Pimentel, Allan Cavalcante, Mateus Magalhães e Beatriz Tavares, Igor Cavalcante e Maria Clara Vergetti, Lucas Marques e Maria Helena Tenório, Fellipe Pereira e Aline Viana, João Gomes e Larissa Bagestorm, Francisco Holanda, Ricardo Corrêa, Jaison Xanchão. A Helena Lopes, ao Fernando Neto, ao Leonardo Fortes por

meio destes homenageio toda minha família que me assistiu neste processo, a Priscylla Souza, Valquíria Novaes, Vitor Lôbo, Lucas Lisboa, Wibsson Ribeiro, Isabela Mascarenhas, Tainah Carvalho, Gabriel Trevas. Que a paz esteja com vocês mais um dia. Obrigado.

Aos queridos e queridas discentes, docentes e profissionais da Escola Estadual José Oliveira Silva, no bairro do Vergel do Lago, zona sul de Maceió, Alagoas onde lecionei de 2022 a 2024 agradeço por terem me ensinado muito e pela paciência com este professor. Nesta escola onde aprendi a servir ao público e a pesquisar em sala de aula. Espero que o que aprendemos neste ambiente possa ser útil para ajudar a transformá-lo em algo ainda mais bonito. Agradeço em especial a equipe docente Alessandra Miranda, Ana Paula Teixeira, Roselliny e Jobson Vianna que acompanharam este trabalho e dividiram esta trincheira. Hoje, escrevendo em retrospecto, reconheço que passamos por uma barra e desenvolvemos no calor de acontecimentos tenebrosos e numa conjuntura reacionária uma “Ação Antinazismo” que contou com apoio de toda a escola para debatermos este assunto e acolhermos jovens em processo de sectarização extremista de direita. Neste ensejo, estendo os votos de gratidão a discentes e corpo profissional do Colégio Padrão que me apoiaram nesta caminhada e, sem dúvidas, contribuíram para este trabalho. Aos camaradas que fiz neste processo de mestrado nas terras pernambucanas que tão calorosamente receberam este forasteiro, agradeço imensamente. Em especial aos camaradas Gabriel Moura e ‘Seu’ Amauri, por me adotarem como um filho nestas terras. Aos camaradas Cleber e Thiago e as camaradas Betânia e Sumara por tornarem este trabalho possível em meio ao caos. Meus sinceros e eternos agradecimentos. Vocês fizeram isto ser possível e acreditaram em mim mais do que eu mesmo. Agradeço por poder dividir as aulas e os dias com esta turma inigualável. Ao nosso representante, querido Gabriel Valença, ao Ailton, a Ana, à Camilla, ao Dayvison, a Edcléa, ao Filipe, a Gabrielle, a Greicy, ao Gustavo, ao Harlisson, ao Jonathan, ao Jucivan, a Luciana, ao Thiago, ao Wagner e a Thamyres um muito obrigado e os mais sinceros votos que a jornada que se abre com este título de mestras e mestres em Ensino de História seja de muita paz e muita luz. Agradeço imensamente cada um e cada uma que trilhou este Programa de Pós-graduação em Ensino de História (Profhistoria) e me ensinou a ver a beleza na educação e na História. Agradeço aos professores Dr. Edson Silva Hely por todo aprendizado no componente curricular de “Indígenas na História” para pensar relações étnico-raciais, à

professora Dra. Isabel Guillen por mostrar a potência desta ciência, ao professor Dr. André Salles, ao professor Dr. Arnaldo Szlachta, à professora Dra. Andreia Giordana e à professora Dra. Eleta Freire. Que estejam em paz e com saúde. Ao NEPEVE – “Viva o NEPEVE!” - o Núcleo de Estudos, Pesquisas e Extensão em Violências escolares - um caloroso agradecimento a todos e todas que compõem este belíssimo projeto e em especial à profa. Dra. Catarina Gonçalves. Sua dedicação à educação é inspiradora e a coragem em debater as múltiplas violências escolares a fim de promover uma sociedade mais ética e pacífica é, talvez, a mais elevada qualidade que um (a) educador (a) pode aspirar alcançar. Que este projeto siga firme e forte adiante. Ao meu incansável orientador, o queridíssimo prof. Dr. Augusto César por todos os seus esforços em prol da ciência Histórica, da Historiografia e do Ensino de História. Por “me colocar na linha” e por não medir esforços em alcançarmos um produto de excelência. Por sua sabedoria e calma, especialmente, quando eu não conseguia escrever nada. Um imenso e caloroso “Obrigado”. Que paz esteja contigo e com sua família. Agradeço ao meu coorientador, o queridíssimo prof. Dr. Raphael Guazzelli Valerio por ser uma fonte inesgotável de saber, pelo seu inoxidável gosto musical e por sua gana de lutar pela liberdade humana através da superação deste modo de produção absurdo. Que a paz esteja com você e com sua família. Aproveito e em seu nome agradeço a (os) camaradas do Grupo de Pesquisa: Política, Autonomia e Heterogeneidade (GPAH) onde as sextas feiras eram marcadas por ricos debates em um valioso espaço de luta contra o fascismo. Não obstante o esquecimento promovido pelas areias do tempo e por meu pouco cuidado estendo meus votos de gratidão e paz todas e todos que contribuíram para este texto de diversas formas e que por força da minha parca memória, não foram citadas nominalmente, recebam este agradecimento sincero. A citação na epígrafe destes agradecimentos remete a um provérbio comum às religiões abraâmicas originárias no chamado “Oriente Médio”, sendo encontrada no Talmud Judaico e com potente significado no Islam, estando no Corão sagrado (Verso 32, 5ª Surata “Al Maída – a Mesa Servida- Parte 6. p. 112). Acredito que este trabalho se apresenta como uma tentativa de contribuir com o esforço coletivo de prevenir violências contra escolas e combater as forças (neo)nazifascistas e suas manifestações odiosas. Acredito que este trabalho pode contribuir no esforço de salvar vidas. Assim, acredito que podemos coletivamente “salvar a humanidade”. Ou resgatar a humanidade em nós que parece perdida. Venceremos!

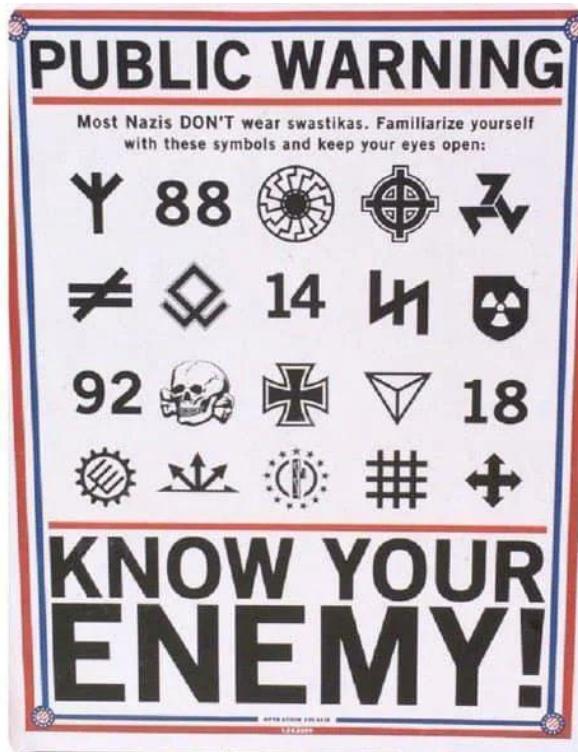


Imagen 1: Pôster retirado da web com os dizeres “Aviso público: a maioria dos nazistas NÃO usam suásticas. Se familiarize com estes símbolos e mantenha seus olhos abertos. Conheça seu inimigo”. Disponível em: Reddit

Resumo: De 2002 a 2023 trinta e seis ataques de violência extrema contra escolas foram contabilizados no Brasil. 58,33% concentraram-se nos dois últimos anos. Muitos com simbologia neonazista ou extremista de direita, como nos casos de Suzano (SP) e Aracruz (ES) onde suásticas foram utilizadas pelos jovens atacantes. O extremismo de direita está relacionado com casos de violência extrema. Da vivência como docente de História nos anos finais do Ensino Fundamental neste período surgiu esse estudo promovendo, a partir das circunstâncias, uma “Ação Antinazismo” aplicada em uma escola pública, no bairro do Vergel do Lago em Maceió, Alagoas no âmbito do Programa de Pós-graduação em Ensino de História na Universidade Federal de Pernambuco (PROFHISTÓRIA-UFPE), a partir de eventos da História do tempo presente. A presente dissertação preocupou-se em investigar o fenômeno das violências escolares, especificamente, de cunho extremista de direita, relacionando com o papel do ambiente escolar e as relações com o Ensino de História na prevenção e combate a estas violências, a fim de promover, uma convivência mais pacífica e ética. Também procurou investigar as “culturas digitais” e as relações com o fenômeno. Diante disto, a nossa pesquisa procurou discutir estratégias para compreensão e combate ao ideário neonazista e quais as possibilidades de refletir junto aos estudos a respeito destes símbolos.

Palavras chaves: suásticas, antinazismo, ensino de História, extremismo de direita e culturas digitais.

Abstract: From 2002 to 2023, thirty-six extreme acts of violence against schools were recorded in Brazil. Of these, 58.33% occurred in the last two years. Many of the attacks bore neo-Nazi or far-right symbolism, as seen in the cases of Suzano (São Paulo) and Aracruz (Espírito Santo), where swastikas were used by the young perpetrators. Far-right extremism has been linked to instances of severe school violence. This work emerged from personal experience as a History teacher in the final years of elementary education during this period, leading to the development of an “Anti-Nazism Action” implemented at a public State School, located in the Vergel do Lago neighborhood of Maceió, Alagoas, within the graduate program in History teaching at the Federal University of Pernambuco (PROFHISTÓRIA-UFPE), focusing on events of contemporary history. This dissertation aims to investigate the phenomenon of school violence, particularly with far-right extremist overtones, in relation to the role of the school environment and History education in preventing and confronting such violence,

in order to promote a more ethical and peaceful coexistence. It also investigated the “Digital Cultures” and its relations with the subject. In this context, our research seeks to explore strategies emerging from the school setting that contribute to understanding and combating neo-Nazi ideology in school spaces and examining the possibilities of engaging in educational reflections on these symbols.

Keywords: Swastikas, Anti Nazism, Teaching Of History, Far Right Extremism and Digital Cultures

Lista de imagens

- Imagen 01 – Gráfico mostrando ataques contra escolas no Brasil**----- p. 5
- Imagen 02 – Desenho de discente da região da “Brezal” em Maceió, AL.** ----- p.18
- Imagen 03 – Cena de documentário “Saneamento Trágico”.** ----- p. 20
- Imagen 04 – Foto da frente de uma escola estadual**----- p. 20
- Imagen 05 – Foto de um quadro com inscrições**----- p.24
- Imagen 06 – Cena de documentário “Capitalismo congelado: assombrado pelo vaporwave” mostrando uma ‘glitch art’.** ----- p. 35
- Imagen 07 – Glitch art,’darkwave’ e símbolos extremistas de direita como “sol negro”.** ----- p. 38
- Imagen 08 – Gráfico do IBGE mostrando uso de tecnologias de comunicação no Brasil.** ----- p. 60
- Imagen 09 – Memes misóginos sobre o “rebaixamento masculino”** ----- p. 65
- Imagen 10 – Muro pixado com símbolo e frase (neo)nazista** ----- p. 82
- Imagen 11 – Tabela de símbolos extremistas de direitas.** ----- p. 87
- Imagen 12 – Gráfico da Agência Senado sobre investigações de casos de neonazismo no Brasil.** ----- p. 88
- Imagen 13 – Mapa ilustrando países com embaixadores alemães membros do partido nazista pós II Guerra mundial antifascista.** ----- p. 95
- Imagen 14 – ‘print’ em reportagem com ameaça de ataque à escola.** ----- p. 103
- Imagen 15 – Fotos autorais de suásticas encontradas em escola.** ----- p. 104
- Imagen 16 - Fotos autorais de partes da “Ação Antinazismo” aplicada.** ----- p. 107
- Imagen 17 – Meme do Sapo Pepe ou Kek.** ----- p. 117
- Imagen 18 – Meme em glitch art de cunho conservador.** ----- p. 117.

Lista de tabelas

Tabela 01----- p. 26

Tabela 02----- p. 27

Agradecimentos p.3

Introdução----- p. 3

Memorial Descritivo: “Lugar Social”. P.9

Estado da Arte p. 13

Capítulo 1.O Espaço Escolar e o Ensino de História: Possibilidades Para Pensar os Extremismos de Direita e Neonazifascismo.p.16

1.1. A paisagem do estudo p.16

1.2. Culturas juvenis, Currículo oculto e ideologia p.29

1.3. Culturas digitais, Paisagens digitais. p.32

1.4. O ensino de História e os desafios do tempo presente p.38

Capítulo 2. Discutindo as Dimensões da Cultura Digital e de Direita p. 58

2.1 Cultura digital e (é) cultura de direita p.58

2.2- Sobre violências escolares: Violência na/ da/ contra a escola. Reflexões sobre o fenômeno e sua relação com o neonazifascismos p.72

2.3 (neo)nazifascismos: uma análise de conceitos p.82

2.4. Por que falar em desnazificação nas escolas hoje? p.94

CAPÍTULO 03 - Ação Antinazismo. p.101

3.1. Como apareceram suásticas na escola? p.101

3.2. Ação Antinazismo: Desnazificando através do ensino de História p.105

3.3. Dimensão propositiva p.109

3.4. Uma sequência didática p.110

Considerações finais p.119

Referências p.121

Anexo p. 137

Introdução

Neste estágio hiper imperialista (Instituto Tricontinental, 2024) e neoliberal do capitalismo surgiram manifestações neonazifascistas (Loureiro, 2019) que, organizadas em comunidades virtuais de ódio (Lemos, B. Oliveira, L. Azevedo, T. 2023), tem produzido formas de violência extrema contra escolas (Cara, D. Et al. 2022). Isto representa uma ameaça aos direitos e liberdades fundamentais conquistados, em especial o direito à educação. No longo prazo, uma ameaça à toda humanidade.

Esta pesquisa buscou compreender o fenômeno das violências escolares, em especial a violência extremista de direita contra escolas e as relações com o nazifascismo do século XX, os neonazifascismos (Loureiro, 2019) e as Culturas Digitais. O estudo foi realizada entre 2023 e 2025 no âmbito do Programa de Pós-graduação em Ensino de História da Universidade Federal de Pernambuco e o *lócus* de pesquisa foi em uma escola estadual no bairro do Vergel do Lago na zona sul da cidade de Maceió, capital de Alagoas, a Escola Estadual que atende cerca de 500 jovens no Ensino Fundamental anos finais.

Trouxe como dimensão propositiva ou ‘produto didático’ desta pesquisa uma sequência didática a ser utilizada para formação docente/discente sobre os neonazifascismos e a violência contra escolas num esforço de prevenção e cuidado. Destaquei neste texto dissertativo as manifestações extremistas de direita. Precisamente, para ampliar o escopo de discussões sobre estes conceitos históricos, tomando cuidado para evitar anacronismos, me debrucei sobre o fenômeno do nazifascismo do Século XX e sobre os neonazifascismos (Loureiro, 2019).

Para este esforço recorri à bibliografia disponível com destaque para Adriana Dias (2018), Karl Schurster, Enzo Traverso, Roger Griffin (1991, 2000) e outros para compreender as possíveis relações com casos de violências escolares. Pesquisando memes para entender a difusão dos discursos de ódio e a cooptação de jovens para atos de violência extrema contra escolas. Para isso, a partir da leitura de Charlie Gere (2008), Franco Berardi (2015, 2018) e Angela Nagle (2017).

Ficou evidente à sectarização violenta extremista de direita de meninos jovens pela internet através de comunidades virtuais. O objetivo desta pesquisa foi elaborar propostas contribuindo no esforço de um ensino de História comprometido com uma educação mais ética e pacífica “desnazificando” no ambiente escolar e na sociedade como um todo.

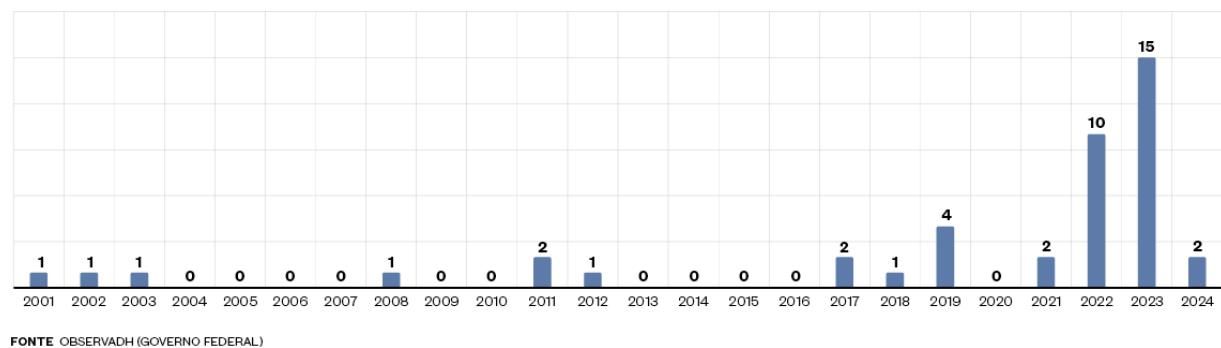
O fenômeno dos ataques contra escolas ganhou notoriedade nacional pelo grande choque e grande volume de casos em um curto espaço de tempo. Pesquisadoras

e pesquisadores produziram documentos pioneiros para que o debate público fosse mais qualificado e que houvesse normativas oficiais de orientação. Citamos como exemplo o relatório: “O extremismo de direita entre adolescentes e jovens no Brasil: ataques às escolas e alternativas para a ação governamental” (Cara, *Et. Al* 2022). A partir deste documento relacionamos os 36 casos de violência extrema contra escolas no Brasil de 2001 a 2023 para investigação do fenômeno.

No início de 2025 o tema foi matéria de capa da Revista de Pesquisa da FAPESP. O tema de enorme relevância com diversas pesquisas, algumas ainda em curso, em diversas frentes. Citamos abaixo a reportagem trazendo um gráfico que relaciona os casos de violência extrema contra escolas contabilizados até então. Destacando dois ‘hiatos’ temporais em que nenhum caso foi registrado ou documentado. Isto pode representar um problema na contabilização e/ou notificação destes casos.

Ataques em escolas do Brasil

O país registrou recorde de casos entre 2022 e 2023



FONTE: OBSERVADH (GOVERNO FEDERAL)

Alexandre Affonso / Revista Pesquisa FAPESP

<https://revistapesquisa.fapesp.br/disseminacao-de-discursos-de-odio-agrava-violencia-escolar/>

Esta dissertação procurou analisar a paisagem, o lugar social, a escola, o livro didático e elementos da cultura digital e das culturas juvenis. Esta pesquisa sobre neonazifascismos me levou a estudar as “direitas ontem e hoje”, por isso estudamos símbolos como os das cruzes nazistas e outros símbolos extremistas de direita. Concluímos pensando em construir possíveis soluções e, para este entendimento, discutimos e pesquisamos sobre violência contra escolas a partir da leitura de relatórios, livros e artigos e de autoras e autores basilares neste tema como: Fernando Penna (2018), Miriam Abramovay (2021) e Daniel Cara.

Por tratar sobre Ensino de História e pesquisar o que chamarei brevemente de “redes sociais”, recorremos ao conceito do geógrafo Peter Haff de Tecnosfera, Arnaldo Szlachta e a profa. Márcia Elisa Teté Ramos citaram:

A tecnosfera engloba organicamente as estruturas com as quais a sociedade organiza sua vida social, política, econômica e cultural. Podemos falar em “estrutura”, mas falar também em complexidade e dinamicidade quando temos em vista a tecnosfera. Com as transformações das redes de comunicação e o desenvolvimento, crescimento e disseminação da internet, o conceito de tecnosfera ganhou um novo sentido, pois possibilitou a criação de um sistema de comunicação, e não apenas uma crescente coleção de equipamentos tecnológicos. E mais: a tecnologia é apenas mais um dos “nós” da rede² das vivências cotidianas, do pensamento, das ações e relações humanas. Como a tecnosfera é reticulada, no interior da própria tecnologia existem outros “nós” de ligação representando diferentes técnicas, ferramentas e reflexões, cada qual com suas alternativas de abordagem. (Szlachta e Ramos, p. 17 in Rodrigues Jr. e Fronza, 2021,)

Sendo tecnologias criadas por pessoas com ideologias (de direita), estas ferramentas e seus *algoritmos* programados e pensados – para pensarem, no caso das ditas inteligências artificiais- como a ideologia dos programadores. Facilitando a divulgação de notícias falsas, de conteúdos extremos e discurso de ódio e também utilizadas por grupos, organizações ou partidos extremistas de direita para cooptar pessoas a cometerem atos de violência. Usamos como base um extenso relatório do Instituto Tricontinental de Pesquisa Social (2024) sobre Hyper-imperialismo. Citamos do texto algumas considerações pertinentes a presente dissertação. Vejamos:

Os EUA aprimoraram a sua já vasta infraestrutura de “soft power” baseada na ascensão de uma nova geração de avançadas mídias sociais e transmissores de vídeo [video streaming] sob total controle dos monopólios estadounidense todos eles os quais estão explicitamente integrados no complexo industrial digital dos EUA (Instituto Tricontinental, 2024. p. 34).

Com relação ao conceito de ‘soft power’ comum à ciência política, traduz-se livremente como “poder macio” ou uma forma de dominação aparentemente não-violenta e que faz uso de mídias, propaganda e outros artefatos de dominação ideológica, cultural, social e afins. O relatório lembra o conceito gramsciano de ‘hegemonia’ para descrever o fenômeno. (Instituto Tricontinental, 2024, p. 46). Entendemos as tecnologias de comunicação mencionadas neste estudo com instrumentos análogos às operações psicológicas (PsyOps) comum a um cenário bélico

de “Guerra Híbrida” que faz conflito “por outras formas ou maneiras” como sanções econômicas a tecnologias de manipulação comportamental/ psicológica.

Apesar da hegemonia militar, o capital ainda precisa de algo próximo do consentimento. Com o tempo, novas técnicas, como o aprendizado de máquina, proporcionaram um salto qualitativo na capacidade dos EUA de conduzir uma guerra psicológica secreta contra o povo, o Sul Global e suas populações. Os modelos econômicos de todas as empresas de mídia entraram em colapso com o advento da internet e a criação de monopólios econômicos de tecnologia, que desintermediaram todos os lucros da mídia. Começou uma nova era de total transformação de meios de comunicação em arma – um desdobramento que faz parte da estratégia geral de guerra híbrida (incluindo sanções econômicas e isolamento diplomático), utilizada pelo *establishment* dos EUA em todo o mundo. (Instituto Tricontinental, 2024, pp. 130 - 131).

Este tema é caro ao presente texto por entendermos, a partir de uma perspectiva histórico-dialética e crítica ocorrendo no “chão da sala de aula” vinculadas com as estruturas socioeconômicas (inter)nacionais. A nossa pesquisa discutiu as “culturas digitais” (Gere, 2008), tivemos que contextualizá-las e historicizá-las. Os conceitos de ‘ciber-culturas’ (Lévy) e ‘Tecnosfera’ (Haff, 2014) são analisados neste esforço de pesquisar os meios virtuais, a socialização dos jovens nestes ambientes e como isto influencia nas convivências escolares. Entendemos a partir da leitura de Moysés Pinto Neto (2019) que o fenômeno da violência contra escolas tem raízes globais e possui características próprias à realidade brasileira.

Entendemos, esta etapa do capitalismo global como neoliberal. Esta forma de acumulação é também uma espécie de “filosofia moral” ou “razão de mundo” moderna. (Dardot; Laval, 2016). Diversos ataques à direitos fundamentais e liberdades são fruto da agressão neoliberal. Entendemos os neonazifascismos como fenômenos do século XXI decorrentes deste estágio capitalista que, para compreensão, citamos Franco Berardi quando este explicou sobre este “capitalismo absoluto”, em estágio avançado de globalização mercadológica e degradação de estruturas como sindicatos. A precarização da força de trabalho e uma piora generalizada na qualidade de vida da classe trabalhadora foram evidentes.

Ao mesmo tempo, a globalização do mercado de trabalho destruiu o poder sindical dos trabalhadores e abriu caminho para uma redução geral dos salários, aumento da exploração e erosão das regulamentações que cobrem as condições de trabalho e as horas de

trabalho. É por isso que acredito que o sistema global contemporâneo deve ser definido como um de capitalismo absoluto, no qual os únicos princípios eficazes são os de acumulação de valor, crescimento de lucro e competição econômica. Estas são suas prioridades abrangentes e o ímpeto esmagador em seu núcleo. Todas as outras preocupações, incluindo a sobrevivência do planeta ou o futuro da próxima geração, são subordinadas a esses objetivos maiores. (Berardi, 2015, pp. 61-2)

É possível compreender que o neoliberalismo possibilitou o surgimento e a continuidade de manifestações neonazifascistas. Para compreender o nazifascismo do século passado recorremos à bibliografia consolidada em Robert Paxton (2007) e Roger Griffin (1991, 2000). Considerando os apontamentos de Larissa Jacheta Riberti (2022) e Odilon Caldeira Neto. Citamos os trabalhos de Robson Loureiro (2019), Karl Schurster (2020, 2022) para compreender os neonazifascismos. A leitura de Robert Kurz (2020), Enzo Traverso (2019), Adriana Dias (2028), Michel Lowy (2015, 2020) foram fundamentais para a compreensão deste fenômeno.

Recorremos também nesta pesquisa a Furio Jesi (2011) sobre a “cultura de direita” e a “fome de mitos” que está constantemente elaborando o passado como um “mingau indistinto”, em uma gramática (no nazifascismo) de “religiões da morte, do outro e de si mesmo” (Jesi, 2011). O autor citado pela obra que reputamos fundamental para este texto, “Cultura de direita”, onde, de maneira quase ensaística e inovadora, Jesi condensou aspectos socioculturais (propagandas, livros *best-sellers*, anúncios etc.) para descrever a cultura da direita ocidental com símbolos vazios e passados regurgitados, amorfos e significado construído artificialmente por uma espécie de vazio sempre a ser preenchido por algo “novo” ou reciclado e com sentido.

Este trabalho que se apresenta tem o objetivo de prevenir violências contra escolas e ser uma estratégia didática de ensino, no combate aos extremismos de direita e neonazifascismos ameaçando a integridade e a segurança do direito à educação pública no Brasil. Nossa luta é pela vida (Valerio, 2016). Buscamos através desta dissertação e do produto didático, possivelmente, transformar e colaborar para que o conhecimento histórico, a partir do ensino de História construindo junto aos estudantes, possibilidades para estabelecer relações entre o presente e passado e problematizar a realidade histórica de maneira concreta, ou em grande medida, ajudará a salvar vidas, pois ao compreenderem os extremismos de direitas, como um discurso contra a diversidade e a vida, estaremos através do ensino de História, colaborando para que possamos defender

o valor da vida, e como cita um provérbio árabe: “Salvar uma vida é salvar toda humanidade”.

É necessário apresentar-me para que esta historiografia seja mais completa e com a dimensão do *locus* e do tempo dos eventos. Do lugar de outras ciências para compreensão e uma relação entre leitor (a) e garantir autoria em tempos da chamada Inteligência Artificial. Pensaremos adiante, algumas questões a partir do espaço e das experiências fundamentais nos itinerários de nossa pesquisa.

Memorial Descritivo: o “lugar social”.

Considerando Michel de Certeau (Certeau, 2002. p. 66) na conceituação sobre o “lugar social”, pensamos ser importante para quem inicia esta leitura ter conhecimento da autoria, sendo assim, com todo o respeito, apresento-me como Jorge. Descrevo a seguir um pouco de minha trajetória pessoal e acadêmica. Esperamos que os erros, imprecisões e pessoalidades confirmem minha humanidade ao leitor e a leitora em tempos de supostas inteligências artificiais.

Minha família me chama carinhosamente de “Jorginho” e meu alunado (sou professor) me chama de “Jorjão”. Entre outros títulos: sou Comunista (por ora, marxista leninista Maoista). Atualmente miltio em partido comunista. Acredito em coisas do Século XIX que podem transformar a vida no Século XXI (e adiante) para melhor. Como trabalhador muitas vezes precarizado ministrava aulas nas redes pública e privada na cidade de Maceió-Alagoas (nascido e criado nesta cidade que amo).

Minha trajetória acadêmica começa em 2012, ingressando na Universidade Federal de Alagoas no Bacharelado de História. Neste período, atuei no Centro Acadêmico de História (CAHIS) e me aproximar do movimento estudantil. A época participei, ainda neófito, das Jornadas de Junho de 2013. Aprendi valiosos ensinamentos que me introduziram na pesquisa em Ciências Humanas e nas mobilizações sociais por direitos. Concluo o curso de Licenciatura em História no Centro Universitário CESMAC no ano de 2016, tempo no qual aprofundei meus estudos e criei vínculos afetivos e acadêmicos extremamente frutíferos. Pude fazer parte do Centro Acadêmico Edson Souto (CAES). A atuação no movimento estudantil e no movimento sindical constituem minha formação acadêmica e profissional. Saúdo de maneira que pareço ‘antiquado’ a atuação do Sindicato dos (as) Trabalhadores e Trabalhadoras da Educação de Alagoas (SINTEAL) e cumprimento as camaradas e os camaradas da Resistência Socialista – PSOL.

Mencionar o corpo docente que me orientou nesta graduação é prestar uma pequena homenagem aos mestres e seus ensinamentos. Agradeço ao Mestre Zezito Araújo com quem aprendemos a importância de transformar realidades de uma maneira crítica e contrária a qualquer forma de opressão. Nossa trabalho de conclusão de curso feito com minha camarada Camila de Oliveira Petri cujo título “*Alteridade e Preconceito: A construção de arquétipos das culturas árabe e islâmica na sala de aula*”, onde conduzimos entrevistas em campo com mais de 60 estudantes e diversos

professores no intuito de rastrear a origem de visões etnocêntricas e como estas se reproduzem nas escolas (e à revelia destas).

Minha atuação profissional na docência começa pouco antes do fim da graduação. Trabalhei na rede básica de ensino na educação privada entre 2015 e o momento em que escrevo estas linhas, em colégios, canais no *Youtube* e cursinhos e “matérias isoladas”. Tendo concluído a graduação em 2016, época em que gritávamos “Fora Temer”, após o golpe jurídico-parlamentar contra a Presidenta Dilma Rousseff pude perceber mais a polarização política e as campanhas de desinformação e ódio em rede movimentos de cunho direitista como o Movimento Brasil Livre (M.B.L) ganharam visibilidade e políticos com retórica abertamente virulenta e extremista de direita somaram milhões de “views e likes” conquistando nos anos seguintes espaços em parlamentos e palácios de governo. Grupos como este incentivaram o ódio a profissionais da educação. Estes profissionais mal remunerados e pouco valorizados, não obstante, são vítimas de uma polarização ideológica e de culturas digitais que os elegeu categoria inimiga. Inimiga de setores ultraconservadores da população. O hábito de filmar, constranger e assediar docentes tornou-se comum no Brasil.

Pudemos observar de maneira sistemática e organizada movimentos virtuais de propaganda antipetista, anticomunista; de “normalização da tortura”; negacionismo da História em massa nas redes sociais e nas escolas (do holocausto, da escravidão e da ditadura militar.) e saudosismo da Ditadura Civil-Militar com elogios e homenagens à torturadores que caberiam na lata de lixo da História. A dissertação de mestrado em economia política de Sabrina Fernandes (Fernandes, 2012) sobre a indústria dos cursinhos privados e específicas (instituições com aulas particulares para o Exame Nacional do Ensino Médio e outros vestibulares) lembra o “mercado de isoladas” da cidade de Maceió guardando as devidas ressalvas. O neoliberalismo como regime do capitalismo ou atual fase assume uma sociabilidade altamente competitiva e uma maior mercantilização de direitos básicos como a educação.

O “golpe jurídico parlamentar” de 2016 trouxe o recrudescimento de políticas sociais, a “precarização” da força de trabalho por meio de reformas neoliberais - acompanhadas de uma crescente militarização da sociedade (por exemplo, Garantia de lei e ordem -G.L. O). Neste período, a ascensão da extrema direita internacionalmente foi a eleição de Donald Trump nos Estados Unidos no ano de 2016, e dois anos após, no Brasil, a eleição de Jair M. Bolsonaro em 2018. A realidade deste momento, a partir das

Eleições de 2018, ao sufragarem como eleito o candidato Jair Messias Bolsonaro, já anunciam que os retrocessos verificados no período de governo Temer seriam aprofundados. Durante o período de campanha, o candidato vencedor não poupou críticas aos direitos humanos e seus defensores. Usando os velhos jargões “bandido bom é bandido morto” ou “direitos humanos para humanos direitos” já anuncia que, sob sua presidência, haveria uma classe de seres humanos considerados sujeitos de direitos e outra descartável. Inúmeras manifestações públicas foram feitas de maneira depreciativa contra mulheres, negros a população LGBTQI+. (Mendonça, 2021, p. 29)

No início de 2020, as ruas desertas e salas vazias, devido ao necessário “isolamento social” para contenção da pandemia de COVID-19 foram primeiro ocupadas por “trabalhadores essenciais” que, mesmo sem a vacinação em larga escala, fizeram um esforço, colocaram suas máscaras e fizeram seus trabalhos. Dentro desta categoria na “linha de frente” estão profissionais da educação. As violências contra escola estariam listadas adiante de acordo com o site da “campanha nacional pelo direito à educação no Brasil”.

Atualmente, encontro-me como servidor público na rede pública estadual de ensino no estado de Alagoas (SEDUC-AL) vinculado à primeira gerência de ensino e atuando na Escola que chamarei doravante de EJOS para preservar a identidade. Nesta escola pude ser bolsista em duas oportunidades pela Fundação de Amparo à Pesquisa de Alagoas (FAPEAL) no programa “Professor Mentor” e no edital Grêmio Que Cria com um agradecimento especial ao Grêmio Estudantil Dirceu Lindoso da E.E. José Oliveira Silva por proporcionarem experiências que me aproximaram de outras e encantadas formas de ensinar e aprender. Para este trabalho, o protagonismo estudantil foi imperativo e a democracia estudantil mostrou caminhos em que potências podiam ser desenvolvidas.

Em 2023 ingressamos no Mestrado Profissional em Ensino de História na Universidade Federal de Pernambuco e tivemos à oportunidade de pesquisar junto a docentes e colegas estratégias que me auxiliaram no cotidiano em sala de aula e, acredito, servimos para proteger e salvar vidas em nossa comunidade prevenindo possíveis violências extremas contra a escola na qual trabalhava.

Agradeço a todas as estudantes e alunos que participaram deste momento que inspirou a presente pesquisa e torcemos para possa ter sido útil na educação contra o

neonazifascismos. Esta prática – “ação antinazismo” - selecionada para apresentar-se no *stand* da Secretaria estadual de Educação na 10^a Bienal Internacional do Livro de Alagoas em 2023 e um artigo de minha autoria sobre o tema publicado na 7^a edição da Revista Alagoana de Educação com o título “Ação Antinazismo para Prevenção à Violência Contra Escolas: algumas reflexões”¹ (Lôbo, J. 2024.). Este é o produto didático que apresentamos em anexo a este trabalho no formato de uma ‘sequência didática’ a ser usada pela comunidade escolar interessada.

Hoje como professor de História e servidor público tenho um compromisso inegociável e de vida com a educação pública, gratuita e de qualidade. Universal, laica, cidadã, ética, crítica, omnilateral e emancipadora que possibilite a todo ser humano exercer sua liberdade e pleno potencial. As experiências proporcionadas no âmbito do Curso de Extensão sobre violência escolar da UFPE em 2024 em uma feliz oportunidade de estudo construída em defesa da educação pública, gratuita, de qualidade e com segurança. Coordenado pela professora Catarina Gonçalves entre os meses de abril e junho de 2024, síncrono e *online*, deu-me a honra de aprender com esta grande docente e com as convidadas e convidados para ministrar as aulas deste curso que iluminaram o caminho para este humilde texto poder ser elaborado. Tentamos no melhor das minhas habilidades condensar as leituras e reflexões que tornaram às noites de quarta-feira muito proveitosa. Deste projeto de extensão nasceu o NEPEVE (Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Violências Escolares) que, de forma pioneira na Universidade Federal de Pernambuco, debruçou-se sobre a temática das violências escolares.

A partir destas reflexões sobre escola, educação, violências contra escolas, bullying e extremismos de direita, pudemos aprimorar esta dissertação com referenciais teóricos e direcionamentos práticos que considerei de grande importância. A seguir, sintetizamos a legislação estudada que serviu de base para confecção do produto didático apresentado e nortearam as ações desta pesquisa. Foi preciso atenção aos marcos legais e civilizacionais que, graças ao avanço da extrema direita no presente, estavam sob grave ameaça ou negligenciados pelo discurso autoritário e intolerante.

Estado da Arte

Dentro do quadro de discussões endossamos e mencionamos o trabalho “O Fascismo é Fascinante, Deixa a Gente Ignorante e Fascinada”: Ensino de História, Livros Didáticos e a Emergência das Ideias Fascistas no Espaço Escolar, dissertação de mestrado no programa Profhistoria-URCA de Cicero Anderson de Almeida Bezerra (Bezerra, 2020) que discutiu profundamente a emergência (ou permanência) de ideias fascistas no Brasil; investigou livros didáticos de História e o cotidiano escolar. Traçou um panorama interessante das ideias totalitárias e conservadoras no Brasil até os dias atuais e fez reflexões pertinentes sobre os projetos de Lei da Escola Livre e presenteou nossa comunidade com um produto didático em formato de uma História em quadrinhos ilustrada por Alisson Pereira Flor e intitulada “Xô Fascismo” (Bezerra, 2020, p. 166 – 191).

Para investigar conteúdos no mundo digital, utilizamos o trabalho de Danielle Aparecida Barbosa Sella Buss (Sella Buss, 2020) uma dissertação do Profhistoria - UEM intitulada ““Mas eu vi no face”: ensino de História, juventude e memes” que aponta como este contato com o universo digital faz os jovens terem contatos com memes e os conteúdos políticos, muitas vezes, extremistas ou que propagam discurso de ódio. Também recorremos à dissertação de Carlos Eduardo Miranda da Conceição intitulada “O nazismo nos livros didáticos de história brasileiros: contribuições para uma história do tempo presente”, de 2019. A dissertação de Anderson da Silva Pereira intitulada “A nova Onda fascista: refletindo sobre o Fascismo nas aulas de História por meio de uma experiência filmica” de 2023.

A dissertação de André Luís Silva Moraes intitulada “Análise dos fenômenos dos Fascismos nos livros didáticos aprovados pelo PNLD (2018) /Ensino Médio”, de 2018 e a dissertação intitulada “Representação sem protagonismo: o movimento negro nos livros de história do PNLD 2020” de Ronaldo Jorge dos Santos, de 2021

A tese de doutorado de Ana Maria Dietrich intitulada “Nazismo tropical? O partido Nazista no Brasil”, de 2007, revelou a atuação do partido nazista em dezessete estados do território brasileiro com conivência do governo varguista e com amplo apoio das autoridades da Alemanha nazista. O apoio a ideias eugenistas e de fomento aos ideais estavam presentes. Isto é relevante para tecer relações de continuidades ou rupturas entre passado e presente.

Um trabalho fundamental para a presente dissertação foi a tese de doutorado da professora Adriana Abreu Magalhães Dias [*em memória*] intitulada “Observando o ódio

entre uma etnografia do Neonazismo e a biografia de David Lane” de 2018. Este trabalho de fôlego listou símbolos usados nos principais fóruns neonazistas, listou organizações supremacistas e células neonazistas em atuação no Brasil. A partida precoce da professora em 2020 deixou um vazio imenso na comunidade científica.

Com referenciais como Hélio Trindade (1974) a partir de Odilon Caldeira Neto e Larissa Jacheta Riberti pude categorizar fenômenos extremistas de direita no Brasil ao longo do Século XX como (nazi) fascistas atuais entendido que este teve presença atuante no Brasil com características *sui generis*, a exemplo do movimento Integralista liderado por Plínio Salgado no Século XX. Utilizamos a definição cunhada por Roger Griffin no clássico “Natureza do Fascismo” de 1991 que aponta os fascismos de forma geral como “um gênero de ideologia política cujo cerne mítico, em suas várias permutações, é uma forma palingenética de ultranacionalismo populista” (Griffin, 1991, p. 26). Recorremos também ao conceito de ‘Cybernazismo’ (Griffin, 2000) para compreensão da realidade presente e a Angela Nagle para entendimento das guerras culturais *on-line*.

Apontamos que o processo de desnazificação após a segunda guerra mundial não foi levado a cabo pelo Ocidente e a persistência de formas neonazifascistas se fez possível, como pudemos perceber na leitura de Robson Loureiro (2019), onde buscamos o conceito usado nesta dissertação de Neonazifascismos. Usamos este termo extensivamente, para abarcar as manifestações contemporâneas de extrema direita, neofascistas, neointegralistas, neonazistas e outros conceitos que foram discutidos no espaço mais adequado neste trabalho.

A estrutura desta dissertação encontra-se organizada, a partir de três capítulos que procuram dâ conta do nosso tema, que foi pensar o processo de surgimento de suásticas nazista na EJOS, no bairro do Vergel do Lago em Maceió. No primeiro capítulo procuramos situar o leitor, no ambiente no qual realizamos a nossa pesquisa, apresentando a realidade e os desafios deste espaço escolar, acreditando que ao dissertar a respeito do espaço e seus desafios, além de pensar o currículo e as dimensões do ensino de história para problematizar o surgimento das suásticas.

No segundo capítulo procuramos refletir a respeito das culturas digitais e seus impactos na juventude, público central de nossa pesquisa. Compreendendo, como este espaço, colaborou na disseminação de perspectivas de extrema direita e neonazifascismos. O ambiente digital tem sido um dos espaços centrais na difusão

destas perspectivas, muitas vezes descontextualizadas historicamente. O que se materializa num perigo iminente para os jovens.

Em nosso terceiro capítulo procuramos discutir o surgimento das suásticas, no espaço escolar e os impactos que ocorreram, a partir desse surgimento, bem como, as ações que tomamos no sentido de discutir o surgimento destes símbolos. Apresentamos também, o processo de construção das ações de desnazificação, que se materializaram na construção de uma sequência didática que foi aplicada tanto para professores, procurando animá-los em discutir essas questões, em seus componentes curriculares, como também, junto aos estudantes de nossa escola.

Acreditamos que este trabalho dissertativo, possui uma importância central para que possamos discutir os desafios de ensinar história e desconstruir as perspectivas negacionistas e revisionistas que campeiam os espaços virtuais e escolares, colaborando assim, para propor, a partir de um estudo situado numa escola de um bairro periférico da capital alagoana, possibilidades que inspirem novos estudos.

CAP. 01 - O ESPAÇO ESCOLAR E O ENSINO DE HISTÓRIA: POSSIBILIDADES PARA PENSAR OS EXTREMISMOS DE DIREITA E NEONAZIFASCISMO.

1.5. O espaço A paisagem do estudo

O significado do nome Maceió, que foi derivado do Tupi, Massayó, significa “aqua que tapa o alagadiço” (Freyre, 1933). Diante da etimologia da sua denominação, o espaço urbano é marcado por rios, lagunas e pelas praias do oceano Atlântico que a transformam num cobiçado local turístico. A especulação imobiliária e o processo de gentrificação são perceptíveis nesta capital marcada por profundas desigualdades históricas, sociais e econômicas.

Concordamos com Anna Tsing (2018) no seu ensaio “Paisagens Arruinadas” ao debater sobre os impactos do capitalismo na Natureza e nas pessoas e elaborar à ideia de Anna Tsing que diz “Ruínas agora são os nossos jardins. Nossa subsistência é provida por paisagens degradadas, “arruinadas”. E mesmo o oásis mais promissor de fartura natural necessita de intervenções massivas para sua manutenção.” (Tsing, 2018, p. 367). Maceió, nesta leitura, apareceu como uma série de paisagens arruinadas pelas ações predatórias do Capital, seja pelo extrativismo da mineração, como nos lembra Maristella Svampa refletindo a respeito dos impactos produzidos pelo extrativismo (Svampa, 2019) ou, pelas formas violentas em que o capital se manifesta como na especulação imobiliária, na arquitetura hostil ou na negação de direitos básicos à população em geral.

Os dados demográficos do estado de Alagoas e a cidade de Maceió (IBGE, 2022) aproximam-se de estatísticas de países empobrecidos ou em guerra civil. Grande parte da população é analfabeta, não possui acesso a saneamento básico e depende de programas sociais de assistência do governo. A área foi também afetada pela mineração predatória de sal-gema da empresa Braskem que devido a extração desordenada provocou uma hecatombe que assombrou a cidade, na qual diversos bairros foram afetados.

A “beira da lagoa” é a paisagem onde situamos o *locus* do trabalho. O “areião” é um espaço de brincadeiras e socialização. As crianças, jovens e adultos caminham por esta orla lagunar indo e voltando da escola e, ao mirarmos à outra margem é possível ver que a cidade de Maceió afunda em um processo de subsidênciia do solo causado por mineração criminosa da empresa Braskem. Tal processo forçou uma diáspora de mais de 50.000 pessoas e causou danos e alterações bruscas nas dinâmicas locais- capital de

Alagoas – um dos estados que mais sofre com a desigualdade socioeconômica, o analfabetismo e a pobreza.

No primeiro semestre de 2024, colado em uma parede próxima à estante de livros didáticos em uma sala de aula, um desenho chamou à atenção por seu decalque da paisagem urbana da “Vila Brejal”. Não pudemos evitar de registrar este pequeno e potente elemento visual. Como um jovem olhava e representava o seu local no mundo. Quais símbolos os cercava na vida real. O que significam e quem os fazem? escolhemos esta imagem com o objetivo de apresentar a paisagem que foi apreendida pela juventude local. A arquitetura, o urbanismo “subnormal”, as pichações representadas nos muros das casas do desenho ilustram um pouco da paisagem real da comunidade atendida pela escola. Podia-se ler na imagem, de cima para baixo e da esquerda para a direita: “Brejal”; “BJL” (Sigla para ‘Brejal’); “Café”; “A”; “Favela”; “Punks”; “TOCV”. Observamos um crucifixo. Explicamos os significados das siglas e símbolos nas tabelas 01 e 02 abaixo



Imagen 02: Desenho feito em 2024 por um aluno do nono ano da escola estadual José Oliveira Silva.
Reprodução autorizada. Acervo do autor.

O Complexo Estuário Lagunar Mundaú Manguaba, na cidade de Maceió, localiza-se no bairro do Vergel do Lago. As comunidades do Bom Parto e da Vila

Brejal aliadas à vegetação e a fauna local coexistem com as intervenções antrópicas. Características de agrupamentos urbanos densamente povoados com estruturas chamadas de precárias. O extrativismo na forma da coleta e tratamento do Sururu é um dos pilares da economia e da cultura da região. Oficinas de automóveis, pequenos mercados e residências marcam a paisagem onde fica a escola em questão na qual à nossa pesquisa foi desenvolvida.

Os sons de automóveis, helicópteros, crianças brincando na rua e transeuntes conversando é ritmado por músicas de *rap*, *reggae*, *funk*, *trap* que emanam de aparelhos eletrônicos. Os discentes costumavam escutar Racionais MCs, destacamos o que dizia a música “Da Ponte pra cá. “Nunca mudou nem nunca mudará. O cheiro de fogueira vai perfumando o ar. Mesmo no céu, mesmo CEP, no lado Sul do mapa”.

As ruas da região são margeadas por pequenas residências, formas de organizações religiosas com igrejas cristãs tomam as ruas da região ao lado dos bares, mercadinhos, oficinas em pistas pouco ou mal asfaltadas. Escolhemos uma cena do documentário de Zazo intitulado “Saneamento Trágico: o abandono da Orla Lagunar de Maceió” para retratar a paisagem e o cotidiano da comunidade em que a escola está inserida. As chuvas e o descaso do poder público com esta comunidade prejudicam a cidadania plena. Diversos dias letivos foram cancelados ou interrompidos por causa da falta de saneamento básico e os efeitos das chuvas na cidade.

Moradia, lazer, “direito à cidade” e outros elementos são, ainda, negados diariamente ao público desta escola. É seguro afirmar que o IDH (índice de desenvolvimento humano) da cidade assemelhava-se ao de países subdesenvolvidos em guerra civil. Um sentimento de abandono, descaso e resistência ao poder público podia ser detectado.



Imagen 03: cena do documentário de Zazo “Saneamento trágico | O abandono da Orla Lagunar de Maceió”. 1’54”. Mostra a Vila Brejal alagada. No muro atrás há um grafite onde lê-se “Esquecimento tem nome: Brejal”. A cena é comum no cotidiano da comunidade escolar em questão. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=tnwYZxCKdj8>

O cenário em que a escola espaço de nossa pesquisa se desenvolveu é conhecida como E.J.O.S sigla para a Escola Estadual José Oliveira Silva, esta pequena unidade de ensino possui apenas um portão duplo para entrada e saída. Entrando na escola, a direita, vemos um pátio com piso de cimento de entrada estreito onde estudantes costumam brincar, praticar esportes e realizar atividades de educação física, entre o muro alto da escola e a parede traseira de três salas de aula (com janelas engradadas e exaustores de aparelhos de ar-condicionado).



Imagen 04: Foto panorâmica da frente da escola estadual em 2024. Do Autor.

À esquerda um caminho estreito margeado pelo muro alto, pela janela da sala da diretoria (e uma estátua pequena e discreta de uma santa) e por uma porta de metal que leva às salas “dos fundos”: sendo duas salas de aula, geralmente, utilizadas por estudantes do nono ano do ensino fundamental e uma sala “depósito” de materiais de limpeza. O fim deste caminho onde os estudantes e funcionários guardam suas bicicletas leva aos fundos da escola onde encontramos um jardim – “o jardim das emoções” – ostenta uma frondosa árvore e um espaço calmo na qual estudantes sentem-se à vontade e são acolhidos. Saudamos a professora e coordenadora da escola Ana Paula Teixeira pelos projetos na área de ciências desenvolvidos na escola e no jardim das emoções.

Apresentando ainda, a paisagem da escola, a entrada possui uma pequena escada e uma rampa que permite acessibilidade. Um portão gradeado leva ao pátio principal

onde mesas grandes e largas, azuladas ou de cor bege e produzidas com bases metálicas e tampos de plástico ou madeira compensada, com algumas dezenas de cadeiras, de plástico, ou metal, predominante, com a cor azul. Eventos, palestras e a merenda no intervalo, geralmente, enchem este pátio que é rodeado por armários, eletrodomésticos como geladeiras e congeladores, um bebedouro, acesso aos banheiros (que, muitas vezes, estão precarizados), à janela da cantina/cozinha onde a merenda é cozinhada e servida duas vezes ao dia (turno matutino e vespertino).

Uma janela e uma porta dão vista para a sala da coordenação e um corredor à direita dá acesso às seis salas de aula. Três portas de cada lado deste corredor que termina em um portão de grades. Aos fundos da cozinha temos uma área restrita à funcionários. Tornando à entrada e, agora, mirando à esquerda temos a secretaria escolar, a sala da diretoria e, ao final de um estreito corredor, a sala dos professores e professoras. Há uma pequena sala de leitura com espaço para três mesas redondas e capacidade para uma dezena de pessoas. O acervo fica muitas vezes inacessível para os alunos desfrutarem com muitas exceções.

No corredor que leva às “salas dos fundos” temos uma pia (lavabo), dois banheiros de uso restrito aos funcionários, uma sala de recursos e um portão de grades que separa, muitas vezes, estudantes do nono ano do fundamental dos mais novos. A escola atualmente atende apenas as séries do ensino fundamental anos finais (sexto ao nono ano) regulares. Tendo cerca de 518 estudantes matriculados (as) distribuídos em dois turnos. Pouco mais da metade (a maioria) são meninas e a faixa etária varia dos 11 aos 16 anos com alguns discentes mais velhos. Metade destes estudantes são de famílias cadastradas no CadÚnico (Cadastro único para programas sociais) e/ou possuem Número de identificação Social (N.I.S), configurando a sua participação em programa do governo para pessoas em situação de pobreza ou vulnerabilidade

As paredes e bancas são marcadas. Avisos, cartazes, folhas com horários, “desacatar funcionário público é crime”, informes do sindicato dos (das) trabalhadores (as) da educação de alagoas (SINTEAL) ornam as paredes. Rabiscos, assinaturas, ‘pixos’ marcam as bancas, mesas e paredes. Apresentaremos, brevemente, a sala de aula. Nesta escola é possível encontrarmos muitos símbolos. Os cartazes de cartolina, papel, folhetos, cartilhas e outras produções manuais discentes são uma ferramenta interessante no enfrentamento às violências.

Encontramos em diversos cartazes, mobilizados de maneira sensível e informada, diversos assuntos como: machismo, racismo, inclusão, combate ao bullying ou, por exemplo, intolerância religiosa as produções são, muitas vezes, bem elaboradas e surpreendentes. Nas paredes da escola é possível localizarmos cartolinhas dos “trabalhos”, que muitas vezes estudantes perguntam ‘se vale ponto?’. Ainda, parecem uma forma de ensinar e dialogar com uma educação mais ética e democrática. Podia-se dizer que as paredes falam. Foi preciso ouvir/ver o que era dito pelos jovens da escola em suas paredes? Quais mensagens, códigos, signos compunham seu imaginário e seu universo simbólico?

A paisagem descrita acima, representada por “uma cacofonia de objetos que revelam a história do lugar”, lembra a frase “as paredes também falam” utilizada por Yves de La Taille (2020) ao descrever o ambiente escolar. As paredes de todos os estabelecimentos, sejam domicílios ou de ensino, falam. “Falam de valores”. A escola se propõe a falar de “cidadania, democracia, ética e cooperação, por exemplo, porém as paredes exaltavam valores individualistas, egoístas, vaidosos e gananciosos.” (La Taille, 2020, p. 248). As paredes da escola falavam algo que não estava no currículo formal e que fazia/faz parte da formação moral dos sujeitos naquela comunidade em que trabalhava.

As crianças e jovens expressam seus sentimentos e criatividade nas paredes, portas, carteiras, cartazes e demais espaços da escola. Há, também, pichações. O pixo e a pixação, para além de incivilidades ou simples depredações, são manifestações de sentimentos, de criatividade artística, rebeldia e insubordinação. Salientamos que as suásticas que foram desenhadas na escola não foram nos muros (internos ou externos) e nem com tinta spray. Muitas foram “pequenas, discretas” feitas a lápis ou caneta em bancas, carteiras, livros, quadros e papéis em parede. Foi comum nesta região vermos menções a grupos violentos como facções e organizações criminosas. Xingamentos, palavrões, desenhos fálicos e obscenos encontram-se na paisagem do ambiente escolar. Como esta dissertação parte de símbolos que consideramos perigosos, é preciso falar sobre os motivos do espanto. Abaixo, trazemos uma foto de uma sala de aula em que atuamos. As imagens são de 2024. Destaque para a imagem abaixo onde é possível visualizar um forro de teto caindo e uma parede muito pixada.

Além de ser uma forma de depredação do patrimônio escolar e manifestação de incivilidade, é uma possibilidade de estudarmos os símbolos que os jovens expressam e

quais mensagens podem ser compreendidas. Não normalizando a situação e sim reconhecendo e problematizando os fenômenos e de quais formas elas se manifestam. Com certeza, um ambiente depredado contribui para a piora do clima escolar e da convivência. Quando violências maiores ou “mais visíveis” tomam conta das relações e do espaço escolar, costuma ser tarde demais. Trouxemos uma citação que elucidou e fez compreender mais o universo em que a juventude se desenvolvia.

A falta de cuidado com a escola como pichações, depredações, vandalismos, revela indisciplina e sentimento de não pertencimento ao espaço, o que significa comprometer a qualidade do trabalho coletivo. Pequenos atos passam a ser considerados normais, devido à sua frequência, banalizam-se essas violências não sendo percebidas como tais, o que contribui para atitudes de agressão e de desrespeito ao outro. (Abramovay, *Et al.* 2021. p. 45).

Ora, por que o espanto em relação a um ou outro símbolo? Por que o exagero em querer mobilizar toda a escola para uma “Ação Antinazismo” quando temos jovens vítimas da violência urbana ou envolvidos com organizações que promovem violências mais letais? Após ter desenhado verbalmente a paisagem da escola, analisamos esta imagem: uma sala de aula, sem filtros, com “pichações”. Tentamos elaborar duas tabelas que pudessem explicar alguns dos símbolos que são “comuns” nas paredes, carteiras e livros da escola.

Por exemplo, vimos o característico “A” associado ao movimento anarquista ou ao anarquismo e, vimos pela cidade uma série de pichações com mensagens de protesto contra o “governo, o sistema, as eleições e ao capital” assinadas por um grupo autointitulado “AnarkoPunks do Vergel”. Utilizamos uma reportagem para fazer menção sem associar este grupo a qualquer tipo de violência extrema contra escolas, mas apenas a título de análise de símbolos encontrados no ambiente escolar e no universo imagético do imaginário de crianças e adolescentes durante a pesquisa. Na imagem abaixo observamos os fundos de uma sala de aula da escola em questão. Em destaque a sigla C.S.A. em referência ao ‘Centro Sportivo Alagoano’. Outras pichações podem ser vistas.

Na imagem vê-se também cadeiras, carteiras, um forro de teto de P.V.C. caído e um guarda-chuva rosa. Parte da paisagem da escola. Concordando com Yves de La Taille (2020), “as paredes também falam” e foi importante para esta pesquisa ter a atenção e a sensibilidade para ouvir o que estava sendo dito pelos estudantes, através

destes símbolos nas paredes. Por mais que a escola pregasse valores cidadãos formal e oficialmente, as paredes falavam de outros valores que estavam latentes no cotidiano destes jovens e recebiam pouca ou nenhuma atenção da equipe gestora e docente. Vistos como atos de vandalismo, o conteúdo era descartado e não levado em consideração.

Vimos isso como um erro e tentamos analisar abaixo alguns símbolos encontrados no ambiente escolar. Analisemos abaixo a imagem e, em seguida, as tabelas com pichações mais comuns e seus possíveis significados.

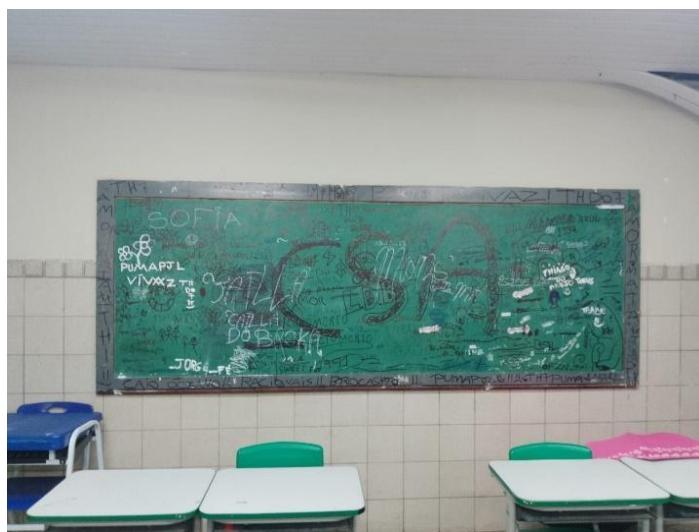


Imagen 05: Quadro pixado. Acervo do autor. Foto de maio de 2024.

Na Tabela 01 vemos os desenhos ou “símbolos” e uma transcrição/ descrição da imagem. Na Tabela 02 listamos os significados correlatos de cada. Notamos organizações do crime organizado, a ver, Comando Vermelho (C.V.; 2; O DOIS) e o Primeiro Comando da Capital (P.C.C.; 15; 1533; O TRÊS). E notamos as Torcidas Organizadas (T.O.) como preponderantes. As duas maiores torcidas: Torcida Organizada Mancha Azul, (T.O.M.A.), fundada em 1992 e a Torcida Organizada Comando Vermelho (T.O.C.V. – que não deve ser confundida ou associada diretamente à organização criminosa supracitada). São, respectivamente, os nomes destes grupos provenientes das siglas dos times de Maceió, o Centro Sportivo Alagoano e o Clube de Regatas Brasil, respectivamente, C.S.A. e C.R.B. Apesar de atos de violência e vandalismo e cânticos em que reforçam a lgbtfobia, por exemplo, esta pesquisa não analisará estas formas de violência. Observamos que os jovens percebem e sentem mais medo da violência policial (e, por isso, confiam menos nessa instituição) e sentem-se

acolhidos nestes grupos de torcidas organizadas. O estádio, os eventos, jogos e o senso de união e eventos benéficos agregam os jovens com senso de pertencimento, apesar da violência noticiada entre torcedores e contra pessoas inocentes.

A ideia de violência entre torcidas domina o imaginário e cria imagens negativas destes grupos e, não obstante, as mesmas torcidas representam espaços organizativos e de socialização destes jovens. Este universo atravessa a escola de diversas maneiras que a instituição, muitas vezes, não sabe gerenciar. Não pretendemos fotografar todos os símbolos encontrados ou pichações localizadas no espaço escolar. Esta lista pode crescer e se modificar tendo em vista a efemeridade dos eventos. Notamos também nomes, apelidos e, na era digital as arrobas (@) e as *hashtags* (# - etiquetas, *tags*.) que discentes consideram como forma de identificação, comunicação e autoafirmação. Discorremos, em outro espaço desta pesquisa sobre “currículo oculto”, “ideologia” e “culturas juvenis” para dar sentido ao que fora encontrado na pesquisa em campo.

Concentramos esta pesquisa na busca de simbologias neonazistas e, como exposto, encontramos algumas vezes na escola ao longo do desenvolvimento desta pesquisa. Nas vezes que estes símbolos aparecem, mobilizamos a escola em esforços de conscientização e prevenção a potenciais violências à luz dos acontecimentos contemporâneos que na mídia à época foram amplamente divulgados. Desta maneira, não nos concentramos em formas de violências duras contra e na escola como: o narcotráfico, a violência policial, brigas entre torcidas ou organizações criminosas. Não obstante, não diminuímos a importância destas manifestações, mas, por uma questão de recorte temático de nosso estudo, não as abordaremos.

A presença de xingamentos, palavras de baixo calão e xulas, manifestações de racismo, capacitismo, LGBTfobia, misoginia e outros discursos de ódio chamaram atenção. Como a incivilidade e formas de violência foram naturalizadas como forma de comunicação. Há uma recusa à moralidade e ao convívio ético (Moro, A *in* D'Auria Tardelli, 2024, p. 120) e uma aceitação da impolidez como distintivo da comunidade que cria laços de solidariedade nesta gramática violenta. Citamos abaixo e ilustramos em seguida por meio de duas tabelas com imagens de minha autoria da escola e significados investigados dos símbolos destacados.

A presença da impolidez e do obsceno, em um contexto de menor preocupação com a autopreservação, auxilia, de alguma forma, que os usuários se sintam em um espaço seguro tanto para expor suas opiniões quanto para considerar a opinião alheia em boa fé.

Semelhantemente, Wodak, Culpeper e Semino (2021) associam o uso proposital da impolidez à retórica populista. Os autores observam que o discurso impolido gera no auditório uma sensação de autenticidade que a aparente racionalidade intrínseca à polidez esconde (Maciel, L. P.; Gonçalves-Segundo, P. R. 2024, p. 17).

Tabela 01: Lista não exaustiva de algumas pixações comuns encontradas na escola, transcrição e significado. (Imagens 1,2,3,4 abaixo são de autoria minha)

IMAGEM	TRANSCRIÇÃO
<p>1- Img.1</p> 	<p>- L.D.B Também foi visto: - L.D.V – “Loucos do Vergel”</p>
<p>2- Img.2</p> 	<p>- C.S.A - “Mancha azul” - 1992- C.V. Também são comuns: M.A, T.O.MA; T.O.C.V; C.R. B</p>
<p>3- Img.3</p> 	<p>Tudo 2 Também são comuns: “TD 2” Ou Tudo Dois.</p>
<p>4- Img. 4</p> 	<p>- B.D.L- “Bonde dos loucos”. – Faccão. Também é comum estudantes formarem grupos de amigos com nomes “Bonde” ou “Tropa”</p>
<p>5- 1533</p>	<p>Remete à Faccão: - 1533; “Três”; - “3”; - “P.C.C</p>
<p>6- Img. 5</p> 	<p>- “A” - Fonte: “A vida secreta dos anarquistas em Alagoas 17/11/2019”. Disponível em: https://www.cadaminuto.com.br/noticia/2019/11/17/a-vida-secreta-dos-anarquistas-em-alagoas . Acesso em 20/06/2024</p>

Tabela 02: Lista não exaustiva dos significados de algumas pixações comuns encontradas na escola

TABELA DE SIGNIFICADOS
1- Img. 1- L.D.B- Sigla para “Loucos da Brejal”; grupo possivelmente envolvido em atividades ilícitas como tráfico e violência armada. Sem, contudo, ser extremista de direita.
2- Img. 2- C.V; MANCHA AZUL; 1992; - Ano de fundação da torcida organizada “mancha azul” (T.O.M.A) dos clubes de futebol locais rivais C.S.A. (cores azul e branca) e o C.R.B (cores vermelha e branca) com sua torcida organizada “comando vermelho” (T.O.C.V)
3-Img. 3- Possível referência à facção “Comando Vermelho”. Também vi a sigla “C.V.R.L.” outras denominações como “o dois (o 2)” são comuns. Representam formas de violÊncia dura contra escolas sem teor ideológico extremista de direita. Não confundir com a torcida organizada homônima do clube de futebol C.R.B, a T.O.C.V
4- Img. 4- “Bonde dos loucos” Grupo aparentemente formado por jovens sem conotação política ou extremista de direita. Seccional da torcida organizada Mancha Azul supracitada.
5- Em transcrição alfanumérica: 15= P e 3= C. Remete à facção criminosa “Primeiro Comando da Capital”. “o três”. Representa formas de violência dura contra escolas (tráfico, por exemplo)
6- Img. 5- Símbolo do Anarquismo é comummente visto na escola e remete a um grupo local conhecido como “Anarko punks do Vergel”. Movimento não é conhecido por atos de violência ou ataques contra escolas.

Estas imagens nos ajudam a pensar o lugar que os símbolos possuem no espaço escolar, uma vez que demarca o lugar e a identidade que muitos destes estudantes possuem em suas comunidades, e até veiculam as ideias sobre as quais eles se sentem pertencentes. Dito isto, ao apresentá-las esperamos colaborar para que possamos ter uma dimensão do espaço da escola e suas características, dimensão que pode ser pensada também, a partir da relação com outros meios como por exemplo, o livro didático, que é um importante recurso na formação da visão e da sensibilidade histórica dos estudantes.

Era comum ver nessas pichações xingamentos. Muitos de natureza machista/misógina, racistas, LGBTfóbicos e capacitistas com termos de baixo calão como “vadia; puta; macaca; aleijada; veado”. As paredes falavam de incivilidade, de intolerância e ódio. É preciso que docentes tenham sensibilidade e olhar crítico para identificar estas formas de violência que fere o ambiente escolar, prejudicam a convivência e criam um clima insalubre. Identificar os responsáveis e acolher todos os envolvidos em busca de uma reparação justa deve ser o caminho. Contudo, essas pichações são negligenciadas e o esforço de apagar estes símbolos é uma “tarefa de sísifo” posto que as pichações tornam a aparecer em pouco tempo.

Também observamos a presença de símbolos relacionados à ostentação; a cultura de consumo, dinheiro. Como “\$”. Notamos à presença de nomes, que pareciam clamar por atenção ou para serem notados. E, para reiterar a importância de investigar as culturas digitais, muitas pixações com a ‘arroba’ (@) dos jovens que divulgavam assim seus perfis em redes sociais como Instagram ou TikTok. Cito La Taille por ter entendido uma cultura evidentemente de Vaidade (La Taille, 2009).

Você quer um lugar na sociedade? Não cometa a loucura de não participar das redes sociais e coloque no Facebook fotos suas, escreva histórias que lhe aconteceram, opiniões que surjam de repente nas suas sinapses, revele seus sentimentos, etc., e convide o maior número de pessoas a seguir a sua pequena saga cotidiana.” (La Taille, 2016, p. 37).

Numa sociedade permeada por telas e interações digitais espetaculares ou espetacularizadas. Marcada pela produção-consumo de conteúdos digitais e pela transformação da própria vida cotidiana em espetáculo a ser consumido e validado por outrem. O vaidoso viveria uma vida no olhar alheio dedicaria seus esforços a ser aceito

pelo olhar julgador da multidão. A Escola ainda não comprehende as complexidades do universo digital e de uma geração exposta às telas e sem privacidade desde o berço.

1.2. *Culturas juvenis, currículo oculto e ideologia*

Foi preciso refletir sobre ‘culturas juvenis’ e como a juventude é produtora e formuladora de suas próprias culturas (Amaral; Ferreira, 2014, p. 217 *in* Botler, A. M. H, 2020, p. 27) e transformadora das culturas existentes. Entendemos a partir da leitura de Alice Botler e sua pesquisa (Martins; Dayrell, 2013; Amaral; Ferreira, 2014 *in* Botler, A. M. H, 2020) o jovem como ser “incompleto, imaturo, que precisa ser educado e preparado para vida adulta”. Tem seus próprios modos de vida e interação com o mundo. As juventudes, no plural, possuem particularidades e especificidades, de acordo com marcadores de classe social, origem e acessos à serviços e educação.

As pesquisas mostraram que as juventudes não são ameaça; pelo contrário: revelam suas potencialidades, por meio das quais se valorizam a vida, a criatividade e a energia. Castells (2013, p. 10 *in* Botler, A. M. H, 2020, p. 27). Na Escola haveria o entrecruzamento de “emoção e cognição, trabalho e experiência, história pessoal e esperança no futuro”. Os jovens ainda seriam associados à retomada das dimensões pública e humana da intersubjetividade com uma energia pulsante, questionadora, curiosa e construtiva, ora com reações explosivas, com exageradas críticas e certo autocentrismo que, por vezes, manifesta-se na forma de conflitos. Entendemos que os conflitos são naturais e ocorrem num espaço diverso, democrático e saudável. Contudo, damos atenção a como se resolvem esses conflitos. Por vezes, resultam em violências (Botler, A. M. H, 2020, p. 27).

Compreendemos que o currículo formal, a Base Nacional Comum Curricular e o Referencial Curricular de Alagoas não comprehendiam sinais, códigos, gestos e fazeres comuns dos jovens da escola. As culturas juvenis e infantis eram negligenciadas em uma instituição que pude considerar a partir de Abramovay (2021) “Adultocêntrica”. Para uma prática docente melhor, é preciso compreender o universo simbólico e cultural daquela comunidade; daqueles jovens. Pude entender este conjunto de saberes que corriam ‘em paralelo’ ao currículo formal como “Currículo Oculto”

Silva (2005) apresentou, após traçar uma perspectiva histórica do conceito, que o currículo oculto é “constituído por todos aqueles aspectos do ambiente escolar” que influenciam o ensino e a aprendizagem implicitamente sem constar de maneira oficial ou explícita nas matrizes curriculares oficiais (Silva, 2005. p. 78). Esta ideia, segue o

autor, jogou luz em algo que estava, como dito, ‘oculto’ e foi tornado consciente. Aqui, “desocultamos” o que falam as paredes. Ou que esses jovens comunicavam, através das paredes. Talvez na esperança de serem ouvidos/vistos/reconhecido(a)s. “Tornar-se consciente do currículo oculto” pode, em certa maneira, “desarmá-lo” (Silva, 2005. p. 80).

Não consideramos o conceito desgastado ou ultrapassado apesar do autor destacar esse ponto. Ademais, concordamos com a visão atribuída a Althusser onde a Ideologia [dominante] “expressava-se por meio de rituais, gestos e práticas corporais” mais até do que manifestações escritas. Assim, a Ideologia era aprendida neste “Currículo oculto” (Silva, 2005. P. 77). Nós acreditamos ser importante, destacar através da perspectiva marxista sobre a questão da Ideologia exposta na obra “A Ideologia Alemã” (Marx & Engels, 2009). Originalmente um manuscrito publicado postumamente cuja autoria pode ser questionada no cânone marxiano, esta obra deixa patente que “A ideologia dominante de uma época é a ideologia das classes materialmente dominantes”.

Os detentores dos meios de produção são, predominantemente, os detentores dos meios de reprodução cultural (ideológico), compreendida de maneira dialética e, não automática. Neste sentido, a escola é um espaço (em disputa); um aparelho de dominação e reprodução cultural das classes dominantes, também o são em grande medida, o livro didático, os profissionais e o currículo. Permeada de violências diversas, duras, institucionais ou simbólicas. Sendo, também, em certa medida um terreno de disputa, emancipação, crítica e empoderamento. Destacamos, a “Ideologia Alemã”, de Marx e Engels que discutiu a questão da formação das consciências e cada momento histórico ligando à produção da vida material e ao controle dos meios de produção por uma determinada classe. Pensando nisto:

Os pensamentos da classe dominante são também, em todas as épocas, os pensamentos dominantes, ou seja, a classe que tem o poder material dominante numa dada sociedade é também a potência dominante espiritual. A classe que dispõe dos meios de produção material dispõe igualmente dos meios de produção intelectual, de tal modo que o pensamento daqueles a quem são recusados os meios de produção intelectual está submetido igualmente à classe dominante. Os pensamentos dominantes são apenas a expressão ideal das relações materiais dominantes concebidas sob a forma de idéias e, portanto, a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante; dizendo de outro modo, são as idéias do seu domínio. (Marx e Engels, 2009, p. 67).

Destacamos as contribuições de Garcia (1999) sobre o processo formativo docente apontando os três a cinco primeiros anos como uma “fase de iniciação” (Garcia, 1999. p. 26) marcada por uma aprendizagem “na prática” de “estratégias de sobrevivência” ao ambiente escolar, suas rotinas e normas. Pode-se dizer que é um momento turbulento, muitas vezes traumático e decisivo na formação do professor. Compreender o que as paredes da escola falam e traduzir isto para um saber docente que abra possibilidades mais otimistas é desafiador. Os anos iniciais na profissão foram realmente desafiadores. Muitos colegas desistiram ou mudaram de ofício. A adaptação aos ambientes escolares, à precarização da profissão e aos ‘currículos ocultos’ foi uma experiência difícil com suspiros de gratificação e alegria. Após certo período de tempo foi comum observar entre colegas de profissão uma certa “estabilização”, por vezes, um certo comodismo que levava, infelizmente, à uma postura imóvel. Os Docentes paravam de estudar ou não seguiam um processo de formação continuada. O que levava a um processo quase maquínico de reprodução de fórmulas e aulas prontas.

Afirmar que o ethos brasileiro em muitas regiões é “conservador” não é exagero. Vivemos em um país em risco de avanço cada vez mais do processo de extremização política de direita, lócus preferencial de manifestação das culturas políticas que se relacionam a perspectivas neofascistas e neonazifascistas. Tal dimensão, encontrou na cultura digital, acessada pelos nossos estudantes através de seus aparelhos celulares e a visita a ambientes de internet, um campo fértil. Uma paisagem *tecnomidiática* (Goldsen), problematizar tal espaço nos ajuda a compreender símbolos, gestos, enfim, a linguagem desta juventude aparentemente alfabetizada por estes aparelhos e seus variados softwares.

Discorremos nas próximas linhas sobre o que podemos denominar de “Culturas” e “Paisagens” digitais. Recorremos ao conceito de ‘tecnosfera’ de Peter Haff (2014) e procuramos assim, relacioná-la aos desafios que se apresentam ao ensino de História. Tal perspectiva pode ser pensada como:

Um dos maiores dilemas da humanidade no presente século é justamente como continuar a produção ou desenvolvimento da tecnosfera, de modo a beneficiar todos os povos, sem impactar de forma destrutiva o ecossistema, a ética e a democracia. Daí podermos revisitar uma fala de Paulo Freire em tempos pré Web 2.0: “as tecnologias na educação precisam estar a serviço de relações e produções de reconhecimento, ajudando na curiosidade epistemológica através da expressão criativa e cooperativa, oportunizando uma formação

democratizada dos saberes (Freire, 1992, p. 147 apud Szlachta e Ramos, p. 18 in Rodrigues Jr. e Fronza, 2021).

Refletir a respeito deste cenário e das dinâmicas que se apresentam, da relação entre o acesso de nossos estudantes ao ambiente virtual, e quais as realidades e acesso a conteúdo dos mais diversos matizes, dentre eles, conteúdos neonazistas, podem colaborar para que possamos compreender a forma como as suásticas circularam no ambiente escolar. É fundamental pensar os impactos das culturas digitais e suas paisagens neste local e de que forma elas circulam.

1.3. *Culturas digitais, paisagens digitais.*

Diante dos desafios impostos, pelo tema da nossa pesquisa, ficou evidente que na condição de mestrando do Programa de pós-graduação Profissional da Universidade Federal de Pernambuco, o meu “arquivo” “laboratório de pesquisa” em História ensinada não seria apenas o “chão da sala de aula”, mas também, o ambiente virtual ou as “culturas digitais”. Precisamos neste processo investigar esse universo simbólico, os seus códigos, os seus fazeres e as culturas juvenis conectadas virtualmente por poderosíssimas tecnologias. O ensino de História passa por uma crise estruturante relacionada ao papel da ciência e da educação em tempos de avanço predatório do neoliberalismo e do discurso anti-intelectual. Além disso, os desafios impostos pelas novas tecnologias e as fronteiras decadentes entre o que é verdade e o que mentira. Assim sendo, tecemos algumas reflexões sobre o Ensino de História no Século XXI tendo vivenciado este primeiro quarto.

Chamou atenção a conectividade virtual de muitos jovens. Através de computadores, tablets e, principalmente, aparelhos celulares. Por meio de aplicativos de mensagens instantâneas, jogos on-line como free fire, roblox, minecraft e redes sociais como instagram, tik tok, facebook (meta), snapchat, pinterest, Twitter / X. Analisamos também o que chamamos de ‘paisagem virtual’ ou ‘digital’ por haver entendido que discentes estavam passando muitas horas por dia conectadas em seus aparelhos eletrônicos. É possível observar que jovens passam de 5 a 12h por dia de uso no celular em jogos ou redes sociais com destaque para Fee Fire, Instagram e TikTok.

Como esta pesquisa analisou comunidades virtuais e redes sociais, consideramos o conceito de “paisagem digital”. Podem ser telas de games, jogos, aplicativos (*apps*) tendo em vista a quantidade de tempo que estudantes têm utilizado seus aparelhos de comunicação. Rose K. Goldsen fala sobre uma *mediascape*- uma paisagem midiática a

época caracterizada principalmente por anúncios na TV (Goldsen, R. 1975, p. 5 *in* Berardi, 2015, p.35). Essa “mediascape” ou ‘paisagem tecnomidiática’, que desenvolvemos adiante, estas *paisagens digitais* são uma coleção de marcas, rótulos e imagens de “Fantasmas ideológicos que se referem a nada além deles mesmos.”. (Tanner, 2016). Utilizamos o geógrafo Antônio Carlos Vitte (2007) que citamos para compreender o conceito de paisagem e espaço-tempo. O autor lembra do mote neoliberal que afirma não haver alternativa ao sistema capitalista

Na atual fase, em que “não há outro caminho”, como dizem os ideólogos da globalização, a prática social e sua intencionalidade objetivam o prazer particular, desconexo da coletividade caracterizando-se pela fragmentação de todas as esferas da vida social, partindo da fragmentação da produção, da dispersão espaço-temporal do trabalho, das identidades e das lutas. Agora a sociedade aparece como uma rede instável, efêmera e de estratégias de competição. Neste contexto, sociedade e natureza deixaram de ser um princípio de estruturação e diferenciação das ações naturais e humanas e tornaram-se entidades abstratas, sujeitas às ações estratégicas de controle e planejamento que viabilizariam a intervenção tecnológica. (Vitte, 2007. p. 77)

Citamos novamente o geógrafo paulista (Vitte, 2007) que sintetizou a concepção de Milton Santos sobre espaço e como cada sociedade através de suas normas e regras culturais impõe à natureza e aos seus processos uma plasticidade. O espaço seria uma “forma conteúdo” existindo apenas em relação aos usos e significados humanos existentes. Uma construção cultural em processo contínuo, a paisagem seria a representação do espaço em um dado momento histórico. (Santos, 1996. *in*. Vitte, 2007. p. 77).

A imagem abaixo reúne elementos estéticos wave, glitch, pop e cultura digital dos anos 1990. Uma paisagem digital. Essa estética foi rapidamente adotada pela alt-right, ou nova extrema direita e movimentos supremacistas e/ ou neonazifascistas. Citamos o movimento Flashwave e veremos adiante o conceito de cybernazismo. Por ora, mencionamos brevemente para análise dos objetos propostos. As telas e sons pulsantes dos dispositivos eletrônicos conectam quase 90 por cento da população brasileira - milhões de jovens, adolescentes e crianças discentes na rede pública de ensino básico- à internet e suas veredas que prometiam liberdade, democratização do conhecimento e conectividade em um mundo sem fronteiras (a farsa ou fábula da globalização preconizada por Milton Santos) e entregou discurso de ódio, articulação de

movimentos violentos e traumas coletivos em um contexto que remete às leituras dos odiosos Nazifascismos do século passado.



Imagen 06: Glitch art em cima de elemento pop do design. Elementos da cultura pop do século XX, webdesign dos anos 90, elementos da cultura greco-romana. Uma regurgitação do passado. Imagem retirada do vídeo “Frozen Capitalism: Haunted By Vaporwave”, em 00':44''. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9GklhS6VVLk> Acesso em 14/04/2024

Além do território do Vergel, além da paisagem urbana e dos muros da escola, debrucei-me sobre as “culturas digitais” (Gere, 2008) por entender que boa parte do tempo, os jovens estavam conectados em seus aparelhos telefônicos (smartphones) em jogos eletrônicos e “mídias sociais”. A formação desta juventude, em meu entendimento, estava sendo compartilhada. Passavam 5h por dia na escola e 10h por dia, às vezes, “de telas”. Diversas vezes utilizavam os aparelhos em sala de aula. Totalmente alheios ao que estivesse sendo ensinado pelo (a) professor (a). Para compreender os desafios de ensino de História no presente, investigamos o universo simbólico da juventude conectada por telas e refletir sobre o fenômeno da violência contra escolas. Lembramos o relatório sobre extremismo de direita e destacamos que o processo de sectarização violenta de jovens do sexo masculino começava, *a priori*, com memes misóginos. (Cara. Et al. 2022 & Santini. Et al. 2023).

Recorremos ao relatório do Instituto Tricontinental sobre Hyperimperialismo (2024). Destacamos a materialidade das tecnologias. Apesar de termos como “nuvem” ou “sem fio” serem utilizados comumente, grandes empresas de tecnologia são detentoras de fontes de energia, centros de processamento e armazenamento de dados, redes quilométricas de cabos submarinos, redes de telecomunicações e satélites. Destacamos também a íntima relação destas empresas com os projetos imperialistas do norte global. O relatório destacou o conceito de “soft power” e lembra o conceito de “Hegemonia” de Antônio Gramsci. “Cultura, informação, entretenimento, organizações

não governamentais O.N. G's, Academia e *think tanks*”. (Tricontinental, 2024, p. 430) O relatório ainda apresenta uma sequência interessante da evolução histórica dos meios de comunicação.

Houve aproximadamente cinco estágios de tecnologias de comunicação no século passado:

1. Rádio de mídia de massa, telefone e 'talkies' (1920-1950).
2. Televisão e a ascensão da publicidade na Madison Avenue (1950–1970).
3. Revolução digital, o crescimento em larga escala da Internet (que na verdade começou como um projeto militar dos EUA em 1969) (1980-2000).
4. Mídia social móvel e de primeira geração (2000–2005).
5. *Monopólios difundidos de dispositivos móveis, dispositivos inteligentes e streaming de vídeo OTT, como Netflix, Amazon Prime, Disney+, CGI, Realidade Aumentada e Virtual e, em breve, mídia influenciada pela IA (2005–presente)*”. [grifo meu para enfatizar que este estágio fora o foco desta pesquisa]. (Tricontinental, 2024, p. 46)

Não restavam dúvidas sobre quem controlava estas tecnologias e lembro aqui da parcela “1% mais rica do mundo”. Os meios de comunicação são grandes oligopólios que tem uma força quase hegemônica. Podemos utilizar o conceito de “Massas” ou “Indústria Cultural” e apenas, brevemente, de forma não extensiva. O que consideramos pertinente chamaria de “Editorial”. O que estas pessoas acreditavam ou tinham como visão de mundo. Aqui problematizamos: a ideologia das classes tecnologicamente dominantes ainda hoje é imposta às massas que têm acesso a estas tecnologias.

Entendemos que famosos “magnatas da tecnologia” como Elon Musk e Mark Zuckerberg não hesitavam em flertar com a extrema direita. Os seus discursos refletiam em uma política de “liberdade de expressão absoluta” em suas plataformas, por exemplo, que facilitaram a livre circulação de discursos de ódio, monetizam conteúdos de comunidades criminosas mórbidas e não moderam conteúdos de maneira que massacres escolares tinham livre espaço para serem até exaltados e glorificados nestas redes. A ideologia destes tecnocratas do vale do silício, facilita a violência extrema contra escolas no Brasil que, de forma dependente, ainda não possuía uma regulamentação séria destas tecnologias estrangeiras que operam em seu território. Observei como os discursos da extrema direita conseguem ter ampla circulação nas redes e chegam na juventude conectada muito cedo.

Destaco que a misoginia é a porta de entrada e elemento aglutinador destas comunidades virtuais. Salientamos que, até o momento deste texto, a misoginia seria a única conduta “não criminalizada” nos termos da lei, de maneira que em comunidades

de ódio é comum que os administradores (admins) instruam novatos a usarem linguagem misógina, contudo, evitando outros discursos (como racismo) posto que poderiam “derrubar o grupo”. Ou seja, o ódio contra mulheres tem sido instrumentalizado pela extrema direita. Refletimos que o Ensino de História ainda pode ser uma ferramenta útil para a humanidade se propondo a combater, por exemplo, o neonazismo. De maneira que empodere meninas nas escolas, eduque a juventude a práticas mais pacíficas e assegure o direito à educação livre, laica, crítica, pública, gratuita e de qualidade. Acerca deste tema recorremos ao trabalho da jornalista Letícia Oliveira que investiga comunidades de ódio em ambiente virtual (Lemos, B. Oliveira, L. Azevedo, T. 2023). e ao Relatório sobre publicidade abusiva e misoginia (Santini, *et al*, 2024.)

É possível observar como a extrema direita cooptou e se apropriou do movimento artístico supracitado e criou um universo simbólico e imagético próprio. Com discurso de ódio e alta estetização, estas imagens são atraentes aos jovens. A imagem abaixo retirada de uma reportagem da revista *Veja* mostra como a estética “wave” foi apropriada pela extrema direita e como circulam imagens e símbolos de ódio como a suástica numa roupagem “mais moderna”. Chama atenção a figura de Donald Trump e os dizeres “you are fake news”, traduzida por: vocês são notícias falsas, frase comumente repetida pelo empresário e político Republicano em ataques à liberdade de imprensa. Podem aparecer em redes sociais, jogos, *chats* ou interações virtuais. Lembramos que o tempo de tela desta juventude superava em muitos casos o tempo de sala de aula. Vi casos de jovens que passaram doze horas num dia usando suas redes sociais no celular em casa.

O desafio para o Ensino de História se manifestou neste cenário em que a juventude estava se formando em ambientes de socialização virtuais dominados por propaganda que reflete o que Furio Jesi (2011) poderia enquadrar como “Cultura de Direita”. Abaixo analisamos algumas imagens que circulam pela internet. Vemos símbolos da extrema direita e neonazifascistas como o “sol negro” [schwarze sonne], a cruz suástica, o ex-presidente dos Estados Unidos e candidato republicano Donald Trump e mensagens aceleracionistas como “sem tempo”. E mensagens racistas como “Abrace sua raça”.

Em um design futurista, ao mesmo tempo, nostálgico. Com elementos de arte glitch, pop, vaporwave. Imagens como estas acabam por serem comuns e aparecem entre vídeos curtos, memes, fóruns e chats dos mais diversos.



Imagen 07: quatro ‘memes’ de extrema direita ou ‘direita radical’ com a estética ‘flashwave’. Disponível em: https://veja.abril.com.br/tecnologia/fashwave-o-que-e-o-novo-símbolo-da-direita-radical-brasileira/#google_vignette. Acesso em 20/05/2024

No início do século XXI pôde-se observar os contornos de um fenômeno denominado de *Cybernazismo* contemporâneo. Para compreender esta digitalização dos autoritarismos e os autoritarismos da digitalização da vida recorremos a definição dada por Roger Griffin (2000) de cyberfascismo que nesta pesquisa chama atenção. Define “Como a visualização do pensamento e ação fascistas. Cyberfascismo é altamente fluido e carece de coesão ideológica e de um centro organizacional claro (Fieltz & Marcks, 2019)”. A “máquina mitológica” (neo)nazifascista tem um vazio sempre preenchido por elementos da cultura de direita dos últimos duzentos anos do ocidente cristão e capitalista e são transformados em Mitos de grandeza nacional/ racial que mobilizam paixões individuais ou coletivas em uma leitura de Furio Jesi (2011).

Ainda sobre o cyberfascismo, e os neonazifascismos, estes diferem dos movimentos no século XX onde havia uma estrutura burocrática estatal (estatolatria), rígida e totalitária. As mídias digitais e tecnologias emergentes desacoplaram ainda mais de um restrito fascismo nacional-estatista, revelando suas muitas e incontáveis faces e reconfigurações transnacionais.” (Griffin, 2018, p. 43. *in* Thorleifsson, 2021, p.288). Esse fascismo característico de uma sociedade mais globalizada e conectada por dispositivos tecnológicos de comunicação digitais.

1.4. *O ensino de História e os desafios do tempo presente*

O que estamos querendo dizer é que o Holocausto não é em si a essência da discussão sobre Direitos Humanos, mas parte integrante da universalização desses direitos. Falar sobre o genocídio perpetrado contra a comunidade judaica e diversos outros grupos durante o regime nazista é tornar evidente que seu ensino possibilita o retorno a discussão social da alteridade ou daquilo que Lévinas chamou de “encontro”. Nesse sentido, o ensino de história do Holocausto não só é uma ferramenta contra o avanço do processo de brutalização e fascistização da sociedade, mas se encontra como um mecanismo fundamental de resistência, sendo um ato concreto de frear a reprodução de atos fascistas. (Schurster, 2020, p.????).

Em tempos da chamada inteligência artificial, os papéis da História e do seu ensino devem ser repensados. Questionamento como: Para que serve a ciência Histórica nesta pós modernidade de “passados indistintos”? Para que serve o/a docente nesta época de “máquinas que ensinam crianças”? Para que serve a escola nesta quadra de individualismo e neoliberalização das subjetividades? Estas questões norteiam o atual desafio de ensinar História no Século XXI. Repensar os campos e papéis a serem desenvolvidos é tarefa obrigatória e urgenteposta diante de nós.

É seguro afirmar que diversas forças sociais disputam os rumos da educação no Brasil e agentes mercadológicos que entendem a educação como mercadoria, neste embate, ganharam muito dinheiro. Os ataques contra a educação são diários e constantes e as tensões dentro e fora da sala de aula são via de regra. O atual estágio do capitalismo tem imposto uma maior precarização da força de trabalho, novas patologias e o recrudescimento de estruturas sociais e de sociabilidade que promoviam bem-estar.

Os currículos neoliberais como a BNCC e as normativas internacionais como da UNESCO alinham-se na construção de uma didática voltada à competição, ao empreendedorismo de si, a concorrência como fundamento e o enaltecimento do setor privado e da sociabilidade da mercadoria. Esta pedagogia neoliberal abre as portas para o ideário neofascista como vimos anteriormente. Entendendo que esta neoliberalização capitalística promoveu a ascensão de formas neonazifascistas de agir e governar é importante repensar os métodos de atuação. Pierre Dardot e Christian Laval refletem em sua “Nova Razão de Mundo” (Dardot & Laval, 2016) como o Neoliberalismo se transforma em uma lógica; uma visão de mundo.

Teorizam o que podemos entender como “homem neoliberal” que se gerencia como uma empresa dentro de uma lógica de individualização e competição. Rodrigo Turin em seu texto observa que “com a vinculação atual entre razão de mercado e razão social, apresenta-se a necessidade de uma reeducação neoliberal do cidadão.” (Turin, 2019, p.22) e, posteriormente, “a rede semântica que vem ordenando essas novas equações entre ensino, sujeito e sociedade incide em uma reestruturação de todos os mecanismos modernos de sincronização social” (p.23) Compreender a semântica neoliberal e como palavras como flexibilidade, empregabilidade, resiliência transformaram-se em termos que não permitem um horizonte de mudanças e apontam para uma sociedade onde a mudança é impossível e o sujeito não conseguindo transformar o meio deve sempre adaptar-se.

A semântica Neoliberal não possui dimensão de movimento. É um “Tempo desconjuntado” (Phillip K. Dick). Qualquer movimento que proponha uma mudança é rapidamente rechaçado. O capitalismo aparece como única alternativa possível (T.I.N.A). E sua lógica de exploração, acumulação e valorização do valor encontra limites da natureza e da humanidade. Rodrigo Turin nos lembra que a “A temporalização (Verzeitlichung) dos conceitos modernos implicava a abertura de um “horizonte de expectativa” que eles não possuíam anteriormente” (Turin, 2019, p.26) o que dava uma dimensão de movimento. No presente, o futuro aparece como indisponível e o Tempo se mostra como um ‘eterno presente’ de passados regurgitados na forma de ‘assombrações’ espetrais possibilitadas pelas ferramentas tecnológicas. O neoliberalismo inunda as escolas através de vários tentáculos como venda de materiais, consultorias ou privatizações.

É preciso repolitizar a escola e a sala de aula para conter quanto possível for estas forças mercadológicas que entendem educação como um produto que deve gerar lucro para poucos às custas de sua precarização e sucateamento. Observamos como no relatório “extremismos de direita e ataques contra escolas” que a retirada de componentes curriculares das ciências humanas, sua redução gradual ou substituição por intinerários formativos (ou trilhas de aprendizagem) causam prejuízo e dificultaram o avanço da construção de ideias “justiça, solidariedade, respeito aos direitos humanos e combate aos preconceitos de qualquer natureza.” (Cara, *Et al.* 2022. p. 5)

O trabalho foi coordenado pela professora Dra. Miriam Abramovay (Abramovay, 2022) sobre violência nas escolas traz relatos de grupos de discussões sobre a educação durante a pandemia de COVID-19 e a seguinte reflexão nos é válida

neste trecho. Tais relatos despertam a emoção de quem viveu este período. As dificuldades, os sofrimentos e as violências sofridas por profissionais da educação foram diversas. A sociedade brasileira viu uma forma de governo fascista durante um episódio de pandemia e pôde testemunhar como uma extrema direita institucional pode operar.

Os discursos de ódio normalizados no debate público transbordam em ações de violência. Citamos um aumento à exposição a qualquer tipo de conteúdo da internet sem mediação responsável, na maioria dos casos os relatos de jovens cronicamente on-line leem-se: “Fiquei jogando Free Fire, assistindo Netflix, comendo pipoca”; “[...] a minha rotina era acordar, tomar café, almoçar, ir pro videogame, ficar jogando, oito horas da manhã tomava banho, dormia, aí todo dia essa rotina”. (Abramovay, 2022. p. 36). Como mostram dados do IBGE sobre consumo de produtos culturais no Brasil.

Mark Fisher apontou um problema que os docentes podem observar em sala de aula, acerca da concentração dos alunos ou a capacidade de fixar conteúdos importantes das ciências e das artes. Professoras e professores sofrem uma violência ao tentar competir pela atenção desta juventude com as mídias sociais e aparelhos telefônicos com suas cores brilhantes e sons. Tal realidade, colabora

No cenário em que crianças, jovens e adultos pertencem à cultura digital, por nascimento ou adesão, os desafios para a educação são da ordem de buscar uma nova compreensão da cultura que está sendo remodelada. E se o campo da sala de aula está fixado nos trilhos da tradição, os estudantes que dela fazem parte vivem outra lógica, situada na cultura digital, distinta da educação tradicional.” (Casagrande, A. L.; Costa, A. F. C.; Fernandes, T. 2019, p. 1028).

Os desafios docentes como apresentado na citação, nos ajuda a perceber o impacto que a cultura digital promove no espaço escolar, constituindo-se uma realidade na qual nós enquanto professores não podemos deixar de observar, mas procurando promover uma discussão crítica no espaço da sala de aula.

Daniel Cara e sua equipe nos lembram em relatório que pudemos observar “o crescente uso da internet e do compartilhamento de informações, sem que a escola tenha papel na educação crítica midiática e tecnológica das e dos estudantes. (Cara, *Et al.* 2022. p. 5). O ensino de História tem papel crítico nesta seara de proporcionar reflexões sobre estes tempos e as possibilidades que se apresentam, pois

Nessa conjuntura, importante salientar os prejuízos causados pela redução gradativa da presença dos componentes curriculares de

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (Geografia, História, Filosofia e Sociologia) no Ensino Médio, sendo substituídos pelos Percursos Formativos (ou Trilhas de Aprendizagem) que são insuficientes para avançar na construção de ideias de justiça, solidariedade, respeito aos direitos humanos e combate aos preconceitos de qualquer natureza. Ainda, dentro de uma atuação no campo pedagógico, cabe reforçar o crescente uso da internet e do compartilhamento de informações, sem que a escola tenha papel na educação crítica midiática e tecnológica das e dos estudantes.” (Cara, *Et al*, 2022, p. 5)

O clima de “fim de mundo” estava posto entre estudantes e você poderia perguntar, como fizemos, reiteradas vezes, em sala de aula. Muitas (os) estudantes relataram à época que não acreditavam que o planeta ou a humanidade durariam mais do que cinco anos. Tais conversas ocorridas entre 2022 e 2024 junto aos discentes da escola pesquisa, nos fez observar que existia um padrão de pessimismo quanto ao futuro, profundamente marcado por uma crença no fim do mundo iminente por diversas causas (religião, guerra nuclear, pandemia, clima...) eram latentes. Um niilismo quase patológico.

Berardi apontou este niilismo como elemento fundamental nos ataques de violência em massa. O autor diferenciou, a partir de Nietzsche e Heidegger, dois tipos de Niilismo. Um que ele chamou de “Hermenêutico”, onde a existência humana não possuiria significado ou sentido transcendental e isto permitiria reflexões mais elevadas. Um outro tipo, que Berardi apontou como mais comum entre a elite dominante, “aniquilante”, pois este niilismo parece “produzir *nihil* [nada] como seu efeito” (Berardi, 2015. p. 59). Aqui estaria uma base fundante do sistema capitalista global cada vez mais imaterial e intangível onde a riqueza concreta é destruída de maneira a facilitar o acúmulo de valor abstrato.

O intelectual italiano entendeu de maneira correta que um sistema que tem seu cerne em contratos que se valorizavam por meio da destruição de empresas, fábricas e empregos. Esse tipo de lucratividade seria essencialmente constituído na aposta da degradação do planeta. Berardi conclui com uma visão humanista alegando que o mercado financeiro se revela “como uma forma de crime ideal ativamente estabelecendo o suicídio como núcleo do jogo social.” (Berardi, 2015. p. 60)

Wendy Brown ressalta este niilismo como produto da sociabilidade neoliberal. A autora citou ainda o filósofo alemão Nietzsche alegando que o niilismo começaria com a “ascensão da razão e da ciência como desafios a Deus” e outros tipos de autoridade, revelando que todo sentido ou significado inerentes são apenas construções humanas.

Lembrou ainda a autora do conceito weberiano de “desencantamento do mundo” (Brown, W. 2019. p. 196). A autora citou Hans Sluga acerca de uma definição deste niilismo. Há uma constante renovação e descarte de valores mais efêmeros e cada vez mais desvalorizados. Uma desimportância pois

[...] não é um niilismo em que não há nenhum valor; o niilismo não é uma condição na anomia; antes, é um estado no qual os valores que possuímos tornaram-se desancorados. Isso se mostra numa multiplicação de valores, na produção de valores sempre novos, mas também em sua desvalorização sempre renovada em seu descarte e substituição constantes. Os próprios valores perderam, assim, seu valor; e, consequentemente, não há valores mais elevados ou rebaixados; todos os valores são iguais; eles se tornaram modas que vêm e vão, todas igualmente triviais. Sob essa condição, nenhuma grandeza é mais possível; a própria trivialidade torna-se um de nossos valores. Um sinal dessa forma de niilismo é a dissolução da distinção entre verdadeiro e falso, o momento em que não podemos mais discriminar entre notícias reais e notícias falsas (Sluga, 1997 *apud*. Brown, W. 2019. p. 198).

Ao tratar da supremacia branca a ideia de “degradação dos corpos negros” com o propósito de exercer controle. O terror é fundamental para o controle e se daria minando e destruindo a autoestima. Convencendo que seriam menos capazes, mais feios, com menor intelecto. Este grupo viveria, de acordo com Cornel West, um niilismo em que a “vida seria sem sentido” sem esperança ou amor em uma “cultura de consumo imposto pela lógica branca” (West, 1993 *apud*. Dias, 2018, p. 36). Esta cultura de consumo foi a mesma tratada por Yves de La Taille ao tratar de duas forças presentes e que interessam a esta pesquisa sobre violências contra escolas: as culturas do Tédio e da Vaidade. Assim, ensinar História no século XXI deve levar em conta este *clima*, este momento ou sensação.

A partir da chave de leitura de Wendy Brown e Berardi, refletimos sobre os impactos do neoliberalismo na moral dos sujeitos criando um niilismo perigoso em que valores morais são efêmeros. Instaura-se o “crepúsculo do dever” (Lipovetsky). Não obstante os diversos ataques mercadológicos ao direito à educação e as múltiplas formas de violência na/ da e contra a escola, precisei refletir sobre como *ainda* a escola e o ensino de história podem ser espaços privilegiados na formação moral de sujeitos e que possam colocar freio à barbárie.

Não é exagero de nossa parte imaginar que um ensino de história orientado por uma prática libertadora melhore o clima e a convivência escolar orientado por um ensino de História crítico que levante a bandeira da “desnazificação” e tenha potencial

na criação de uma consciência histórica crítica prevenindo episódios de violência extrema. Fisher (2020, p. 101) nos lembra a partir de Wendy Brown, autora de “O pesadelo americano: neoconservadorismo, neoliberalismo e des-democratização”, a aliança baseada em premissas contraditórias e inconsistentes entre neoconservadorismo e o neoliberalismo que baseou a versão estadunidense do realismo capitalista no início do século XXI. Nesta lógica

Como o apoio a uma governança modelada na empresa e a um tecido social normativo baseado no interesse privado se cruza com o apoio a uma governança modelada na autoridade da igreja e a um tecido social normativo de autossacrifício e de lealdade consanguínea duradoura, há muito desafiadas pelo atual capitalismo desenfreado?” (Brown, 2006. *in* Fisher, 2020. p. 101).

Os movimentos neonazistas supremacistas brancos supõem uma batalha apocalíptica (ou “*ragnarókitica*” com a licença poética) e: sua tarefa seria “*acelerar*” o colapso social violento que levaria ao fim dos tempos, ao apocalipse e a uma Guerra Racial que levaria à restauração e ao renascimento. Adriana Dias (Dias, 2018) nos lembra dos movimentos que acreditam lutar uma guerra santa e racial (Racial Holy War – abreviada RAHOWA). O objetivo é o colapso do sistema que eles veem como corrupto a fim de garantir um futuro dominado por brancos (Thorleifsson, 2021, p. 292). Vale lembrar algumas teorias conspiratórias como “a grande substituição” e a do “genocídio branco” (Sunstein, 2014, *in* Thorleifsson, 2021, p. 291) que dominam o imaginário neonazista.

Dessa forma, o neonazista bebe diretamente em narrativas sociais e políticas, marcadas definitivamente pela crença de que qualquer forma de cosmopolitismo, avanço social, direitos humanos ou direito social é uma prática contra o homem branco, heterossexual, de origem oligárquica e de poder ancestral. Nessa narrativa, ódios são condensados, maturados, levados a extremos, transmutados, manifestados, radicalizados, expressos por redes sociais. E, se explodem, não me surpreendem. A paranóia está lá, a amamentá-los, todos os dias, afirmando que seu mundo está tendo fim, e lembrando-os como era lindo o seu mundo branco. (Dias, 2018, p. 185)

Jesi (2011) aponta como a cultura de direita seria um “mingau” homogêneo de passados indistintos e de um futuro que não virá, que sejam fáceis de digerir ou de serem consumidos por quaisquer pessoas. Além do “culto à morte”. A espiritualidade e o esoterismo são transformados em fetiches ou itens de consumo. “Luxo material”. E,

da mesma forma, são homogeneizados em forma deste “mingau cultural” que pode ser cozido e modelado *ao gosto do freguês*, da forma que for preferível. Utilizamos a analogia de um *buffet self-service* de itens culturais e ideológicos que podem formar a identidade dos sujeitos. Quase sempre de *direita*. (Jesi, 2011. P. 29). Em comum temos a crença na supremacia branca *e/ou* masculina (o caráter da “miscigenação” no Brasil e a dificuldade de se falar em pureza racial são mencionadas).

O texto de Jesi, “Cultura de Direita” funciona como um mosaico de cortes de peças de propaganda, textos densos, artigos de revistas e romances que o autor conseguiu organizar ao longo de sua vida em um texto que aparece como obrigatório para compreensão do neonazifascismo, do “neofascismo profano” e de como as direitas veem o mundo. Sua percepção sobre a máquina mitológica e a “fome de mitos” que constantemente se modificam, criam símbolos esotéricos próprios e gramáticas para iniciados ou não.

Os ideólogos do neofascismo “profano ou sagrado” o “vate ou o sábio” concordam, aparentemente, na ideia de que há um “patrimônio perdido atrás deles” e um futuro decadente e mórbido adiante que não pode ser impedido. (Jesi, 2011, p.43). É preciso lembrar que o autor fala “da sociedade que possui fábricas de papel impresso, bem como fábricas de automóveis e [...] uma fábrica de devotos de fetiche” que necessita de um “conhecimento” que alimente estas fábricas de forma e em linguagem que todos entendam.” (Jesi, 2011. p. 43). Uma questão que se apresenta é: os jovens perpetradores de massacres, como aborda Jesi, seriam eles “neófitos cooptados a tarefas consideradas de menor importância”?

Aqui lembramos do conceito de “lumpemradical”, figura sintomática do capitalismo tardio nesta globalização neoliberal. Um sujeito que forma seu senso de comunidade em meios virtuais e caracteriza-se por ser isolado de outros contatos sociais. Algumas das suas características, orientadas por se apresentarem como frustrado e revoltado, estes sujeitos cometeriam atos de violência. Tal dimensão orientada por uma

Postura frustrada desses nerds/trolls apresenta-se na forma de catarse a partir do anonimato. E, com isso, catalisa o aspecto violento que atravessa as redes e projeta sobre o mundo real. Por vezes, o acting out torna-se não uma explosão momentânea, como a expressão designa propriamente, mas uma espécie de estado de permanente revolta, encorpando-se em ideologias paranoicas baseadas no ressentimento. (Pinto Neto, 2019, p. 186)

Remetemos ao debate sobre a “Escola sem partido” com uma reflexão provocada por Cerri (2011) que apontou que o debate que despolitiza o ensino e acusa docentes de doutrinação é “no limite” ingenuidade, inocência útil ou mal-intencionada. Problematiza o “programa pós-moderno” sobre o nazismo na escola se este seria um pesadelo ou “um sonho de beleza e pureza racistas?” Diante, dos debates de múltiplas narrativas ou verdades possíveis. Uns diriam que houve *shoah* e outros poderiam argumentar (com falsas provas) que não houve e aquele que melhor contasse a história “esteticamente superior” atrairia a escolha do alunado para si. (Cerri, 2011. p. 79). Cerri apresentou que o método científico da História é baseado na Razão e em Evidências sustentado na moralidade do valor supremo da vida. Por isso, deve se opor fortemente aos discursos de ódio.

Mas - pode o nosso aluno ou o nosso colega perguntar-, não poderá o neonazismo estar certo em alguma coisa, no que se refere à visão de história na qual se sustenta? A resposta dependerá do critério: se este for racional, baseado no método histórico (sustentado em evidências) e sustentado na moralidade contemporânea do valor supremo da vida, a resposta é não. Se o critério for o relativismo, a ideia de que a história é uma ficção, em que as histórias valem por serem bem-contadas (valor estético) ou por aplacarem terapeuticamente as angústias ou desejos de uns ou outros, por serem capazes de nos reconfortar com nosso passado e com nosso futuro, então a resposta é talvez, mas, assim, abrimos os portões para as monstruosidades derivadas do “sonho da razão”, mencionado por Rüsen no artigo em português de 1989, citando o título de um quadro de Goya. (Cerri, 2011. p. 80)

Stuart Hall (Hall, 2006) discorreu sobre a identidade cultural na pós-modernidade como “multifacetada” e, muitas vezes, ligada às culturas de consumo. Pensemos como Jesi trabalha a ideia de “fome de mitos” e como o fascismo foi uma regurgitação de elementos da cultura de direita italiana do século XIX tornados sacralizados por uma espécie de “elite” que utilizou destes símbolos como sua mitologia própria. A formação de identidades nas redes atualmente, são um emaranhado da cultura de direita ocidental seduzindo uma juventude desacreditada e desesperançada pelo Capital.

Observamos que há uma “uma repugnância pela história disfarçada de veneração a um passado glorioso”. Gumbrecht poderá chamar de “passadismo” em seu célebre texto “Depois de ‘depois da história’” (Gumbrecht, 2011) onde numa conferência proferida no Brasil, o historiador Hans Ulrich Gumbrecht refletiu sobre a crise de

legitimidade que vive a ciência Histórica e a historiografia onde aponta para um crescente “fascínio pela história e pelo passado” coexistindo com uma enorme descrença “quanto à possibilidade de história ou a historiografia ensinarem”. A historiografia que reivindicava um lugar de enunciação privilegiado quanto à *verdade* e fornecia lições de vida e ensinamentos filosóficos, morais, políticos ou existenciais “mais ou menos desapareceram”.

Um progressivo processo em que a História perde sua capacidade de orientação frente a um ceticismo crescente quase absoluto. Como se a convicção de que a História pudesse nos preparar para o futuro foi perdida. O “Cronótopo historicista”, onde o humano “passeia na História, o passado fica para trás” e caminha para um futuro aberto, entre os anos de 1960 e 70 - justamente na ascensão do neoliberalismo como reação a maio de 1968- entrou em colapso. De fato, aparece um futuro ameaçador de crise constante. Mark Fisher citando Berardi falou sobre o “lento cancelamento do futuro” (Fisher, 2020).

Berardi afirmou que o fascismo seria uma forma de *barroco* por seu excesso, sua performance decorativa. Aponta que o fascismo é excessivamente arbitrário – tanto quanto o que ele definiu contemporaneamente de *semiocapitalismo* que se alimenta do acúmulo de imagens. Afirmou o autor que o espírito barroco ressurge quando a produção e a linguagem se desterritorializa no imaterial/ digital. Pensando assim:

O fascismo é a reivindicação da alma moderna dos europeus do sul, e o espetáculo político de Mussolini é o ressurgimento do culto barroco da inessencialidade, da decoração, do excesso: do poder arbitrário. Mas a arbitrariedade não é apenas uma característica marcante do fascismo, é também o caráter quintessencial da forma semiocapitalista de acumulação. O poder do barroco ressurgente é totalmente exposto pela transformação da economia em semioprodução. Quando a linguagem, a imaginação, a informação e os meios imateriais se tornam a força de produção e o espaço geral de troca, quando a propriedade é desterritorializada e se torna imaterial, o espírito barroco se torna a forma abrangente, tanto da economia quanto do discurso ético. (Berardi, 2019, p. 55).

O futuro torna-se inacessível e o presente já não é mais de transição, como no cronótopo cartesiano moderno. O passado torna-se disponível pela reprodução de imagens, conservação, repetição e nos inunda a todo momento. Há um fascínio pelo passado. (Gumbrecht, 2011. pp. 26 - 42). As pessoas pareciam ter interesse pelo passado em visitar museus, mas não havia, por assim dizer, um estudo da história. Eram

passados desconexos que geram atração a turistas, por exemplo, mas que nada se aprendia destas histórias.

O tempo parecia desconjuntado. Elementos do passado são transformados e alçados à condição de mitos gloriosos que se referem a eles próprios sem conexão real com a História, ou conectados por meio de mentiras, falseamentos, negacionismos ou revisionismos. A cultura de direita comunica-se através de lugares-comuns de uma linguagem literária ocidental decantada em que todos possam de alguma forma estar acostumados com ela de alguma forma, e até compreendê-la apesar de sua origem tecnicista (áulica). Furio Jesi observou

Não tem relação com a razão, nem com a história: nasce como algo valioso que é chamado de passado, mas que é tão historicamente indiferenciado que pode circular no presente. É explorável e é geralmente explorado como veículo da ideologia da classe dominante; porém serve para defender essa ideologia mesmo quando não mostra conteúdos ideológicos aparentes. [...] É o elemento mais característico e difundido da cultura de direita: tem toda sua obscuridade, que é declarada como clareza, toda sua repugnância pela história, que é disfarçada como veneração do passado glorioso, toda sua imobilidade verdadeiramente cadavérica, que se finge de força viva perene. (Jesi, 2011, pp. 15-16)

Roger Griffin (1991) apontou um caráter palingenético (mitos de morte e ressurreição) dos fascismos. Este arcabouço mitológico permitiu que a definição de Griffin sobre fascismo fosse amplamente aceita. Nas comunidades virtuais de ódio e nos fóruns neonazistas, como observado por Adriana Dias (2018) ainda seguia viva esta crença. Observamos que em casos de violência em massa ocorria o fator suicida. Palavras de ordem como: “Morra e leve a escória com você” ou “suicide by cop” (Cara et al, 2022, p.19) este discurso apareceu como atrativo para jovens do sexo masculino em idade escolar que viam em atos de violência extrema uma forma de ganhar destaque ou poder.

Os casos de violência e ataques contra escolas são, em parte, tentativas de suicídio com uma motivação aparentemente ‘restauradora’. Foi preciso refletir sobre os motivos que levaram estes meninos a cometerem ataques em massa e as reflexões levaram a leitura de Yves La Taille (2016) para refletir sobre moral e ética e como o ambiente escolar pode promover uma convivência mais ética e desenvolver a moral dos sujeitos.

Uma matéria intitulada “Para chocar pais, alunos aderem ao nazismo” nos chamou atenção sendo assinada, entre outras, por Dominik Cziesche no jornal Der Spiegel (Cziesche et. Al. 2005 in Loureiro, 2019. p. 1575) “asseguram que a falta de conhecimento de muitos alunos sobre o nazismo pode ser devastadora” posto que a juventude alemã tem parte importante de sua cultura a ideologia neonazista e está mais aberta a clichês antisemitas.

A exaltação a valores fundamentalistas, o revisionismo histórico de figuras como Adolf Hitler, a negação ou minimização do Holocausto e outros aspectos são amplamente disseminados e consumidos por jovens, gerando engajamento, *likes*, pertencimento e produzem senso de propósito a estes meninos que não encontram em suas escolas contrapartidas de peso a estes discursos e vão cada vez mais fundo em uma “câmara de eco” que ressoa apenas o que o jovem, agora, concorda. Nestes ambientes virtuais, a cultura da violência é recompensada e estimulada.

Esta sectarização extremista de direita está capilarizada nas redes sociais, portais on-line, fóruns de discussões, chats de jogos e comunidades em rede. Paxton lembra que as corporações fascistas de Mussolini e sua “organização econômica corporativista” eram, na prática, chefiadas por grandes empresários (Paxton, 2007, p. 241). Esta pesquisa atreveu-se a pensar em neonazifascismos mais plataformizados (Caldeira Neto, 2024); uma “uberização do neonazismo” ou um “nazismo de plataformas” – Parafraseando Trebor Scholz (Scholz, T. 2017) em seu ‘cooperativismo de plataforma’ – um “corporativismo de plataforma”: mais descentralizado, dinâmico e menos engessado que se manifestou a forma partido na qual o fascismo do século XX organizou-se.

O ensino de História permite dialogar com jovens sobre estes assuntos e conscientizá-los sobre como navegar de maneira mais segura nas redes digitais. A observação em sala de aula permitiu identificar jovens em potencial processo de sectarização violenta e, a escola apareceu como espaço ímpar de debate sobre a temática.

No Relatório sobre “extremismo de direita e ataque as escolas” após citar o incontornável Robert Paxton, sobre a ideia de supremacia branca e masculina. Podendo ser entendida como parte constitutiva das “diferentes expressões do fascismo, tanto no nazismo, quanto no integralismo no Brasil”. Também pode observar-se em movimentos como “o Sul é meu país” e outros movimentos neonazifascistas (Cara et al, 2022, p. 10).

A supremacia masculina articula-se no masculinismo descrito como “Diferente do machismo”, seria um movimento antifeminista organizado pautado na misoginia. Compostos por homens que odeiam mulheres e se organizam ao redor desta causa fazendo uso de táticas como chats online e ações violentas fora da internet. Frequentemente incentivam abuso e violência contra meninas (Silva, 2023 *in* Santini et al, 2024. p. 5). Os diversos sites da chamada “machosfera” [manosphere] devem ser entendidos como uma rede de discursos e práticas misóginas (*em rede*) com nós interconectados de orientações e crenças compartilhadas (Bratich; Banet-Weiser, 2019. *in* Santini *et al*, 2024, p. 4).

A misoginia normalizada nestes ambientes tem formado a juventude mais intolerante, ansiosa e depressiva. Por exemplo, meninas expostas a estas plataformas são bombardeadas com propagandas enganosas, anúncios fraudulentos e tentativas de golpes. Desde cedo são expostas a imagens de padrões de beleza eurocêntricos e idealizados que minam a autoestima por excluírem da possibilidade de existir dignamente outros corpos que não o branco, magro, “em forma”. Diferentemente de outros discursos de ódio em rede, a misoginia não era “proibida” de nenhuma forma e agia como elemento de cooptação e aglutinador de comunidades virtuais de ódio.

É fundamental destacar que o conteúdo “nazifascismos” só é ministrado no componente curricular de História no nono ano do ensino fundamental. Pensando em jovens residentes ou migrantes digitais, muitos símbolos de ódio foram apresentados antes. É necessário acrescentar que há um descrédito de setores da sociedade em relação à Escola. Manifestando-se na perspectiva de que:

Se antes a escola e a família eram as duas instituições encarregadas da tarefa de guardar o futuro dos mais novos (AQUINO, 2007, p. 66), agora, o choque das gerações ou a visão de que a escola não faz sentido provoca uma crise em que o desrespeito, a insubordinação, o revanchismo das gerações mais jovens com pais, professores e quem ocupa os postos pedagógicos, provoca um saldo negativo para a educação. (Casagrande, A. L.; Costa, A. F. C.; Fernandes, T, 2019, p. 1028).

De maneira que jovens entram em contato com estes símbolos antes da escola ensiná-los de maneira mais apropriada e orientada para uma formação ética que colabore numa visão contextualizada e crítica sobre os fascismos e nazismos. É necessário que o ensino de História antecipe as reflexões sobre uma pedagogia antinazifascista para séries anteriores resguardando, os devidos cuidados e, respeitando as

etapas de desenvolvimento de crianças e adolescentes. Este trabalho entregou uma “Ação antinazismo” como produto didático material de formação discente/ docente num esforço de pensar e agir contra as violências e discursos de ódio no ambiente escolar.

O relatório sobre extremismo de direita em suas recomendações para ações sugeriu, entre outras estratégias, fortalecer na educação básica o ensino de “humanidades como História, Geografia, Sociologia e Filosofia com foco nos diferentes sujeitos/espaços/conceitos que constroem à vida por meio de uma abordagem antirracista, feminista e emancipadora.”. Além de proporcionar à formação continuada de trabalhadoras (es) da educação na identificação de sinais e combate às violências diversas. Também salienta a educação transversal e crítica em mídias que se enfoquem no problema da desinformação e negacionismo científico, além de pensar uma política pública de Convivência Escolar que possibilite a transformação da escola e a ressignificação da educação. (Cara, *Et al.* 2022. p. 25)

Entendemos o neonazifascismo nesta sopa de elementos “imbricados” e quase indistintos de discurso de ódio, antisemitismo, islamofobia, misoginia, racismo, machismo, capacitismo e LGBTfobia. O texto da “Campanha Nacional pelo Direito à Educação” discutiu como os casos de violência, apesar de categorizados por seções para estudo, podem estar “imbricados”, ou seja, um caso marcado como “racismo” ou “misoginia” pode, também, ser um caso de “perseguição a professores”, “agronegócio”, ou até, em exercício de hipótese, “neonazismo”. Angela Nagle fala sobre a “polinização cruzada” entre a “manosfera” e a “*alt-right*” (Nagle, 2017. p. 11).

Em nota de rodapé da tese da antropóloga Adriana Dias (2018, p. 304), ela afirma que não sabia se os grupos neonazistas, por ela estudados, poderiam “destruir o mundo”. Pois tal previsão não estava no escopo de sua etnografia, porém não podemos deixar de compreender que sua dinâmica e influência tendo como um dos centros irradiadores os ambientes virtuais, tem nos levado a refletir que a necessidade de construir um ensino de história que se posicione dentro de uma perspectiva de crítica contundente a tal realidade e promova um ensino pautado nas possibilidades de construir uma problematização entre o passado e presente, e que afirme valores de defesa contra os extremismos e preconceitos, como uma base fundamental para pensar historicamente a sociedade, devem ser uma bandeira importante.

Consideramos assim, o atual estágio do capitalismo, o neoliberalismo e seus efeitos nocivos na socialização e as subsequentes manifestações neonazifascistas, que

negam a História em nome de seus projetos odiosos como principais desafios apresentados à humanidade neste início de Século XXI. A Escola por si só não é capaz de frear estes autoritarismos e diversos ataques à humanidade, porém, sua estrutura ainda permite-a ser um espaço privilegiado de disputa pelos valores civilizacionais mais democráticos e éticos. “A Escola pode muito” e é por esta potência que a Escola tem sofrido diversos ataques de variadas forças reacionárias. A seguir refletiremos sobre como a educação e a escola possuem papel importante no enfrentamento a estas forças.

Sobre educação e escola

“A escola não pode tudo, mas ela pode muito. Tanto podem que querem controlá-la. O tamanho da violência contra a escola é o tamanho da sua possibilidade. E é grande. Pois se não fosse assim o mundo todo, Igrejas, fundações empresariais e afins, não estariam querendo controlar as escolas.”. Esta reflexão é fruto de um diálogo entre as professoras Dra. Catarina Carneiro Gonçalves e Dra. Catarina de Almeida Santos em uma aula do Curso de Extensão sobre Violência Escolar UFPE (Pibex 2024) tal perspectiva possibilitou a escrita desta seção.

É preciso pensar a educação no Brasil, o papel da escola, das culturas juvenis e seus saberes, as múltiplas violências escolares (na, da e contra a escola) e como relacionar estas reflexões ao Ensino de História em tempos de neonazifascismos. Especialmente, quando as manifestações de ódio incitam ataques de violência extrema contra escolas como testemunhados no Brasil. Tratamos em nosso trabalho de um sistema de ensino público e gratuito para cerca de cinquenta milhões de jovens em um país de dimensões continentais. Por seu tamanho e potência, ao tratarmos de “ataques contra escolas” pensamos de maneira ampla sobre o assunto.

É imperioso não “romantizar o passado” acreditando que nunca houve violências neste espaço. Lembremos da “palmatória” e como “as escolas são como prisões” na lógica de Michel Foucault (Foucault, 1987). Neste sentido

O encarceramento com seus mecanismos de vigilância e punição funciona, ao contrário, segundo um princípio de relativa continuidade. Continuidade das próprias instituições que existem num relacionamento recíproco (dos órgãos de assistência para o orfanato, para a casa de correção, para a penitenciária, para o batalhão disciplinar, para a prisão; da escola para o patronato, para a oficina, para o refúgio, para o convento penitenciário; da cidade operária para o hospital, a prisão). Continuidade dos critérios e mecanismos punitivos que a partir do simples desvio fazem pesar cada vez mais a regra e agravam a sanção. Gradação contínua das autoridades

instituídas, especializadas e competentes (na ordem do saber e na ordem do poder) que, sem arbitrariedade, mas segundo regulamentos, por meio de verificação e medida, hierarquizam, diferenciam, sancionam, punem e vão pouco a pouco a sanção dos desvios ao castigo dos crimes. (Foucault, 1987. p. 325 – 326).

Atualmente, temos “Novas formas de violências contra escolas”. Observamos que desde 1988 com a ampliação da cidadania garantida pela Constituição conquistada pela luta dos movimentos sociais, o ambiente escolar tornou-se palco de novas disputas político-ideológicas. Forças reacionárias se mobilizam contra o direito à educação pública, gratuita e de qualidade para os filhos e filhas da classe trabalhadora que conquistaram este direito. Neste sentido, entendemos à necessidade de agir contra forças e agentes nazi-fascistas, fascizantes e de extrema direita com diversas denominações (neointegralistas, neonazistas, neofascistas e afins). Enfrentar o que “trata-se de um conjunto de características antidemocráticas” (Cara, et al 2022).

A “Campanha Nacional pelo Direito à Educação” disponibiliza o site “Mapeamento educação sob ataque no Brasil” onde listou diversas violências sofridas na comunidade escolar. Realidades como as de: censura, perseguições, agressões e políticas públicas ineficazes como o modelo cívico-militar de escolas são apontados. A educação brasileira – sob ataque- temos no sumário deste site a possibilidade de acompanhar os “casos” de ataques às escolas listados como “Agronegócio”, como força econômica dominante; hegemônica e conservadora; “Aparatos de Segurança Privada” no qual é possível refletir sobre o interesse econômico na militarização das escolas e como o “medo” pode ser um fator lucrativo; “Censura; Demissão; Doutrinação; Escola sem Partido”.

Vale lembrar a discussão da inconstitucional “lei da escola livre” e como profissionais da educação (especialmente das ciências humanas) foram eleitos na qualidade de inimigos públicos e de diversas formas perseguidos. Os relatos de professoras e professores da educação básica que sofreram com este ambiente de democracia rarefeita. A educação na Alemanha nazista tinha aspectos persecutórios que podemos ler e perceber com espanto as semelhanças e continuidades do autoritarismo de extrema direita e seu espectro censório e persecutório no século XX e XXI. Fernando Penna (2024) analisou que

Uma grave ameaça à garantia do direito à educação no Brasil vem se desenvolvendo e prejudicando o acesso dos estudantes a

conhecimentos importantes para o seu pleno desenvolvimento: a perseguição sistemática a educadoras e educadores pelo simples exercício do seu ofício. Quando educadoras(es) não se sentem seguras(os) para fazer o seu trabalho em sala de aula, o medo leva à exclusão de temáticas, abordagens e conteúdos do cotidiano escolar. Falamos até mesmo de temáticas obrigatórias por lei, como a história e a cultura afro-brasileira e indígena, e de temas clássicos do currículo escolar, como teoria da evolução e vacinação, que deixam de ser trabalhados em aula por causa de um clima de insegurança no qual educadoras(es) são efetivamente censuradas(os) e outras(os) se autocensuram – o que o mundo jurídico chama de chilling effect (Human Rights Watch, 2022). Educadoras(es) são gravemente afetadas(os) de maneira direta, seja em razão do sofrimento emocional causado pelo medo, seja pelos gastos financeiros de um processo judicial, enquanto estudantes são impedidas(os) de ter contato com temáticas e conteúdos importantes para formar seus conhecimentos de mundo e horizontes de vida. A liberdade de ensinar e a liberdade de aprender são interdependentes e constitutivas do direito à educação e, portanto, não podem ser atacadas sem assim pôr em perigo esse direito.” (Penna, et al, 2024, p. 01).

Para construir paralelos com o passado, Robson Loureiro (Loureiro, 2019) lembrou que professores na Alemanha nazista tinham que se autopoliciar para não expressar alguma ideia que pudesse, supostamente, ferir a “*moral nazista*”. Ele lembrou que a censura partia dos próprios pares ou podia ser denunciada por estudantes. O autor ainda citou Evans (Evans, 2012) para destacar que “é bem provável que o medo de ser alvo de uma denúncia fosse uma realidade no dia a dia do extenuante trabalho docente”. (Loureiro, 2019, p.1553).

Sobre o debate da “escola sem partido” recorremos à obra do Dr. Fernando Penna (2018) que discorreu sobre o assunto. Concordamos com sua análise e destacamos o ambiente desafiador para um historiador docente trabalhar em sala de aula com este mecanismo é esta constante ameaça de censura institucionalizada. A obra “educação democrática” mobilizou uma discussão fundamentada sobre como conceitos são pensados por pessoas em espectros políticos distintos. Noções do que é “professor”, “aluno” foram investigados para se saber o que se entendia por estas palavras. Penna baseou seu argumento em Laclau e Mouffe (2015^a, p. 181 in Penna, 2018, p. 114) para defender esta investigação conceitual aparentemente imaterial. Aparentemente pois:

Os autores afirmam o caráter material de toda estrutura discursiva, que transcende a distinção entre o linguístico e o extralingüístico. As articulações discursivas apresentam uma materialidade muito concreta. Um exemplo: no dia 15/8/2017 o Movimento Brasil Livre (MBL) convocou uma “Marcha Nacional pelo Escola sem Partido”. 4 A

“marcha” teve uma adesão baixíssima de pessoas nos municípios onde ela efetivamente aconteceu, mas esses poucos que se reuniram pressionaram vereadores e dezenas de novos PLs EsP foram apresentados nesse e nos dias seguintes. Essa articulação tem materialidade e impactos muito concretos, além de reforçar, na disputa discursiva, a dicotomia entre os “verdadeiros brasileiros patriotas que lutaram pelo impeachment” e os “militantes esquerdistas disfarçados de professores. (Penna, 2018, p. 114)

Para entender os impactos muito concretos do discurso reacionário e a maneira como eles fixam os sentidos da docência, ao acompanhar os inúmeros casos de profissionais da educação intimidados e fisicamente agredidos por aqueles que se identificam com esse discurso de ódio aos professores. (Penna, 2016a) Os casos demonstram que a própria possibilidade de percepção, pensamento e ação dependem da estruturação de campos discursivos que preexistem a qualquer facticidade imediata. (Laclau, 2007) Os discursos armam nosso olhar para ver o mundo. (Penna, 2018, pp. 114-5)

Sobre as outras formas de violência foram listadas em “Gênero; Homotransfobia” denunciando o preconceito repudiável da LGBTfobia e, especialmente, da misoginia. É preciso destacar a misoginia como principal elemento aglutinador do discurso de ódio e dos grupos de extrema direita: o ódio contra as mulheres (Santini. Et al. 2024). Lembramos de Angela Nagle (2017) reafirma esta importância da misoginia em comunidades de extrema direita. Comunidades masculinistas, *red pill* se comunicam através do escracho, das *trollagens* ou *memes*.

A partir do embasamento na Lei nº 7.716 de 1989 (Lei antirracismo que, após entendimento do Supremo Tribunal Federal também se estende à LGBTfobia, e outros dispositivos legais, vemos que o ordenamento jurídico brasileiro possui mecanismos que criminalizam diversos discursos de ódio (racismo, capacitismo, LGBTfobia) porém notamos que a misoginia permanece impune. O que permite o impulsionamento de publicações misóginas que atraem um público jovem do sexo masculino que podem ser sectarizados para discursos mais violentos.

Relembraemos que “até aqui, os agressores, em 100% dos casos do sexo masculino, foram motivados por discursos de ódio e/ou comunidades online de violência extrema”, (Brasil, 2023. p.9). Assim como no nazifascismo do século passado, os movimentos neonazifascistas que cooptam jovens à atos de violência extrema são furiosamente misóginos. Além, do absurdo que é imaginar ataques direcionados a

espaços onde a paz e a educação deveriam prosperar, observou-se um padrão nefasto de símbolos como suásticas ostentadas pelos perpetradores e planejadores destes ataques. Refletimos, pois, como o ensino de História constitui-se numa ferramenta de leitura da realidade e compreensão crítica desses símbolos que circulam entre o universo simbólico disponível à juventude. Ainda, o ensino de História pode ser uma ferramenta de consciência histórica crítica combatendo preconceitos e discursos de ódio que se disfarçam de inocentes piadas e memes.

O teórico e ativista, Franco Bifo Berardi em sua obra de 2009 intitulada “Depois do Futuro” apontou como o fascismo é um movimento “em geral” de “repressão do feminino” ou “recalque da feminilidade” sendo esta característica evidenciada (ou implícita) nos exemplos: italiano e japonês, do Século XX que se apresentava não apenas como “violência contra as mulheres, mas se manifestava, inicialmente, como guerra ao feminino”. Tinha-se uma “sociedade masculina” que ostentava homofobia e o “endurecimento da esfera sensual”, além de mimesis falseadas de civilizações vistas como guerreiras. Lembramos como Santini (2024) que a misoginia é um elemento aglutinador de ideais violentos que circula com enorme facilidade no meio virtual. Refletimos sobre como o ensino de História orientado para uma consciência Histórica crítica e que prepare discentes para lerem essas redes com mais cuidado ou até pensarem-se como seres históricos e sociais. Franco Bifo Berardi nos lembrará que a ideologia fascista do século XX tinha um profundo caráter misógino demonstrada num esforço para reafirmar uma virilidade. Desta forma:

A tentativa desesperada de não ser mulher, de afirmar a própria virilidade parece estar em funcionamento no histérico militarismo nipônico que descende da tradição dos funcionários armados, os samurais, e se transfere à ideologia imperial nacionalista termo que sustenta o esforço de guerra nazista dos anos 1930 e 1940. (Berardi, 2019.p.25).

Destacamos que no relatório sobre “extremismo de direita” podemos ler que “a formação que combata o impacto do ultrarracionarismo e previna a cooptação dos jovens pelos grupos extremistas, não será possível em escolas militarizadas e/ou transformadas em local de confinamentos e punição.” (Cara, et al, 2022. P.21). Uma forma de violência era militarização das escolas no Brasil como um ataque frontal às liberdades conquistadas e uma manobra que punha em risco à democracia. Numa busca por segurança e menos violência nas escolas, este modelo aparecia no debate público como sugestão. Nacionalmente, havia um avanço destas escolas cívico-militares.

A violência institucionalizada nas escolas militares ou cívico militares é estarrecedora e o cerceamento às liberdades e à diversidade na disciplina militar é perigosa à democracia e ao desenvolvimento pleno da juventude. A extrema direita se apropria de todas as violências e discursos de ódio e opera como uma força destrutiva do tecido social. É imperativo que a educação seja libertadora, emancipatória e crítica para conter estas mazelas.

Imaginar a universalização da educação básica que não seja militarizada ou orientada pelo mercado ou pela religião e sim, integral, que seja pública, gratuita, laica e de qualidade que promova o ensino para formação Omnilateral. Este conceito remete à Marx e Engels e refere-se a uma pedagogia que forme sujeitos para todos os lados da vida sejam as ciências, as artes ou o trabalho. Uma educação que vimos, em certa medida, sendo adotada pelos Institutos Federais de ensino no Brasil. Sobre este tema, Karl Marx e Friedrich Engels esboçaram ideias gerais da formação do “homem omnilateral”, formado, consciente e preparado para todos os lados ou esferas da vida. Ciente dos processos e de si, formado eticamente dentro de uma educação crítica, gratuita e de qualidade. (Manacorda, 2007. p. 49).

Uma reportagem intitulada “Universalização da educação básica pública em tempo integral” da Folha de S. Paulo publicada em 12 de janeiro de 2024 assinada por Maria A. Minhoto, Soraya Smaili, Pedro Arantes e Weber Tavares aponta que a cifra de cem bilhões de Reais (R\$ 103,5 Bilhões) anuais até 2030 seria um aporte de recursos financeiros do Estado brasileiro que pavimentariam o caminho para um cenário da educação integral universalizada convertendo “quase vinte e seis milhões de matrículas em tempo parcial para matrículas em tempo integral”¹.

Contudo, o orçamento é terreno de disputas. A mesma reportagem aponta como os militares anseiam por estes recursos que poderiam ser investidos na educação. A política neoliberal baseada na austeridade que resulta no sucateamento de serviços públicos possui uma retórica popularizada e ganham terreno, as forças mercadológicas que lutam pela privatização. Entendemos, ao longo do presente texto que o fenômeno das violências na/ da e contra escolas têm conexões e características globais e particularidades locais. O elo que faz a conexão possível encontra-se nas redes virtuais/

¹ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/blogs/sou-ciencia/2024/01/universalizacao-da-educacao-basica-publica-em-tempo-integral.shtml>

digitais de comunicação. Investigar a “tecnosfera” ou as “culturas digitais” se impõe como uma obrigação de primeira hora a esta pesquisa.

CAPÍTULO 2 - DISCUTINDO AS DIMENSÕES DA CULTURA DIGITAL E DE DIREITA

A ocupação da consciência social pela ubíqua tela da televisão, a colonização do inconsciente e a perversão competitiva do desejo, o começo da agressão Neoliberal: estes eram os sinais do iminente rachar do ovo da serpente” (Berardi, 2015, p.103)
[tradução minha]

2.1. Cultura digital e (é) cultura de direita

A metáfora do rachamento do ovo da serpente remete à eclosão de fascismos. Franco Berardi trouxe nestas palavras uma análise interessante às nossas reflexões. Aponta como sinais desta ascensão de um novo fascismo. O primeiro diz que a consciência é ocupada pela televisão (propaganda, mídia) a colonização do inconsciente e a criação, digamos, de um novo tipo de “desejar” pautado na competição e competitividade associados ao que o autor chamou de “agressão neoliberal” (Berardi, 2015, p. 102) seriam o prelúdio destes tempos confusos do presente.

Berardi seguiu discutindo sobre como o século XX se deparou com a encruzilhada limítrofe do sistema capitalista. Um sistema que ambiciona uma lógica de reprodução infinita onde depende de duas forças finitas para existir. O humano e a natureza. Berardi recorda como o Ocidente viveu uma crise de crença no futuro. Fala sobre dois eventos espetaculares de violência destrutiva: o massacre de Columbine e o Onze de Setembro de 2001. O “mais espetacular evento-imagem a inaugurar esta nova era” (Berardi, 2015, p. 103).

Destaca ainda o autor como Columbine foi impactante de uma forma diferente posto que se relacionava com a “normalidade do dia a dia”. Ou seja, uma violência contra a escola. O Relatório da equipe de transição do Governo Federal sobre Extremismo de Direita salientou que o processo de cooptação acontece por meio de interações virtuais em que o jovem é exposto com frequência a conteúdos extremistas em apps, mensagens, fóruns, redes sociais ou jogos (Cara, Et. Al, 2022. p. 9). Pensar como esta cultura digital foi forjada e suas relações com o avanço do ideário da extrema-direita, encontra-se interligada, ao mesmo tempo em que, os espaços digitais, constituem-se em locais de irradiação de conhecimento e de aprendizagens.

No Brasil, por exemplo, vemos populações sem acesso à eletricidade ou conexão digital, enquanto, tecnologia de ponta em realidades aumentadas ou Inteligências

Artificias são utilizadas e produzidas. Vemos saltos modernizantes, contradições, violências e amálgamas de formas tradicionais e modernizantes. Podemos notar diferenças entre qualidade e velocidade de conteúdos consumidos digitalmente de acordo com classes sociais.

Apresentamos, a seguir, o gráfico do IBGE que apresenta que os aparelhos celulares representam o principal mecanismo de acesso à internet, que chegou, precariamente, muitas vezes, à maioria da população brasileira. Há de se imaginar que a expansão das redes comunicacionais atingiu áreas mais desconectadas e a tecnologia (ao que se apresenta no atual estágio) tende a chegar a mais pessoas. Lembramos que a escola (EJOS) em que desenvolvemos a presente pesquisa é uma pequena instituição de ensino localizada num bairro periférico da zona urbana da capital alagoana. Congrega estudantes que moram em ocupações, pessoas em situação de vulnerabilidade, muitos com famílias de comunidades rurais. Esta dissertação se concentra no público-alvo da escola e colocá-los à luz dos dados do IBGE. Observamos na escola e em sala de aula que a grande maioria dos(as) discentes possuíam telefone celular (ou usavam emprestados de colegas) e acesso à internet e redes sociais, muitos à revelia dos responsáveis em relação aos conteúdos que consumiam.

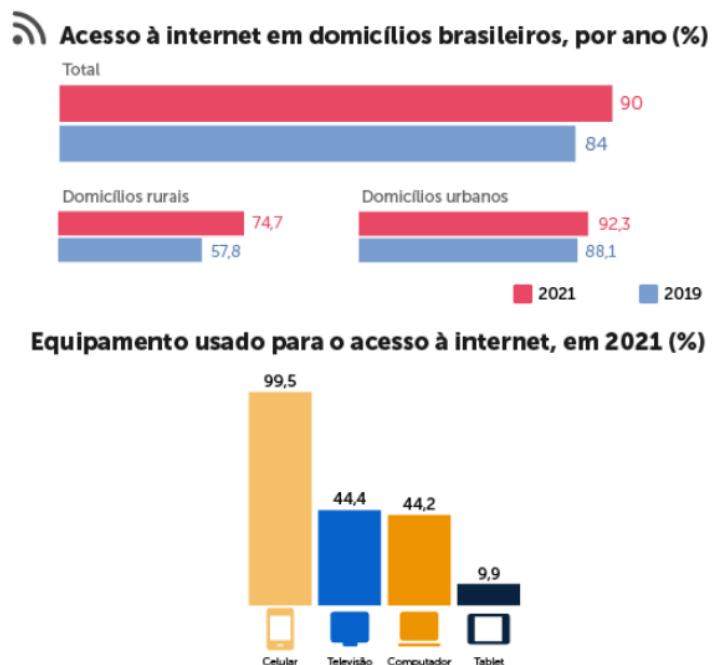


Imagen: Gráfico elaborado pelo IBGE mostra o **acesso à internet em domicílios brasileiros, por ano (%)** e o **equipamento usado para o acesso à internet, em 2021 (%)** disponível em <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/21581-informacoes-atualizadas-sobre-tecnologias-da-informacao-e-comunicacao.html> acesso em 11/04/2024.

Destacar estes números são fundamentais, como dados para a nossa pesquisa e esta dissertação, pois comprehende, que o neonazismo encontrou amplo espaço de difusão e capilarização, nos meios digitais de comunicação e a juventude no Brasil, principalmente, urbana encontra-se imersa em culturas digitais que, como veremos adiante, constituem-se em terrenos férteis para sectarização violenta de extrema direita. Em chats de jogos ou fóruns (Minecraft, Roblox, Free Fire...), em comentários no Youtube ou em portais de notícias, em redes sociais e em publicações sugeridas pelo algoritmo de redes como Instagram e tik Tok, jovens que passam em média 5h por dia em seus aparelhos eletrônicos e “aprenderam mais palavras com uma tela do que com um ser humano” (Berardi, 2015. p. 35). “residentes e/ ou visitantes digitais” têm amplo acesso à conteúdos, aparentemente inocentes ou banalizados pelo “senso comum”, com alto teor de misoginia, racismo e outros discursos de ódio contra minorias (Santini, *Et al.* 2023).

Optamos, pelos termos “residentes ou visitantes digitais”, em detrimento do popularizado “nativos digitais” (Prensky, 2001) por orientação acertada. Estes conceitos propostos em por White e Le Cormu (2011) traçam com mais precisão os usos feitos pelas pessoas das tecnologias de comunicação e mídias digitais em detrimento do critério etário/geracional. Maria do Rozário Gomes da Mota Silva (SILVA², 2020) observa que:

As desvantagens dos termos defendidos por Prensky concentram-se principalmente na inflexibilidade dos tipos, bem como na tendência de encaixotar indivíduos em um tipo ou outro, negligenciando evidências contraditórias. As teorias de Estilos de Aprendizagem favorecem tipologias desse tipo, assim como certas teorias do desenvolvimento humano, e muitas lutam para permitir aos indivíduos o espaço ao mesmo tempo em que exibem traços característicos de diferentes tipos (White; Le Cornu, 2011. In Silva, 2020, p.60).

Consideramos que a ciência Histórica pode se apropriar e produzir o conhecimento teórico deste ambiente informacional e ser uma ciência que oriente a humanidade, neste tempo, produzindo a historiografia necessária para compreender este cenário informacional e, ademais, consideramos o Ensino de História e a sala de aula como um espaço privilegiado para análise, compreensão e produção de conhecimento novo, a partir da tradução de conceitos e a historicização de fenômenos. Para formar sujeitos críticos e com preparo para ler a realidade respeitando as diversidades e, talvez, mais solidários.

A compreensão das dinâmicas em rede e habituar-se a paisagens de ambientes virtuais para compreensão de tempos fragmentados em fractais, ainda se mostra como um desafio. Este espaço imagético, onde a “valorização é baseada na constante emanação de fluxos de informação”; mediado por telas, “hyper-real” posto que a realidade é sublimada como simulacro neste capitalismo semiótico (Berardi, 2015 p.21). Berardi discorre sobre como “a realidade é substituída pela simulação” na psicosfera. “modelos de um real sem origem ou realidade”. Pensando nessa perspectiva que

A sublimação da realidade em simulacro é o elemento quintessencial do semiocapitalismo, o regime contemporâneo de produção em que a valorização do capital é baseada na constante emanação de filas de informação. Na psicosfera, realidade é substituída por simulação. Abstração hoje não é mais a do mapa, do dublê, do espelho ou do conceito. Simulação não é mais a do território, de um ser referencial ou de uma substância. É a geração por modelos de um real sem origem ou realidade: um hiper-real. (Berardi, 2015 p.21). [tradução minha]

Franco Bifo Berardi especula sobre patologias ou até mutações no cérebro humano produzidas por prolongadas imersões em ambiente digital e pela estimulação contínua provocada pelas novas mídias digitais e de quais formas elas podem nos dessensibilizar. (Berardi, 2015, p.35). Berardi remete tais transformações ao ano de 1977 onde na sua perspectiva, era possível observar o início da emergência de uma “nova forma de totalitarismo” caracterizado pela presença da tela da televisão a “colonização do inconsciente”, a competitividade, a “agressão neoliberal”. (Berardi, 2015, p.103).

Berardi mencionou ao se referir aos atiradores de Columbine, Dylan Harris e Trevor Clebold e videogames como os potenciais “causas para a violência” que esta explicação falha por não levar em conta “as mutações cognitivas e psicológicas produzidas por prolongada imersão no ambiente digital” (Berardi, 2015. p. 35). Endossamos, o texto do teórico intitulado “Heróis, assassinos em massa e suicídio” para elaborar esta seção do capítulo que relaciona episódios de violência extrema; massacres e atentados às novas tecnologias de comunicação, informação e mídias digitais. Nesta seção também relacionamos Angela Nagle (Nagle, 2017) com seu “Kill All Normies” [Mate todos os normais] para compreender as culturas e subculturas digitais e associamos a uma leitura da ‘máquina mitológica’ teorizada no pensamento do autor de “Cultura de Direita”, Furio Jesi (Jesi, 2011) a fim de compreender, o processo de

tomada de consciência histórica de estudantes nos espaços de ensino e nas mídias digitais e redes sociais.

É inegável que as mídias digitais, redes sociais e outras ferramentas são tecnologias elaboradas, mantidas, difundidas, financiadas e financiadoras da extrema direita. A exploração da classe trabalhadora atingiu níveis brutais e as seguridades sociais conquistadas, historicamente, estão cotidianamente desaparecendo ou na mira de projetos políticos neoliberais e, por vezes, neonazifascistas. Os usos das tecnologias são potencialmente revolucionários ou reacionários diante do embate de forças contraditórias em uma luta de classes. Tecnologias revolucionárias como Inteligências Artificiais despontam um pânico generalizado posto que o horizonte de expectativas de nosso presente está reduzido pelo Capitalismo Tardio, a catástrofe climática e os conflitos generalizados com a possibilidade de aniquilação nuclear.

Diante deste cenário, a psicologia é acionada nesta dissertação para refletir sobre o tempo presente. Christian Dunker nos lembra do fenômeno da contemporaneidade de “intoxicação digital de crianças” (Dunker, 2017. p.138) e por diversas vezes a Organização Mundial da Saúde alertou para o “consumo de telas por crianças e adolescentes”. Estas tecnologias são incontornáveis e a vanguarda do avanço técnico-científico envolve interações digitais. O controle dessas poderosas ferramentas não pode ser monopolizado por um grupo plutocrático com ideais fascizantes. Berardi aponta, ao falar sobre o massacre de Columbine, uma possível “psicopatologia de seres humanos expostos à hiperestimulação eletrônica durante seus anos de formação, a fragilidade especial da primeira geração a crescer na era virtual”. (Berardi, 2015, p. 34).

O estilo musical e movimento audiovisual do vaporwave de 2011 traz elementos que foram adotados pela estética da direita internacional. Com estética “glitch art, webdesign dos anos 90 e Estética Cyberpunk. Uma música de “não-tempos” e “não lugares”, nas palavras de Grafton Tanner

Frederic Jameson aponta duas características do pós-moderno como “a transformação da realidade em imagens, a fragmentação do tempo numa série de presentes perpétuos” (Jameson, 1982. p.7). No sentido da premonição de Berardi (Berardi, 2015, p. 102) da nova paisagem de imaginação marcada pela consciência de um futuro sem evolução e pela exaustão de recursos físicos.

Lembro aqui que, com destaque, os ataques de Suzano (SP) e Aracruz (ES) ganharam destaque por se inspirarem abertamente no massacre de Columbine e, não

obstante, faziam uso de simbologia nazista (como suásticas). Os ataques foram planejados e discutidos em fóruns online ou comunidades virtuais meses antes da execução. Esse fato ajuda a derrubar um argumento famoso no senso comum de que seriam episódios de ira incontrolável ou algum tipo de surto. As evidências provaram que este tipo de ataque é planejado com antecedência em ambientes virtuais na qual informações sobre como executar ataques mais letais circulam com facilidade.

Observamos que o ódio encontra espaço em plataformas como o “antigo twitter ou X” do magnata de neofascista Elon Musk. Também observamos que espaços com pouca moderação como chats de jogos são espaços de cooptação de jovens e circulação de discursos de ódio “disfarçados” de *memes*, piadas, *trollagens* (escracho). Porém, há uma entrada para a “toca do coelho” – em referência a cultura pop, citamos as obras “Alice no País das Maravilhas”, onde a personagem principal desceu por uma passagem que a leva a um mundo completamente novo. Resgatada no filme Matrix de 1999, onde o protagonista Neo Anderson, como Alice, desceu por uma “toca de coelho” que o revela um mundo diferente. Esta metáfora foi utilizada para explicar o processo de sectarização extremista que a juventude está exposta nas redes. Demora pouco tempo para jovens serem expostos a conteúdos ofensivos disfarçados de “piadas”. Sons, textos curtos ou longos, imagens, vídeos, reciclagem de personagens da cultura pop ou de algum povo. O que Richard Dawkins chamou na década de 1970 de algo como “a menor unidade de memória possível”. Imagens efêmeras que transmitem mensagens (da ideologia dominante, principalmente) com efeito de humor ou de causar algum desconforto. (O’callaghan, D; Green, D; Conway, M; Carthy, J; Cunningham, P. In Cara et al, 2022, p. 19)

Culturas virtuais garantem senso de comunidade e pertencimento, além de oferecerem um propósito. O conservadorismo virou “descolado”; “rebelde” - “tradição está virando revolução”, segundo uma postagem no instagram que analisamos e mostro abaixo. Um “meme” que ostenta imagens de “famílias tradicionais”, heteronormatividade, capacitismo e culto às armas (ver fuzil na mão de criança). Furio Jesi nos lembrou que “todo o luxo espiritual da cultura de direita corresponde a uma brutalidade de comportamento público e privado, social e familiar” (Jesi, 2011, p. 80). Robert Paxton lembra que os regimes fascistas atingiram sucesso entre a juventude. Estes regimes desmantelaram organizações sociais prévias, como comunistas e socialistas, e elaboraram formas novas e atrativas de sociabilidade que ofertavam aos

jovens a chance de se sentir parte de algo maior do que eles próprios e alcançar posições prestigiosas nestas organizações “recreativas e de juventude”. Em seus estágios iniciais como novidade política, as marchas uniformizadas eram formas de declarar independência em relação aos “tediosos pais”. “Mais que qualquer outro movimento político, o fascismo foi uma declaração de rebelião juvenil, embora fosse muito mais que isso”. (Paxton, 2007, p. 230).



Imagen 09:
meme
retirado do
Instagram
em março de
2024 onde
veem-se
imagens de
famílias
heteronorma
tivas nota-se
famílias
fenotípicame
nte negras
ou orientais
sem

diminuir o teor conservador da imagem; “tradicional” e lê-se “tradição está virando revolução”

Furio Jesi em “Cultura de Direita” (Jesi, 2011) identifica corretamente uma “fome de mitos” ou “máquina mitológica” que constantemente criou novos ídolos preenchendo uma espécie de “vazio” sendo indiferente à sua (in)autenticidade. Jesi falou de uma cultura de direita que é brutal. Esta “brutalidade” manifestada em “luxo espiritual ou material” que corresponde a um comportamento bruto nas esferas pública, privada, familiar e social. Que em suas artes, propagandas, livros e afins expressam estes “fetiches de virilidade”; “força heroica, de sacrifício *até a morte*” e etc. são fabricados na forma de um passado indiferenciado – “um mingau homogêneo” que aparece como eterno presente - passado atemporal. (Jesi, 2011, p.40). Jesi identifica corretamente uma “máquina mitológica” que constantemente criou novos ídolos preenchendo uma espécie de “vazio”. Ressignificando o passado à sua maneira e (re)criando signos, hierarquias e rituais.

Angela Nagle em “*Kill all normies: [guerras culturais online do 4CHAN e Tumblr a Trump e a alt-right]*” (Nagle, 2017) estudou como comunidades virtuais em

espaços na internet como Tumblr, *4chan*, *chans*, *Reddit* e *subreddits* eram lugares de amplo debate de ideias aparentemente inocentes e apolíticas, enraizadas na transgressão de normas sociais. Nagle afirmou que *alt-right* foi o nome dado pela imprensa a “este mix de fenômenos direitistas online de Milo [Yiannopoulos] ao 4CHAN a sites neonazis” (Nagle, 2017, p. 9). Existem inúmeras comunidades e subgrupos virtuais que são tão variados em seu conteúdo e forma que este texto não conseguiu abranger. A autora nos lembra que “bastava olhar nos comentários dos vídeos da seção “crescente” de conteúdos “antifeministas” que seria possível encontrar uma retórica sobre mulheres serem “sem valor, vadias, estúpidas, gordas, preguiçosas, superficiais, histéricas, não confiáveis ou simplesmente justas merecedoras de violenta retribuição”. (Nagle, 2017, p. 11)

Uma cultura marcada pela transgressão, pautada em racismo, “misoginia, desumanização, pornografia perturbadora e niilismo” (Nagle, 2017). Enquanto, isto a esquerda online estava ocupada criando escassez em uma economia online de valor através de coisas como culturas de denúncia e competição para sinalizar a si mesma como a mais virtuosa, muitas vezes, evocando ideais feministas. Nagle discorreu como estes conteúdos transbordam em outros espaços “mais acessíveis” funcionam para difusão e normalização de ideias extremistas.

A juventude tem normalizado incivilidades, xingamentos, grosserias, discursos de ódio. Quem não se comunica dessa forma que remete à cultura chan online é excluído ou taxada de fraco. Como mostra o artigo “anões, chads e nazipardos”, a aceitação da incivilidade e da violência contra si mesmo é uma espécie de passaporte para integrar a comunidade virtual, no caso, o 4chan. Mas o raciocínio se aplicaria à juventude com certa facilidade neste contexto em análise.

Sabemos que as redes sociais como facebook “são de graça e para sempre serão”. Isto levanta a pergunta: “como eles ganham dinheiro se é de graça?”². Uma reportagem da Revista Piauí apresenta em seu título uma possível resposta: “O produto é você!”. Nossos dados estão à venda para anunciantes e nossa privacidade inexiste na era deste capitalismo mais tecnológico. Yanis Varoufakis, ex-ministro das finanças grego e autor que adota uma perspectiva marxista, diz em entrevista na Revista Jacobin

² Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/voce-e-o-produto/> . Acesso em 06/04/2025

cujo título é uma pergunta cara a esta pesquisa: “Estamos fazendo a transição do capitalismo para a servidão tecnofeudalista?”. (Varoufakis, 2024).

Podemos estar vivendo uma “servidão” ao vale do silício ou uma transição do capitalismo para um “tecnofeudalismo” onde o poder dos “Cloudalistas” ou Capitalistas em Nuvem é baseado em plataformas digitais que estão mais assemelhadas à feudos tecnológicos. Uma espécie de capitalismo que ainda não compreendemos. Onde todo mais valor é produzido no setor capitalista, porém, é apropriada ou usurpada por este capital mutante. Desta forma, o setor capitalista tradicional, de acordo com o autor grego, continua fundamental. Reproduz-se através de pessoas que em seus momentos de lazer “trabalham sem remuneração” (Varoufakis, 2024). Não tenho total acordo com a leitura do economista grego, mas uso-a para reforçar o poder econômico destas figuras que mobilizam a extrema direita numa espécie de articulação transnacional de ultranacionalistas.

O artigo intitulado “From cyberfascism to terrorism: On 4chan/pol/ culture and the transnational production of memetic violence” de Cathrine Thorleifsson do Centro para Pesquisa de Extremismo (C-REX) do Departamento de Ciência Política da Universidade de Oslo citamos “Douglas Holmes (2019) aponta como não é possível entender o fascismo na era digital como um único movimento dentro de um estado-nação em particular. Deve-se entender o fascismo como um fenômeno disperso que reverbera através de contextos nacionais e continentais” (Thorleifsson, 2021, p. 288).

A definição dada por Roger Griffin (2000) de *cyberfascismo* chamou atenção, pois “como a visualização do pensamento e ação fascistas. Cyberfascismo é altamente fluido e carece coesão ideológica e de um centro organizacional claro (Fieltz & Marcks, 2019)”. As mídias digitais e tecnologias emergentes desacoplaram, ainda mais, de um restrito fascismo nacional-estatista, revelando suas muitas e incontáveis faces e reconfigurações transnacionais”. (Griffin, 2018, p. 43. *in* Thorleifsson, 2021, p.288).

No Cyberfascismo o zênite da metapolitização coincide com o último grau de internacionalização. Seguir os *links* de organizações afins em cada página da web de direita radical levará o ávido pesquisador em uma jornada virtual entre literalmente milhares de *sites* através do mundo europeizado, todas apresentando diferentes permutações de ultra-nacionalismo palingenético. O resultado disso é o paradoxo na medida que o fascismo se diversifica em uma plethora de facções e seitas, está simultaneamente passando por um processo mais intenso de ecumenização” (Griffin, 2000. p. 14)

Esta profusão de imagens, esse capitalismo semiótico (Berardi, 2015) alfabetiza jovens de maneiras novas. Os símbolos são atrativos e convidativos, reproduzi-los pode gerar sensação de empoderamento e comunidade à jovens isolados e, muitas vezes, vítimas de Bullying. Esta forma de alfabetização mediada por telas causa “patologias” no desenvolvimento destas pessoas.

Mark Fisher no ano de 2009 descreveu a juventude na Grã-Bretanha com uma espantosa similaridade ao que testemunhamos na pesquisa em campo. O teórico britânico discorreu sobre uma “impotência reflexiva como visão de mundo não explicitada” e várias patologias de saúde mental como uma “depressão endêmica”. Também observou como era alarmante o número de estudantes que sofrem de dislexia. Afirmou não ser exagero que “ser um adolescente no capitalismo tardio da Grã-Bretanha está se tornando praticamente uma condição clínica.” (Fisher, 2020. p.43). Apontou que se “algo como um transtorno de déficit de atenção e hiperatividade for uma patologia, então é uma patologia do capitalismo tardio - a consequência de se estar conectado aos circuitos de entretenimento-controle de uma cultura de consumo hipermediada”. (Fisher, 2020, p. 48). Entendemos a dislexia como uma possível patologia do capitalismo tardio associada ao consumo de imagens em tela. Podendo muito bem ser uma “*pós-lexia*”, o autor argumenta que os adolescentes processam os dados imageticamente densos do Capital de maneira altamente efetiva *sem nenhuma necessidade de leitura*. “Reconhecimento de slogans é o bastante para navegar no plano informational de internet-celular-publicação”. (Fisher, 2020. p.48).

A juventude hoje consome imagens destituídas de seu conteúdo Histórico ou de sua historicidade. A docência em História deveria ter ciência deste fenômeno e preparar-se para trabalhar com uma juventude mais exposta a conteúdos extremistas que foram normalizados no debate público. Como ter respostas para perguntas mais difíceis de jovens que não mais viam a sala de aula como espaço privilegiado de ensino ou como detentor da verdade.

Os símbolos de ódio chegam facilmente aos jovens que só estudarão o conteúdo escolar do “nazifascismo” nos últimos meses do nono ano do ensino fundamental e no terceiro ano do médio. Na internet onde as identidades se formam e informam, estes símbolos chegam sedutoramente muito antes das ferramentas de compreensão crítica. Neste trabalho refletimos como o componente curricular da História ainda tem papel

fundamental no combate às ideias preconceituosas e no alerta aos discursos de ódio que se manifestam em nosso tempo.

Ainda recorri a Fisher pois ele atuou como professor de um instituto em Londres na Goldsmiths University of London no departamento de Culturas Visuais. As suas análises sobre ensino e educação na contemporaneidade são extremamente precisas. Os seus textos apresentam à atual melancolia dos tempos do capitalismo tardio ou “pós fordista” permitindo situar os escritos do saudoso inglês, após a crise de 2008 numa sala de aula na cidade de Maceió nos anos 2020. É possível apresentar e refletir a respeito da “crise na educação” por muitas frentes, começemos pelo que Fisher apresentou no quarto capítulo de seu “Realismo Capitalista” onde versou sobre uma “impotência reflexiva” e uma assustadora “imobilização”

A descrição do funcionamento e de como sua instituição de ensino era financiada, que impedia de expulsar estudantes. Consideramos a educação um direito fundamental que deve ser garantido e a inequívoca ilegalidade da expulsão de discentes da rede pública, porém, o que Fisher segue refletindo em seu texto reflete constitui numa preocupação comum aos profissionais da educação no Brasil, que é a forma como recursos são disponibilizados de acordo com metas a serem alcançadas e demonstradas por meio de resultados positivos em exames de avaliação, “frequência e retenção de alunos” o que gera uma mescla de mandamentos mercadológicos e metas burocráticas que o autor chamou de “stalinismo de mercado” (Fisher, 2020, p.45).

A seguir observa-se com espantosa semelhança com estudantes brasileiros o que o autor denominou de “letargia hedônica (ou anedônica)” – uma espécie de ‘preguiça’, indiferença ou apatia que não vê perspectiva de futuro e, ora busca o prazer a todo o custo ou rejeita os prazeres em um estado melancólico/ depressivo) ante a falta de um sistema coerente de disciplina que motivasse ou aumentasse a automotivação dos estudantes. Uma espécie de “comodismo” que acompanha a liberdade. O autor traçou um paralelo comparativo com a sociedade disciplinar passada onde a figura típica seria o “trabalhador/presidiário” – imagem em alusão às estruturas disciplinadoras descritas por Michel Foucault como: a escola, a fábrica e a prisão em seus moldes- substituído neste estágio do capitalismo tardio, ou “sociedade do controle” em referência a Gilles Deleuze, pela figura do endividado/viciado. “O Capital do ciberespaço opera viciando seus usuários” (Fisher, 2009, p. 48) e ainda disse Fisher sobre a “liberdade” dada em sala de aula a seus estudantes que, infelizmente, caiam em um estágio letárgico de

hedonia (anedonia) marcada pela narcose leve, a dieta fácil de esquecimento reconfortante - Playstation, TV a noite toda, e maconha.” (Fisher, 2020, p. 46)

Os relatos de jovens que já consumiram entorpecentes lícitos ou ilícitos e as histórias da comunidade escolar associadas às observações em sala de aula reverberam as reflexões de Fisher e mantêm-nas atualizadas e presentes. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que “A experimentação ou exposição ao uso de drogas subiu de 8,2% em 2009 para 12,1% em 2019.” (IBGE). “Playstation e TV a noite toda” nas palavras do autor inglês podem ser entendidos nesta leitura como uma analogia não distante a outra “droga” amplamente consumida pela juventude no Brasil, poderíamos dizer num exercício de abstração, seriam, em partes e com ressalvas, as tecnologias digitais de informação e comunicação, em especial as Redes Sociais e mídias digitais, tal uso tem provocado junto aos jovens, segundo estudiosos, problemas de atenção e aprendizagem. Poucos, conseguem ler ou escrever textos relativamente simples e alegam a seus professores que é “entediante”. (Fisher, 2009. p.46).

Fui cobrado por diversas instituições para que minhas aulas fossem mais atrativas, divertidas e descoladas. Note-se aqui o esforço diário feito por docentes pela atenção dos estudantes hiper conectados. A presente análise esteve restrita ao contexto de uma escola urbana em região periférica na cidade de Maceió, a EJOS durante os anos de 2023 a 2025.

Observamos em sala de aula junto a estudantes que muitos passavam mais de cinco horas diárias de uso do Instagram. Isto sem contar as horas de jogos e outras redes sociais que representam um assombroso uso do tempo. O tempo nas redes é fragmentado, cortado e *mixado*. Passado, futuro e presente aparecem como confusos e homogêneos. A temporalidade é, de certa forma, suspensa. Entre estas horas de uso temos exposição massiva a conteúdos extremistas, misóginos e, acima de tudo, mercadológicos. Os usuários de redes são produtores e consumidores em uma lógica inovadora entendida por Manuel Castells. Dentro desta discussão o autor observou que

A difusão da tecnologia amplifica infinitamente seu poder ao se apropriar de seus usuários e redefinir-los. As novas tecnologias da informação não são apenas ferramentas para se aplicar, mas processos para se desenvolver. (...) Pela primeira vez na história, a mente humana é uma força produtiva direta, não apenas um elemento decisivo do sistema de produção (Castells, 2003).

Neste ciberespaço, o Capital é hegemônico. Entre tempos de carregamento de postagens e jogos; alternância entre redes e vídeos instantâneos, “o Capital compra fractais de tempo” e recombina-os na rede. Franco Bifo Berardi (2019) diz que:

Capital que se recombina e trabalho precário são as figuras dominantes na cena do nosso tempo. O capital não precisa mais usufruir de todo o tempo de vida de um operário, precisa de fragmentos isolados de seu tempo, instantes de atenção e operatividade. A extensão do tempo é minuciosamente celularizada. Células de tempo produtivo podem ser mobilizadas de forma pontual, casual, fragmentária, e a recombinação desses fragmentos é automaticamente realizada pela rede. O telefone celular é o instrumento que possibilita o encontro entre as exigências do semiocapital e a mobilização do trabalho vivo ciberespacializado. O toque do celular chama o trabalhador a reconectar o seu tempo abstrato ao fluxo reticular. O capital quer ser livre para transitar por todos os cantos do mundo com o fim de encontrar todo fragmento de tempo humano disponível para ser explorado pelo salário mais miserável. Com essa finalidade, dá início a uma busca contínua, pontual, fragmentária, fractalizada, celularizada. Vai em busca do fragmento de trabalho que possa ser explorado ao custo mais baixo, captura-o, usa-o e o descarta” (Berardi, 2019. p.108).

O tempo aparece como suspenso. Em “Frozen capitalism: haunted by vaporwave” somos lembrados do romance de Phillip K. Dick, onde o personagem acorda no mesmo dia todos os dias até perceber a farsa. Este “tempo desconjuntado” – (*time out of joint*) trata-se de uma ficção menos famosa do autor de “Androides Sonham com Ovelhas Elétricas? (1968)” onde acompanhamos um personagem que acredita viver no ano de 1959 e, após uma série de “brechas” que aparecem no tempo, percebe viver numa mentira e que o ano de verdade seria 1975.

Jesi (2011) falou sobre um passado inexistente, ou que se tornou massa modelável e cozinhada como se deseja um “autêntico eterno presente”. (Jesi, 2011. p. 29). A História aparece como indisponível e a contínua adaptação ao ethos neoliberal com seu narcisismo autodestrutivo e sua rede semântica própria é vista como única alternativa. Há uma naturalização e incorporação dos conceitos neoliberais que nos lançam em uma “(des)temporalização alienante e patológica”. A disputa pelo tempo e para politizar o tempo nas esferas “linguística; ecológica e cotidiana” (Turin, 2019, p.49). Talvez possibilite imaginar outros futuros que não a barbárie. E uma destas fileiras importantes, neste processo de imaginar e produzir novas possibilidades a

História e o seu ensino são ações concretas no enfrentamento e problematização da realidade sob a qual vivemos.

Observamos no início desta dissertação como o hyper-imperialismo opera e como mecanismos de guerra híbrida, hegemonia, *Soft power* e Operações Psicológicas (*psy-ops*) estão sendo utilizados, sendo estas tecnologias de comunicação, muitas vezes, ferramentas de dominação. Observamos que seus donos são bilionários que manifestam ideologias extremistas de direita, muitas vezes. Faz sentido notar correlações sem cravar definitivamente causas. Podemos observar que o fenômeno da violência nas escolas no Brasil está inserido em um contexto globalizado e conserva características semelhantes e *sui generis*. É possível afirmar que a violência nas escolas no Brasil é uma manifestação violenta do extremismo de direita neonazifascista em reação aos avanços sociais conquistados ao longo de lutas populares por democracia e cidadania.

A seguir analisamos o fenômeno da violência no Brasil e como ela atravessou o universo da Escola e das juventudes. Investigamos violências institucionais, externas e internas à escola orientadas por uma perspectiva conceitual que lança luzes sobre os fenômenos complexos, multicausais e de interesse de toda sociedade. Como observado, neste trabalho, previamente analisamos os casos de ataques contra escolas de motivação (aparente ou evidente) extremista de direita.

Neste estágio do capitalismo tardio globalizado neoliberal com ascensão de neonazifascismos a Escola pública ainda se apresenta como um foco de resistência contra estas forças. Os marcos legais que garantem o ensino das Ciências (contra o negacionismo); a laicidade (contra o fundamentalismo religiosos); a cidadania e a civilidade, a ética, a democracia, a diversidade, a inclusão, as artes e o pensamento criativo colocam a escola como alvo de forças reacionárias que se empenham em fazer do mundo um lugar mais excludente, intolerante, segregado e violento.

Neste ensejo, investigaremos os conceitos que se relacionam ao nosso tema de estudo, se preocupando em referenciais teóricos que nos ajudem a problematizar as questões que surgem ao longo das nossas reflexões.

2.2- Sobre violências escolares: Violência na/ da/ contra a escola. Reflexões sobre o fenômeno e sua relação com o neonazifascismo.

O Atlas da Violência elaborado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) e o Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA) observou que “As ameaças ou os ataques com vítimas às escolas, alunos, professores e funcionários foram e serão as formas de violência mais midiatizadas” (IPEA, 2023. p. 40) – Algo que Berardi já refletiu em sua obra supracitada, “Heroes, mass murder and suicide” de 2015 (Berardi, F. 2015), contudo, segue o Atlas da Violência, “não são as violências mais sensíveis e recorrentes no cotidiano das escolas.” (IPEA, 2023. p.40).

O Relatório sobre extremismo de direita apresentou em seu décimo ponto tratar sobre ataques “contra escolas” ou “às escolas” sem desconsiderar que existem violências produzidas pelo próprio ambiente escolar e dentro do ambiente escolar. Aponta ser uma espécie de ciclo de retroalimentação que deve ser interrompido promovendo uma cultura de paz nas escolas. Dentro desta perspectiva:

Vale ressaltar que utilizamos aqui a expressão “violência contra as escolas” ou “às escolas” e não “violência escolar”, pois o agente da violência não é a instituição escolar em si ou práticas promovidas por ela ou dentro dela. Precisamente, o recente fenômeno de agressões tratado nesse documento tem como alvo e locus a escola e a comunidade escolar. Contudo, é inegável que as violências nas escolas - um fenômeno que contempla inúmeras expressões - colabora com a emergência do extremismo de direita e a consequente cooptação de adolescentes e jovens. Portanto, há uma retroalimentação que precisa ser enfrentada. (Cara, et al, 2022, p. 4)

O relatório do governo apresentou que crianças e jovens relatam se sentirem tristes, “que ninguém se importa com eles”, agressão de familiares e insegurança na escola. Assim, é preciso dar atenção e promover protagonismo para estes jovens além de construir um ambiente escolar acolhedor, plural e inclusivo. Pensei também, é claro, nas violências institucionais da escola. (Foucault, 1987).

Buscamos em texto organizado pela educadora Miriam Abramovay (2021) por força do Curso de Extensão sobre Violência Escolar da UFPE em 2024 os tipos de violências escolares. O texto das autoras recorre a Bernard Charlot que citamos abaixo para tipificar as violências e como operar devidamente sobre cada uma.

Charlot (2002) elucida os tipos de violências encontrados nas escolas: violências à escola (direcionadas à instituição, professores ou funcionários – ataque à escola); as violências na escola (não estão ligadas à natureza das suas atividades); e as violências da escola (violência simbólica, institucional que se dá no tratamento dos professores e alunos e suas relações sociais). Tais violências impactam diretamente o cotidiano das escolas e o clima escolar (Abramovay. Et al. 2021).

Como é possível perceber, a partir das considerações de Abramovay, a dimensão da violência no espaço escolar é diversa e ao mesmo tempo amplo, pois mobiliza um conjunto de práticas que se instauram desde o microcosmo, relacionados ao cotidiano das relações professor-estudante, gestão-professor, ou mesmo da instituição junto às comunidades. Tal realidade, como é possível perceber, reverberam de maneira concreta no ambiente escolar e nas relações que são estabelecidas nesse espaço.

Uma das manifestações de violência, que toma o espaço escolar, é o Bullying, compreendido como intimidação sistemática, intencional, repetitiva e persistente entre pares (estudantes) com objetivo de causar dor, exclusão e isolamento social, sofrimento, humilhação ou constrangimento com três agentes de destaque: a (s) vítima (s), o(s) autor (es) e a(s) testemunha (s). Novas formas de bullying, como o seu correlato digital o Cyberbullying, tem nestes espaços digitais um forte lócus de profusão, tal realidade, devido a discussão que provocou em nossa sociedade possibilitou que esta prática fosse tipificada, por diversas legislações como crime no Brasil. Apesar, de pesquisas mostrarem que os autores de massacres escolares foram motivados por terem sido vítimas de bullying, não nos debruçamos de maneira mais detida nesta pesquisa sobre tais fenômenos.

A atmosfera de medo causada pelas inúmeras formas de violência urbana no Brasil como o tráfico, as milícias e outras organizações que usam da violência é uma constante na vida de profissionais da educação. São formas de violência dura que atravessam o ambiente escolar. Esta pesquisa não se concentrará nestes casos reiterando seu objeto como o extremismo de direita e os ataques contra escolas motivados por tais ideologias.

Ora, para quem viveu e ouviu falar sobre educação no Brasil não é surpresa que existiam infundáveis casos de diversas violências e discentes são cooptados por organizações criminosas que causam danos terríveis à sociedade. A guerra entre facções rivais faz parte do cotidiano da escola que se situava numa região vulnerável da cidade de Maceió.

Os dados alarmantes sobre violência no Brasil parecem, de alguma forma, causar um processo de ausência de sensibilização por parte da sociedade, ante os casos de violência contra escolas. O suposto “baixo” número de casos – como se trinta e seis fosse pouco - diante as “diversas violências vividas” faz com que o problema e seu potencial de crescimento sejam subdimensionados. Claro, há uma comoção enorme, principalmente, devido ao fato de serem violências “contra inocentes” – crianças, jovens, espaço escolar que geralmente é associado a um lugar seguro e de acolhimento, torna-se o lócus da insegurança e do medo. Casos brutais de ataques contra escolas se avolumaram no curto espaço de tempo, entre 2022 e 2023, 21 dos 37 ou 58,33% do total de ataques contra escolas (Vinha, T. Et al. 2023, p. 15), tal realidade causou pânico, além de ceifar dezenas de vidas inocentes. Nossa pesquisa se desenvolveu ao longo deste período e foi possível unir teoria e prática – práxis – estudo e ação para a mobilização de enfrentamento e prevenção à violência escolar. As publicações de relatórios, teses, livros, cursos, formações, reportagens sobre o tema foram abundantes, profícias e variadas.

É importante salientar para discussão que “até aqui, os agressores, em 100% dos casos do sexo masculino, foram motivados por discursos de ódio e/ou comunidades online de violência extrema”, o relatório publicado em 2023 pelo governo federal intitulado “Ataques às Escolas no Brasil: análise do fenômeno e recomendações para a ação governamental” apontou esta triste realidade (Brasil, 2023. p.9). Os 39 autores que produziram o documento, ataques contra escolas no Brasil “Demonstravam gosto pela violência e culto às armas de fogo e possuíam concepções e valores opressores (racismo, misoginia* e ideais nazistas).” (Vinha, et al, 2023. p.17).

O que estes casos de violência extrema tinham em comum? a divulgação de ideias sintonizadas com o Nazismo ou neonazismo. O uso de simbologias e discursos de ódio característicos da extrema direita. Lembramos, por exemplo, o atentado em Aracruz (ES), perpetrado por um jovem de 17 anos com arma de fogo, explosivos e uma suástica no braço. A presente investigação procurou discutir tal realidade, relacionando-se assim, ao estudo da temática da segurança e da proteção em ambiente escolar. Cartilhas, manuais e cursos on-line ofertados pelo Governo Federal e agentes particulares permitiram um escopo de análise interessante sobre a temática.

É preciso destacar que a violência é precedida e acompanhada da “produção prolífica de imagens e discursos midiáticos”. Berardi em seu “Heróis, assassinos em

massa e suicidas” aborda o fenômeno da violência na era da proliferação das tecnologias comunicacionais neste “semio capitalismo” ou capitalismo semiótico (Berardi, 2019. p. 67) – o signo se emancipa do referencial e torna-se abstração. É necessário lembrar que os atentados contra escolas e diversos massacres foram planejados para serem esteticamente impactantes e produzissem os “15 minutos de fama” a seus autores. Columbine e Suzano, por exemplo, foram palcos de ataques orquestrados com o objetivo de serem midiatizados (Berardi, 2015 e Vinha, T. Et al, 2023 p. 20).

Salientamos, que não nos bastam explicações simplórias, individualizadas, patologizantes, pois elas não conseguem dar conta do problema da violência contra as escolas. Muitas vezes, as causas são elencadas em “feixes explicativos distintos” como “famílias sem estrutura”, “associação ao tráfico ou a facções”, “os jovens estão mais violentos” (IPEA, 2023. p.39). O fenômeno é complexo e multifacetado, relacionado à múltiplas causas [...] deve ser compreendido de maneira holística. “[...] estudos destacam que a violência escolar se relaciona com contextos sociais globais, têm causas internas à escola e relacionadas às idades específicas” e que estas violências não fazem distinção entre escolas privadas e públicas e “com apoio das tecnologias digitais” (IPEA, 2023. p. 39).

O relatório “O extremismo de direita entre adolescentes e jovens no Brasil: ataques às escolas e alternativas para a ação governamental” (Cara, D. et al. 2022) refletiu de forma pioneira sobre este assunto e instigou o debate de alto nível sobre o fenômeno da violência *contra* escolas e como a extrema direita coopta jovens, principalmente, do sexo masculino, a cometer atos de violência extrema dentro das escolas. Neste sentido, o documento

Revelar, pela primeira vez no Brasil, que os ataques armados em escolas são geralmente cometidos por alunos ou ex-alunos e estão associados a uma resposta desmedida à exposição prolongada à violência dentro e fora da escola, incluindo negligência familiar, autoritarismo parental e conteúdo de ódio disseminados nas redes sociais. (Brasil, 2023. p. 51).

Por questões de limitações pessoais, ficaremos restritos nesta dissertação a caminhos de reflexão que não esgotam o tema posto e, esperamos, colaborar para instigar a reflexão mais aguçado de como o ensino e a educação e, em especial, o

Ensino de História possuem um papel no processo de prevenção e no combate a estas violências. O Governo Federal por meio da plataforma de cursos AVAMEC disponibilizou uma cartilha digital “feita em regime de urgência” e um curso de formação com o título de “*recomendações para proteção e segurança no ambiente escolar*” onde a discussão sobre violência nas escolas foi destrinchada e, mais uma vez, o extremismo de direita foi apontado como uma das possíveis causas do fenômeno.

Os seguintes títulos na sequência de publicação chamaram atenção desta pesquisa. Considero bons materiais elaborados por profissionais competentes. Três relatórios e duas cartilhas. Obviamente, que publicações digitais do governo não resolverão o problema, mas é preciso reconhecer que estes materiais podem ser importantes no combate à extrema direita, contudo, a baixa divulgação e circulação até o presente momento sinaliza um desinteresse da sociedade para com a temática e reacendeu o alerta a profissionais da educação de que esta luta pela sobrevivência e por uma educação de qualidade tende a ser mais árdua.

Durante a pesquisa tivemos dificuldade de executar a “ação antinazismo” em outros espaços, além da escola que desenvolvemos a ação, pois não compreendiam o neonazismo como um problema tão grave quanto os que já assolam a comunidade. Porém, não obstante, seguimos firme no trabalho e adiante discutiremos, principalmente, a outro tipo de violência, a violência contra escolas de caracterização extremista de direita, que tem se mostrado letal com alto potencial de crescimento no Brasil, o que é alarmante posto que hoje figura como um dos países do mundo com mais ataques de violência extrema às escolas num ranking liderado pelos Estados Unidos.

O caráter singular e, praticamente, inédito deste fenômeno no Brasil demandaram caracterizações mais precisas. Sobre *ataques violentos*, usamos a definição a seguir usada pela psicóloga Prof. Drª Sarah Vieira Carneiro (Carneiro, 2023), que ao refletir sobre eles, assim os definem

Ataques violentos: [...] esses ataques são diferentes daquelas violências tradicionais nas escolas (como o bullying). Essas violências são marcadas como ataques intencionais contra a vida ou integridade física da comunidade escolar, sobremaneira de modo armado e planejado, normalmente como consequência de ciclos de violências e proliferação de discursos de ódio [grifos nossos] (Carneiro, 2023. In AVAMEC, online).

Destacamos os danos imateriais, psicológicos e os traumas decorrentes destas ações, tendo em vista os vínculos duradouros/continuados que são característicos das comunidades escolares. Tem sido comum que, no meio de tantas violências e da normalização do discurso de ódio no *mainstream* que manifestações de extremismo de direita sejam negligenciadas ou tenham sua importância e gravidade diminuídas. A disseminação de armas de fogo e uma cultura de violência e intolerância apontam que os ataques contra escolas e as ideologias de extrema direita tem um alto potencial de causar terror e mortes. A maior circulação desregulamentada de armas de fogo aumenta os riscos de violências letais.

É consenso entre especialistas da segurança pública que uma maior circulação de armas de fogo na população civil aumenta o número de casos de violências letais (suicídios, homicídios, etc.) e o clima de insegurança é maior. Segundo o Atlas da Violência do IPEA “Se não fosse o aumento de armas de fogo em circulação entre 2019 e 2021, o Brasil teria registrado 6.379 homicídios a menos” (IPEA, 2023. p.103).

Lembremos dos EUA que lideram o ranking mundial de número de ataques contra escolas e sua legislação, extremamente permissiva com a circulação de armas de fogo. No Brasil, haveria mais armas nas mãos de civis do que nas próprias forças de segurança pública. Este fato associado a uma cultura historicamente violenta é assustador. O potencial de crescimento de casos de violência extrema armada contra escolas em nosso país é motivo de mobilização urgente.

A partida precoce da Dra. Adriana em 2020 deixou um vazio imenso na comunidade científica. Adoto para esta dissertação suas análises e considerações sobre o neonazismo que, diz ela “Os rostos dos murais neonazistas educam os outros rostos na gramática da eliminação, na gramática da negação do holocausto, na gramática da morte, na gramática da extermiação do diferente”. (Dias, 2018, p. 305). Deixou também um legado que serviu de arsenal no combate ao extremismo de direita e ao neonazismo.

O processo de sectarização dá-se de diversas formas. “*trollagem*, uso de jogos como *roblox*, uso de humor e uso de estética violenta e linguagens violentas como da *machosfera*” (Cara, Et al, 2022, p. 4) que vem como “É só uma brincadeira ou *trollagem*”, “vi, achei bonito e fiz também de maneira inocente” eram frases comumente associadas às suásticas que não paravam de aparecer em bancas, paredes e outros espaços da escola, inclusive alunos desenhando em seus corpos nos meses iniciais do

ano de 2023 na escola em que trabalhava e desenvolvi a “Ação antinazismo” como forma de prevenir violências.

É importante destacar o debate acerca do termo “radicalização”. No relatório “Ataques de violência extrema em escolas no Brasil: causas e caminhos” (Vinha et al 2023), encontramos no glossário de termos uma definição para radicalização. Contudo, não tenho acordo com o uso deste termo para tratar os processos estudados. Optamos pelo termo “sectorização”. Segue abaixo:

Processo transformacional em que um indivíduo evolui ideologicamente saindo de uma posição de normalidade até decidir adotar atitudes extremistas e, em fases mais avançadas, cometer atos de violência contra terceiros. Para tal, há estágios pelos quais o indivíduo passa, desde a percepção de injustiça até a decisão de cometer atos de violência/terrorismo. Esta radicalização pode acontecer dentro de um grupo ou de forma isolada (autorradicalização) (Sitoe, 2022 *in Vinha et al 2023*, p. 01).

Ainda, neste relatório supracitado, o termo “sectorismo” é definido como

Mentalidade ou comportamento caracterizado pela promoção exagerada e exclusiva das crenças, opiniões ou interesses de um grupo específico, muitas vezes em detrimento ou desconsideração às perspectivas e ideias de outros grupos. O sectorismo pode levar à intolerância, ao isolamento e à divisão entre diferentes partes da sociedade, criando barreiras que dificultam o diálogo e a colaboração construtiva. (Vinha et al 2023, p. 01).

Deu-se atenção ao termo “extremismo de direita” no relatório de dezembro de 2022 explicado abaixo a escolha do termo em detrimento de “radicalização”. Consideramos, como Karl Marx (2010) na “Crítica a filosofia do direito de Hegel”, Ser radical é tomar as coisas pela raiz. O termo radicalismo ou radicalização pode confundir o público em geral e não explica, devidamente, o processo que leva ao extremismo violento. Nesta perspectiva a

Preferência pelo uso do termo “extremismo de direita” - em vez de, por exemplo, “radicalização” se dá por dois motivos: primeiro, é o termo que vem sendo utilizado pela literatura especializada e pelo sistema da Organização das Nações Unidas (ONU). Segundo, a definição deste fenômeno está pautada na concepção de que a extrema-direita fundamenta-se em perspectivas políticas que incluem a defesa de um pensamento deturpado de “lei e ordem”, da justificação do abuso da força policial como solução estrutural para “o problema de violência”, do antiparlamentarismo, do antipluralismo, da

perseguição a qualquer pensamento de esquerda, do racismo, da misoginia e da xenofobia. (Cara, *et al*, 2022, p. 03)

Concluímos citando que o segundo relatório governamental já de 2023 com a ideia de que “o termo sectarização é, em todos os sentidos, inclusive epistemológicos, mais adequado que radicalização” (Brasil, 2023, p. 51). Revelou ainda o relatório oficial do governo

Que os adolescentes e jovens brancos e heterossexuais são os principais alvos de cooptação pelo discurso extremista e, assim, são também os promotores mais comuns dos ataques às escolas, tanto no Brasil quanto no mundo. O documento, inclusive, reitera que a misoginia desempenha um papel crucial nesse processo de *sectarização*” (Brasil, 2023, p.51)

A preferência pelo termo extremismo de direita que se fundamenta, em linhas gerais, num discurso que defende “a lei e a ordem” com aumento da força policial (que aparece como panaceia da segurança); fundamenta-se também no anticomunismo, no antiparlamentarismo, no antipluralismo, no racismo, na misoginia e na xenofobia. (Cara, *et al*, 2022). Ficou evidente como grupos e subcomunidades virtuais funcionam como espaço de sectarização política e “radicalização” violenta. Por isso acreditamos que é importante apresentar símbolos comuns no ambiente escolar e aqueles que despertaram nossa atenção.

O trabalho jornalístico e investigativo de Letícia Oliveira e Tatiana Azevedo (Oliveira, L e Azevedo, T. 2023) serviu de embasamento para esta investigação. Redes sociais, jogos, chats funcionam como espaços de cooptação violenta. Outras publicações que estiveram no escopo desta dissertação da mesma jornalista, a quem agradeço os ensinamentos e o brilhante trabalho, intitula-se “Conteúdos Extremos nas Redes Sociais: as subcomunidades do twitter” em coautoria com Tatiana Azevedo e Beatriz Lemos (Lemos, B. Oliveira, L. Azevedo, T. 2023) e “Monitoramento das ameaças massivas de ataques às escolas e universidades: o papel das subcomunidades online que cultuam atiradores em escolas e sua relação com os boatos que produziram pânico generalizado no Brasil a partir do dia 09/04/2023” com Paola Costa (Oliveira, L. Costa, P. Azevedo T. 2023).

Como comunidades e subcomunidades em fóruns, jogos, chats, redes sociais e mídias digitais operam como espaços de compartilhamento de conteúdo extremista, violento, de automutilação (e autoextermínio, sendo, muitas vezes, ataques contra escolas uma forma indireta de suicídio) e sectarização violenta, especialmente de meninos

heterossexuais e jovens. Na maioria dos casos de ataques violentos atuais, jovens cooptados por grupos extremistas e fascistas que tiveram a maior parte de sua socialização via internet; em busca de aceitação e revoltados com o mundo acabam sendo recrutados ao martírio, encontrando propósito nestes atos de violência extrema. Com expectativas frustradas em relação às mulheres e a sociedade, por vezes vítimas de violências. (AVAMEC, 2023).

Ao comparar, o Relatório preliminar sobre “extremismo de direita” (Cara, D. Et al. 2022) e o relatório final “Ataques às escolas no Brasil” (Brasil, 2023), estes dois documentos apresentados até agora, expressam uma contenda ideológica que brevemente pretendo comentar. O primeiro relatório, coordenado pelo professor Dr. Daniel Cara e uma equipe competente de profissionais trouxe luz, em dezembro do ano de 2022, ao fenômeno de como as ideologias de extrema direita, chamadas neonazistas, fundadas num discurso de ódio, misoginia, racismo, o capacitismo levavam à violência extrema contra escolas. Este relatório foi apresentado no contexto do governo de transição após a vitória eleitoral de Lula em outubro daquele ano.

Uma discussão política de bastidores fez pressão para que o nome “extremismo de direita” fosse retirado do título do relatório final “Ataques às escolas”. Acreditamos que para uma desnazificação eficiente é preciso atacar sua raiz no modo de produção capitalista. Horizonte este que não se apresenta, atualmente, onde “é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo” (Fisher. 2020). Fisher dedicou anos de sua vida travando um ferrenho combate a este modo de produção até sua morte precoce em 13 de janeiro de 2017 que deixou grande pesar em todos que hoje se debruçam a pensar em alternativas a esta “coisa inominável” – O Capitalismo. (Deleuze & Guattari, *in.* Fisher, M. 2020, p.80). A “banalização do mal” (Arendt, 1989) e uma mimetização exacerbada são tônicas deste estágio do capitalismo “mais digital” contemporâneo.

Redes sociais com moderação fraca de conteúdo permitem e estimulam discursos de ódio, símbolos extremistas e a livre associação de grupos sabidamente violentos e odiosos. O crescimento da extrema direita não pode estar desassociado ao avanço massivo das tecnologias de comunicação e informação. A exposição precoce de crianças e adolescentes ao mundo digital as coloca diante de símbolos que são apreendidos sem o devido processo de ensino e aprendizado ou tomada de consciência histórica crítica em um espaço educacional adequado.

A imagem abaixo apresenta um ato de violência neonazista onde as “14 palavras” e uma suástica foram pixadas no muro de uma escola. Por vezes, observamos ao longo da pesquisa que adolescentes podiam reproduzir símbolos de maneira inocente, ingênua ou curiosa. Outras vezes, os símbolos eram deliberadamente reproduzidos como discurso de ódio ou ameaça de ataque violento. Casos de misoginia, racismo, capacitismo, LGBTfobia, antisemitismo, islamofobia e violências tem se tornado mais comuns no Brasil. Ataques de violência em massa ou simbologias e discursos de ódio ganharam tração. Vemos na imagem abaixo um ato manifesto de violência e discurso de ódio de extrema direita ou neonazifascistas.



Imagen: Muro de escola público pixado com referências neonazistas em outubro de 2011. Lê-se, ao lado de uma cruz suástica: “vamos cuidar do futuro de nossas crianças brancas”, clara referências às “14 palavras” disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2011/10/muro-de-escola-na-zona-norte-de-sp-e-pichado-com-frase-racista.html> acessado em 06/04/2024

Essa pixação ilustrou, como sintoma, a ascensão de grupos neonazifascistas no Brasil e no mundo ocidental e serviu de alerta ao crescente número de casos de violências contra escolas. Compreender o nazifascismo histórico do Século XX e sua memória em disputa no presente e investigar as articulações internacionais de extrema direita na forma de neonazifascismos foi um dos esforços desta dissertação.

A seguir desenvolvemos uma análise destes conceitos à luz do fenômeno atual refletindo sobre os impactos não só à garantia do direito à educação, mas também na forma de uma violência contra toda à humanidade. Tentamos articular autores como Mark Fisher e Franco Berardi para compreensão do “capitalismo tardio”, do neoliberalismo e das formas de violência em massa e recorremos à leitura de Adriana Dias e Roger Griffin para entender conceitos como *fascismo, pós-fascismo, cyberfascismo, neonazifascismos*. Recorremos à Angela Nagle e à Furio Jesi, no sentido de compreender a *cultura de direita* e a Direita nas culturas digitais.

2.3. (neo)nazifascismos: uma análise de conceitos

Em “The Nature of Fascism”, Griffin (1991) procurou construir um conceito que permitisse comparar diferentes casos nacionais e movimentos que tiveram lugar em épocas distintas. Para chegar a tal conceito, identificou o “núcleo ideológico genérico” do fascismo, concluindo que “o fascismo é um gênero de ideologia política cujo núcleo mítico em suas várias permutações é uma forma palingenética de ultranacionalismo populista” (Griffin, 1991, p. 26). O mito palingenético que se constitui um aspecto central da ideologia fascista expressava-se por meio da recorrente afirmação de um recomeço, ou de uma nova ordem, que permitiria a superação de uma fase de crise ou declínio (Griffin, 1991, pp. 32-3).” (Bianchi, 2024, p. 60). Compreendemos o atual estágio do capitalismo globalizado como o neoliberalismo e investigaremos como dentro deste regime de acumulação formas neonazifascistas são possíveis. Em ato contínuo investigamos como o ensino de História pode ser uma ferramenta essencial no processo de combate a estas formas violentas e odiosas de existência e propomos a confecção de um produto para conclusão deste curso de mestrado na forma de uma ação antinazismo para prevenir a violência contra escolas.

Roger Griffin cunhou uma definição, amplamente, aceita acerca dos fascismos concluindo ser “um gênero de ideologia política cujo cerne mítico, em suas várias permutações, é uma forma palingenética de ultranacionalismo populista” (Griffin, 1991, p. 26). Na escola estadual onde esta pesquisa se realizou e trabalhava em 2023, apresentada no capítulo anterior, causou espanto e mobilizou a prática dos estudantes fazendo aberta apologia ao nazismo, desenhando suásticas em seus corpos (e mensagens como ‘Columbine’) e o “aparecimento” de cruzes suásticas e outras simbologias neonazistas como o número 88 que surgiram, em março de 2023, nas bancas e carteiras da escola do bairro vergel na cidade de Maceió. O uso do número 88 não saltou aos olhos e, poderia ser apenas “um símbolo do infinito” desenhado por um (a) estudante em sua carteira.

A Tese fruto do trabalho da Professora Adriana Dias intitulada “Observando o ódio: entre uma etnografia do neonazismo e a biografia de David Lane” (Dias, A. 2018) é, um importante trabalho, pois com ele somos presenteados com o trabalho de uma vida desta pesquisadora, referência obrigatória sobre a temática da Extrema Direita e neonazismo. A sua pesquisa mostrou os símbolos, os códigos e os espaços de organização da extrema direita mundial. Seu trabalho etnografou centenas de sites e

fóruns neonazistas e descreveu figuras emblemáticas destes círculos políticos baseados no ódio, como o supremacista branco e ideólogo neonazista David Lane e seus escritos “canônicos” para o neonazismo. (Dias, 2018)

Há, porém, uma sensação de que o nazifascismo seria uma coisa do passado. Morto e sepultado pelas forças aliadas, após a segunda guerra mundial. Hitler e sua maldade foram derrotados. Há, inclusive, uma crença de que a História teria chegado ao seu fim e os conflitos da humanidade teriam sido superados pela vitória do capitalismo democrático. Assim sendo, a pergunta pairou no ar: Por que dar uma atenção a estes símbolos neonazistas se toda a escola estava repleta de símbolos que remetem a grupos violentos? Lembremos que 100% dos casos de ataques contra escolas foram cometidos por meninos ou homens sectarizados em ideias de extrema direita em fóruns virtuais.

Reconhecendo que a motivação e a simbologia dos casos remetiam à cultura de direita neonazifascista e que os autores foram sectarizados em comunidades virtuais. Acerca deste fenômeno Adriana Dias (2018) define “neonazismo” como uma miríade heterogênea de movimentos onde cada grupo articula-se a partir de narrativas bidimensionais (sendo uma dimensão mítica e outra biológica). Com modos particulares de ler elementos sociais, míticos, históricos, religiosos ou biológicos dentro de um certo grau específico de “nazificação”, extremamente, racializada e com elementos paranoicos. Tal dimensão evidência uma noção de “nós”: o povo branco superior e ‘escolhido’, contra “eles” um “outro” severamente odiado. Estes grupos elaboram as concepções que sua “sobrevivência” necessita de uma postura exaltada, exacerbada, violenta, antisemita e nacionalista, fundada numa masculinidade que esteja disposta ao auto sacrifício, ou seja, morrer pela perpetuação do dito grupo ou pela causa que defende em permanente estado de alerta, ameaça ou mesmo em guerra. (Dias, 2018, p.p. 153 - 4.).

No Brasil, os movimentos de extrema direita, historicamente, tiveram posições ambíguas sobre a questão da Raça. Havia um fenômeno nas comunidades digitais do “nazipardo, blend de nazista + pardo, que indica posição do enunciador sobre a contradição representada pela postura dos referentes do nome.”. Lembramos movimentos supremacistas brancos e neointegralistas.

Optamos, de forma não definitiva e nem excludente, termo usado pelo professor Dr. Robson Loureiro no seu artigo “Educar, elaborar o passado, desnazificar: Memória histórica e neonazifascismo no início do século XXI” que discute a perspectiva que para

contemplar o fenômeno da extrema direita, é importante observá-lo de maneira ampla num campo movediço de estudos que ainda se desenvolvem. (Loureiro, 2019)

Enzo Traverso, considera o termo “*pós-fascismo*” (Traverso, 2019), contudo, a construção (neo) nazifascismo nos permite escrever sobre este (s) fenômeno (s) dentro de uma dimensão temporal histórica que pensamos serem adequadas ao momento e, ao tempo disponível que possuímos. O neonazifascismo estão presente na atualidade e difundidos de diversas formas nos meios digitais de comunicação.

No dia 25 de novembro de 2022, um jovem de 16 anos atacou duas escolas em Aracruz, no Espírito Santos, matando 4 pessoas e ferindo dezenas. Ele vestia roupas camufladas e uma braçadeira vermelha com uma suástica nazista - símbolo que tentou esconder após o ataque - no seu braço. característica estética deste tipo de violência pensada em midiatização que emula ou se inspira no ataque de Columbine no ano de 1999. Utilizando um veículo e uma arma que pertencia ao pai, um policial militar, o jovem invadiu a escola em que estudava e a escola em que ia votar. Além disso, no seu celular havia fotos do jovem com o livro de Adolf Hitler e outros materiais nazistas. Ele planejou o ataque por dois anos e vitimou, especialmente, mulheres. Segundo reportagens da época, o jovem era reconhecido como introspectivo, e alegava ter sofrido bullying. O jovem organizou o ataque, sem comentar com pessoas próximas, fazendo uso da internet organizado em comunidades virtuais de ódio.

Sobre ataques de violência em massa, reforçamos que o Brasil, é o segundo país com mais ataques a escolas no mundo e ficou no páreo com Estados Unidos e Finlândia em número de casos. Com um sistema de ensino de dimensões continentais o *potencial de crescimento* no número de casos é estarrecedor. Citamos Franco Berardi onde apontava que o (neo) nazismo não é a principal ideologia por trás de ataques violentos em massa e sim o *darwinismo social e um individualismo neoliberal* ao destacar o caso do finlandês Pekka-Erik Auvinen que no ano de 2007 matou brutalmente nove estudantes na escola de Jokela.

Ainda, de acordo com Berardi, há aspectos do nazismo que são evidentes como a violência, a desumanização da vítima e o racismo, porém “o seu único credo era o culto do indivíduo forte, do vencedor solitário. O perpetrador deixou um manifesto escrito exaltando valores que remetiam ao darwinismo social e um aspecto misantrópico que chamou de extincionário na declaração onde Auvinen declara que sua guerra (de um homem só) *contra a humanidade, governos e mentes fracas das massas do mundo*. No

seu “manifesto do seletor natural” afirma que está na hora de colocar “seleção natural e sobrevivência do mais forte de volta nos trilhos”. Nota-se o elemento forte no texto que remete ao Darwinismo Social. Nos diários de Eric Harris observamos sua admiração pela “seleção natural”. (Berardi, 2015, pp. 27-28, 34).

Segundo, Moysés Pinto Neto (2019), estabelecendo relações globais entre ataques de violência em massa conectados pela internet em uma complexa rede de significados. O autor observa:

Apesar de algumas características que o ligam a especificidades brasileiras e seu precedente em Realengo (RJ), pode-se ler o acontecimento de Suzano como um fenômeno tipicamente global, na medida em que alastrado pelo mundo inteiro como materialização de certas tensões culturais, cuja forma se modifica conforme o contexto local, mas a estrutura permanece similar. Apenas para ilustrar o ponto, um dia depois do evento no Brasil ocorre outro massacre em duas mesquitas em Christchurch, na Nova Zelândia, desencadeado pelo terrorista Brenton Harisson Tarrant e que resultou em mais de cinquenta pessoas mortas. O assassino justificava seu ato com a defesa da supremacia branca e dos valores do Ocidente contra os imigrantes, em especial os de religião islâmica. Por outro lado, os próprios jovens assassinos de Suzano invocavam Columbine, o primeiro dos atualmente frequentes massacres escolares ocorridos nos EUA ainda nos anos 90, como seu paradigma e objetivo de superação. As redes que o atentado mobiliza atravessam países e utilizam a Internet como ponto de encontro entre seus adeptos e inspiradores. (Pinto Neto, Moysés, 2019, p. 179)

Podemos observar a partir da chave de leitura de Franco Berardi em Moysés Pinto Neto mais claramente que há conexões globais entre esses casos de violência. “Nos EUA, na Noruega ou Nova Zelândia” os autores de massacres consideram-se como redentores ou heróis da branquitude eurocêntrica e que contestam de forma violenta “políticas que contemplam em geral imigrantes, feministas, liberais ou muçulmanos” fazendo sempre referência a um “ecossistema mundial de ideias que obteve diversos sucessos eleitorais nos últimos anos.” (Pinto Neto, Moysés, 2019, p. 180)

Utilizamos a imagem a seguir, como um compêndio de alguns símbolos comuns à extrema direita. O fato de ser do governo britânico pode causar algumas imprecisões em comparação à nossa metodologia geral de investigação. As imagens encontram-se em reportagem no “The Guardian” há uma denúncia de que a ong Greenpeace foi adicionada à lista de organizações “terroristas” de extrema direita da unidade de contraterrorismo inglesa. Certo que esta instituição do estado inglês pode cometer erros característicos do liberalismo, aproveitaremos a imagem da reportagem para mostrar

alguns símbolos usados pela extrema direita globalmente e escolhemos esta seleção de símbolos extremistas usados por grupos (neo)nazifascistas ou supremacistas. Destacamos para a mira celta, o sol negro e os dois relâmpagos que costumam aparecer com certa frequência. Existe uma lista não exaustiva e apenas ilustrativa da diversidade de símbolos utilizados por estes grupos como a suástica, o martelo de Thor (*mjolnir*) e a caveira *tottenkopf*.



Imagen: captura de tela de site da unidade de contraterrorismo inglesa onde temos símbolos usados por organizações de extrema direita ou neonazifascistas. Disponível em: <https://www.theguardian.com/uk-news/2020/jan/17/greenpeace-included-with-neo-nazis-on-uk-counter-terror-list> . Acesso em 16/05/2024

Salta aos nossos olhos as palavras “Confundida com liberdade de expressão, apologia ao nazismo cresce nos últimos anos no Brasil” é o título de uma reportagem da Agência Senado que trazemos para reflexão. Desde este período a extrema direita tem crescido e atuando de maneiras mais violentas ameaçando toda a diversidade de vida. É importante reiteramos que “liberdade de expressão irrestrita” inicia-se no discurso de ódio e na violência física, no constrangimento, na segregação e na eliminação do outro. Utilizamos para reflexão o “paradoxo da tolerância” de Karl Popper (Popper, K. 1945) em uma análise rápida e acessível. Se formos tolerantes com a intolerância, ela pode tomar o poder e se tornar mais violenta e letal.

O gráfico a seguir apresenta investigações a respeito de situações de apologia ao nazismo. Vejamos:

Investigações de apologia ao nazismo



Fonte: *O Globo* e Polícia Federal

agência senado

Investigações de apologia ao nazismo. Apurações abertas pela Polícia Federal dispararam a partir de 2019. Dados até maio de 2021. Fonte: *O Globo* e Polícia Federal da Agência Senado de notícias. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2021/08/confundida-com-liberdade-de-expressao-apologia-ao-nazismo-cresce-no-brasil-a-partir-de-2019>. Acesso em dezembro de 2024

A dissertação de Anderson da Silva Pereira intitulada “A Nova Onda Fascista: refletindo sobre o Fascismo nas aulas de História por meio de uma experiência filmica” (Pereira, 2023) elaborada no âmbito do Profhistoria-UERJ é um estudo importante que discute o combate aos neonazifascismos e um trabalho de pesquisa que nos interessa pela proximidade dos temas de pesquisa. A utilização do filme “A Onda” (2008) que reflete sobre um professor na Alemanha que faz em sua turma um experimento de uma organização nazista com seus estudantes. O resultado, após descrença dos estudantes de que o nazismo sequer poderia voltar a existir, foi a formação de um grupo com características nazistas que resultou em fatalidade entre os estudantes. Na “Ação Antinazismo” desenvolvida em nossa escola, trabalhamos este filme com os nonos anos (onde apareceram as suásticas) e outros professores como o de Educação Física à época utilizou o filme “Raça”, onde a questão da superação do racismo no esporte foi abordada. A ideia à época na escola era mobilizar toda equipe docente para tratar do tema de maneira ampla e por várias perspectivas.

No ano de 2024 o Ministério Público abriu uma investigação e uma série de debates públicos para apurar o crescimento de células neonazistas no estado de Santa Catarina. O número de ataques contra escolas apresentou, na maioria dos casos,

simbologias de extrema direita ou neonazistas. Os grupos neonazifascistas cooptam jovens em comunidades virtuais e incentivam, estimulam, planejam e coordenam ataques contra escolas. Uma clara manifestação reacionária à conquista do direito à educação pela maioria da população brasileira. Atualmente, as escolas públicas recebem pessoas de todos os gêneros, etnias, orientações, religiões e representa a diversidade do povo brasileiro, movimentos de extrema direita promovem violência contra essas pessoas.

Apesar de ter me concentrado neste momento do texto em descrever eventos, esta dissertação reivindica um lugar no campo da ciência histórica e do seu ensino, por isso, reflete sobre o tempo. Tenho em mente uma perspectiva que considera a “Longa duração” (Braudel, 1958) e pensa nas possibilidades - “Horizontes de expectativas” (Koselleck, 2002) – que a espécie humana vê para si na atual conjuntura. Jo Guldi e David Armitage reiteram em “Manifesto pela História” a importância de considerarmos a “longa duração” do tempo e pensarmos na História como uma ciência com o potencial de compreender e oferecer respostas. (Guldi, J & Armitage, D. 2018). Ouvimos de diversos estudantes uma descrença quanto à continuidade da existência de nossa espécie. O *clima – stimmung* (Gumbrecht, 2011. p. 42) de “fim de mundo” e de uma extinção em massa é facilmente perceptível. Guerras e conflitos que ameaçam a vida com armas nucleares; a xenofobia e a intolerância com refugiados; as mudanças climáticas e o crescimento da extrema direita intolerante se apresentam como possibilidades concretas de acelerar processos de extinção.

Assim, consideramos que o ensino de História possui à tarefa de entender este *clima e narrar* tempos diferentes. Novas relações entre seres humanos que não sejam pautadas na competição e na violência. Uma semântica diferente da estabelecida pelo neoliberalismo (Turin, R. 2019). Adiar o fim do mundo e salvar vidas através do combate a formas preconceituosas, odiosas e violentas de existir.

A professora Dra. Larissa Jacheta Riberti (Riberti, 2022) contesta em artigo intitulado “Os Neofascismos no Brasil e na América Latina. Um diálogo com Odilon Caldeira Neto” a afirmação de Stanley Payne e de outros autores – como o supracitado Paxton - de que não seria possível ter experiências fascistas fora da Europa. Argumenta Payne que fatores como a dominação política dos militares, a falta de mobilização política das classes sociais com nacionalismos não-competitivos entre si e com grupos dominantes elitistas patronais menos radicais na repressão ao nacionalismo

revolucionário em um mosaico de composição multiracial da maioria (Payne, 2014 p. 104 *in* Riberti, 2022, p.684) teriam impedido o surgimento de “fascismos reais” na América Latina. A historiadora brasileira no seu artigo citou o trabalho clássico de Hélgio Trindade (1974) que estudou a Ação Integralista Brasileira da década de 30.

Destacou também os “camisas doradas” do México; o movimento nacional socialista chileno e outros. Os autores concluem que podemos entender os fascismos latino-americanos como *autóctones*, internacional e diverso podendo evoluir para partidos mais estruturados e populares chegando até o poder (Bertonha, 2013, p. 32)”. Não há dúvidas que a experiência nazifascista do início do século XX esteja se repetindo. Enzo Traverso deixou patente que o debate sobre o conceito pode estar posto sem esquecer que o fenômeno tem balizas temporais bem estabelecidas. Ou seja, não temos ainda plena ciência e compreensão do fenômeno do presente, porém a experiência histórica permite traçar analogias e relações. Assim sendo, não seria apropriado cometer anacronismos ou ambiguidades afirmando que estamos diante de ‘nazismos’ ou ‘fascismos’ *ipso literis*. É preciso situá-los temporalmente no Século XX e, possivelmente, observar as continuidades e semelhanças que se apresentam, observou Traverso que

O debate historiográfico sobre o fascismo ainda está em aberto, mas ele define um fenômeno cujas fronteiras cronológicas e políticas são bastante claras. Quando falamos de fascismo, não há ambiguidade sobre o que falamos, mas as novas forças da direita radical são fenômenos heterogêneos e complexos. (Traverso, 2019. p.14).

Os conceitos precisam ser demarcados precisamente para que não sejam banalizados. Não obstante, as continuidades nazifascistas no presente despertam atenção e fomentam debates. Diante, da dificuldade de caracterizar a atual quadra histórica e conceituar precisamente o que está acontecendo e como a extrema direita tem se organizado, o conceito amplo de “*pós-fascismo*” (Traverso, 2019) ajuda a compreender - enquanto a busca por uma precisão conceitual prossegue-as manifestações de extrema-direita da segunda década do Século XXI. Traverso citou ainda o historiador alemão Reinhart Koselleck (Koselleck, 2002, p. 20 – 37) acerca das tensões entre os fatos históricos e suas respectivas transcrições linguísticas:

conceitos são indispensáveis para se pensar a experiência histórica, mas também podem ser usados para compreender novas experiências que estão ligadas ao passado através de uma rede de continuidade temporal. A comparação histórica que tenta estabelecer mais analogias e diferenças do que homologias e repetições surgem da tensão entre história e linguagem. (Traverso, E. 2019. p.13).

Acerca das experiências nazifascistas do início do século XX, destacamos o jurista soviético, Evguiéni Pachukanis (1891 – 1937) apontava que a classe dominante burguesa e setores da classe média técnica estariam prontos a fazer aliança com “qualquer que lhe convenha, com qualquer miliciano” que fosse capaz de manter: “salvar a sagrada propriedade [privada]” (Pachukanis, 2020, p. 31-36). O jurista soviético antes de sua morte precoce presenteou-nos com seus escritos sobre a hecatombe de sua época o “f” – o fascismo em um livro publicado recentemente (Pachukanis, 2020) e nos lembra em seus ensaios que:

As primeiras organizações fascistas tinham por representantes a camada da pequena burguesia em sua maioria. Mas não se tratava da pequena burguesia do desenvolvimento capitalista inicial. Eram, em grande parte, representantes da camada média que cresceu na última década do capitalismo – intelectualidade técnica e servidores. [...] (Pachukanis, 2020. p. 41-46)

O historiador Robert Paxton em seu incontornável “Anatomia do Fascismo” (Paxton, 2007) destacou sobre os horrores do nazismo alemão e sua “*tentativa de extinguir*” com alta tecnologia e em escala industrial a cultura, a memória e todo um povo. As barbaridades das guerras as quais o mundo já estava “acostumado” ocorreram em uma escala nunca antes vista “pela tecnologia e pela paixão” (Paxton, 2007 p. 20) Esta pesquisa entende o período como de “conflito de forças” entre liberais, fascistas, católicos e diversos setores comerciais e industriais mais ou menos ligados às pautas progressistas. Entende-se, a partir de Marx que a “ideologia dominante é a ideologia da classe dominante” (Marx, 2009) e endossamos Robert Paxton na constatação de que “jamais houve um regime fascista ideologicamente puro” (Paxton, 2007) referindo-se aos conflitos entre setores das classes dominantes na Itália e na Alemanha do início do século passado. Os elementos eram os mesmos “partido, burocracia estatal e sociedade civil” (Paxton, 2007, p. 217). Paxton nos lembra ainda (ibid. p.213) da “queda-de-braço” entre os fascistas e conservadores.

O historiador brasileiro Dr. Karl Schurster aparece como referência fundamental nesta temática no Brasil e apresenta reflexões sobre o horror nazista na segunda guerra mundial conhecido em hebraico como *Shoah*, o Holocausto, e o define como um “processo *genocidário* de extermínio coletivo”. Marca do século XX que nos lembra o perigo real e iminente das “condições de existência dos fascismos” (Silva; Schurster, 2022). Em artigo, o professor Schurster aponta que o ensino sobre o Holocausto como tema socialmente vivo é imperativo em especial com a “ressurgência dos fascismos via direitas radicalizadas” no século XXI, a despeito de, como observa, o Ensino sobre o Holocausto começar em idades precoces na Áustria. (Silva; Schurster, 2022 *in* Schurster, K & Ramos, L. 2023. p. 142). Afirma citando Mittnik (2016) que “desde 1980, a quantidade de conteúdo sobre o Holocausto aumentou na Alemanha e em menor medida na Áustria.”.

Observamos em 2024 que a extrema direita na Alemanha ganhou força com destaque para o partido AfD (Alternativa para a Alemanha – “Alternative für Deutschland”). Podemos afirmar que o projeto de desnazificação possui suas limitações e, apesar de amplo acesso à informação e uma educação de qualidade, estamos diante de negacionismos e revisionismos perigosos.

Seguimos citando que “o grande desafio didático [...] é a centralidade na figura de Hitler, dando a ideia de que apenas uma pessoa cometeu esses crimes e crueldades”. A sociedade, de maneira geral, não quer se associar a este “capítulo sombrio” e, portanto, os “livros didáticos podem criar identidades” negando ou silenciando eventos do passado “trazendo dados não discutidos e fotos e imagens descontextualizadas.”. (Schurster, K & Ramos, L. 2023. p. 148). As pesquisas citadas analisaram livros didáticos na Áustria no ensino fundamental no ano de 2015 e constataram que os manuais aprovados para circulação entre estudantes austríacos “concluiu que nenhum deles incluiu os termos ‘judeu’ ou ‘holocausto’ e que em apenas um exemplar os austríacos foram apresentados como perpetradores.”. (Schurster, K & Ramos, L. 2023. p. 148).

O nosso trabalho concorda com a professora Ramos e o professor Schurster que é preciso formar docentes com consciência crítica que possam ensinar sobre o tema do Holocausto, “ápice da destruição humana calculada” de forma eficaz e sensível diante de uma população estudantil mais diversa religiosa, culturalmente e mais plural. Docentes que sejam capazes de responder às perguntas difíceis e fazer frente a discursos

negacionista. As pesquisadoras apontam que o “aumento da xenofobia, do antisemitismo, da islamofobia e do radicalismo só pode ser erradicado com uma educação eficaz e poderosa”. Baseada numa demanda “treinamento abrangente de professores, oportunidades de capacitação contínua, materiais didáticos que levem em consideração o crescimento cultural, o pluralismo da sala de aula e uma mensagem consistente em todas as áreas educacionais”. (Vitale, M & Clothey, R. 2019 *in* Schurster, K & Ramos, L. 2023. p. 149).

A crescente política de partidos de extrema direita que repercutem discursos de ódio e a profusão de células, grupos ou organizações supremacistas, extremistas ou neonazifascista são o suficiente para despertar um alerta para a humanidade. Os estudiosos dos conceitos ainda precisam se aprofundar, porém, tendo apenas o passado na forma de História para nos ensinar, recorremos às experiências prévias semelhantes, à sua maneira.

Em mesa redonda transmitida virtualmente no evento “Direitas ontem e Hoje”, o historiador Dr. Karl Schurster afirmou, e encontra total concordância com suas palavras neste trabalho, “que passou da hora dos embates comparativos” numa reflexão sobre extensas e prolixas reflexões teóricas sobre a extrema direita que impediriam ações concretas nos estudos sobre os fascismos. Afirma também haver uma separação errônea entre os estudos sobre genocídios e os fascismos. Pensando em tal perspectiva:

É muito difícil ao longo do tempo observar a historiografia e o avanço da historiografia do fascismo separando todos os crimes sociais e humanos cometidos pelos regimes fascistas ou por aqueles *simpatizantes ou fascistizantes* [...] nem todos efetivamente vão desembocar num genocídio [...] Todos cometem efetivamente crimes contra a humanidade. (Schurster, K. Acessado em 11/03/2024)

A política fascista e sua manifestação contemporânea - o neonazifascismo - manifesta-se em estratégias e slogans que veneram um passado idealizado – “mítico” - e valoriza heróis masculinos que representam grupos político-econômicos dominantes. Possui uma propaganda baseada em notícias falsas onde predomina o anti-intelectualismo e a defesa de uma realidade baseada na hierarquia. O fascismo e o neonazifascismo combatem tudo que diz respeito à sexualidade e apelam ao patriotismo/nacionalismo ufânico enquanto “desarticulam” toda e qualquer união e republicanismo. Desumanizam grupos sociais, justamente os “segmentos mais

pauperizados da classe trabalhadora” podendo chegar ao extermínio generalizado. O sintoma mais protuberante da política fascista é a acentuação da divisão social seja ela étnica, religiosa, de gênero e etc. (Loureiro, 2019, p. 1571-72).

Por este conjunto de aspectos, é que se torna importante discutirmos no espaço escolar, e consequentemente social, o significado do fascismo, nazismo e neonazismo em nossa sociedade. E entendemos que os professores possuem uma importância central nestas discussões, pois combater estes ideários de extrema direita, são ações concretas para a construção de uma educação plural, democrática e cidadã. A seguir, problematizamos a importância em desnazificar as escolas.

2.4. Por que falar em desnazificação nas escolas hoje?

Um mapa, após a Segunda Guerra, chamou atenção por ilustrar as continuidades institucionais do nazismo. Enquanto, que no lado soviético da “cortina de ferro” houve um amplo processo de desnazificação, no ocidente, observamos a permanência de ex oficiais nazistas em postos de comando e liderança em instituições importantes. Abaixo reproduzimos um mapa que aponta como funcionários de alto escalão da administração nazista ocuparam postos importantes no pós-guerra. Sabe-se de oficiais nazistas em postos de comando na OTAN e em outras instituições no período que deveria ser de ‘desnazificação’.



Imagen 13: “Em 1962, a Democratic German Report, revista noticiosa em língua inglesa da RDA, publicou um mapa listando os países em que os antigos membros do partido nazista estavam ativos como embaixadores da República Federal da Alemanha. ‘em 1962 o Partido socialista democrata alemão mapeou todos os embaixadores da Alemanha Ocidental com ligações com o partido nazista’. Na legenda veem-se três símbolos: uma cruz suástica para “embaixadores da Alemanha ocidental que foram membros do partido nazista”; um losango para “embaixadores da Alemanha ocidental que trabalharam no serviço diplomático de Hitler”; e um círculo que indica “embaixadores da Alemanha ocidental que possuíam cargos importantes na Alemanha hitlerista”

Disponível em: <https://thetricontinental.org/pt-pt/estudos-1-rda/>

A História, até hoje, mostrou-se como um espaço de reflexão e luta entre forças extincionárias e potências evolucionárias. Entendemos o nazifascismo ou a “sociedade administrada pelo Capital” como a experiência política que mais ativamente acelerou a possibilidade da extinção da espécie humana. Esta governabilidade ultra neoliberal do capitalismo tardio fomenta brotações neonazifascistas que apregoam o ódio; a violência

extrema e o extermínio em massa. Representam, junto da catástrofe climática acelerada pelo Capitalismo do (no) ‘Antropoceno’, um perigo real, à sobrevivência da espécie humana no planeta Terra.

O crescimento da extrema direita no Século XXI e de uma de suas manifestações violentas na forma de ataques contra escolas obrigam a reflexão sobre como o Ensino de História pode ser uma estratégia concreta de ação para salvar vidas. (Marx & Engels; Jabbour, 2020; Loureiro, 2021; Tsing, 2020; Chakrabarty, 2020; Abramovay, 2022)

Em artigo valioso, Loureiro (2019) relaciona o ascenso de um estágio neoliberal do sistema capitalista ao surgimento de manifestações neonazifascistas. O texto citado neste artigo traz em seu título a palavra que norteia a atual pesquisa: “Desnazificar”. A necessidade urge, ainda posto que o momento atual, “nossa zeitgeist”, mostra a necessidade de superar a “sociedade administrada pelo Capital” (Loureiro, 2019. p. 1576). Lembra que “o suposto desejo de eliminar o nazifascismo” pareceu ter desaparecido quando o programa de desnazificação alemã passou, em 1948, a ser de responsabilidade dos próprios alemães. (Evans, 2018; Fox, 2017; Dack, 2016; Bark; Gress, 1989; Griffith, 1950. *in* Loureiro, 2019. P.1558) consideram que o PDA, mais que um fiasco (Hertz, 1948), foi um fracasso.” (Loureiro, 2019. p.1558). Observou-se não apenas o fracasso do programa de desnazificação como a perpetuação e renovação de movimentos (neo)nazifascistas no período da Guerra Fria e, ainda, neste primeiro quarto do Século XXI.

Consideramos que o ocidente não tem e não teve interesse de realizar um processo sério de desnazificação, pois o liberalismo está sempre pronto para se abrir para o fascismo, como mostra a experiência histórica dos últimos 100 anos. Ambos concordam com a sociabilidade do Capital e os valores ‘sacrossantos’ da propriedade privada. Desta maneira, observou-se, ao longo do século XX, as continuidades da extrema direita no jogo político no ocidente. Indivíduos e até grupos organizados após a II Guerra negavam que câmaras de gás teriam existido e o extermínio em massa de judeus tivesse ocorrido durante o regime nazista e tornou-se um termo popular pela ação do historiador francês Henry Rousso. Estes ‘negacionistas’ se viam como uma “escola revisionista” da História e tentaram dar credibilidade intelectual e científica ao que não era mais do que falseamento e deturpação de evidências. (Valim, 2021. p. 14)

Enzo Traverso apontou como estes negacionistas conseguiram contaminar a linguagem criando confusão na esfera do debate público. Notamos que o revisionismo

não se restringiu ao espaço acadêmico ou historiográfico é um fenômeno político relacionado às práticas e aos discursos que questionam as relações que as sociedades estabelecem com seus passados (Traverso, 2019, p. 97 in Valim, *Et al*, 2021 p.14).

O historiador alemão Robert Kurz (2020) sintetizou no título de sua obra as continuidades fascistas e nazistas em regimes democráticos. Em “A Democracia devora seus filhos”, Kurz elaborou que “na democracia de mercado plena, a barbárie está sempre e em toda parte à espreita” (Kurz, 2020. p.61). Existe ainda, o entendimento a partir de Theodor Adorno sobre a “sobrevivência do nacional socialismo *dentro* da democracia” sendo uma ameaça potencialmente mais perigosa que ímpetos “fascistas contra a democracia”. (Adorno, 2005. p.90, in Traverso, 2019. p. 13)

No período da Guerra Fria (1946-91) onde o anticomunismo era uma força no ocidente capitalista, vimos a gestação do neoliberalismo como novo regime de acumulação nos países tutelados pelos Estados Unidos. Observamos como este novo regime gestou as condições para o (neo)nazifascismo e ascensão da extrema direita globalmente. O historiador brasileiro Rodrigo Turin nos presenteia com um excelente texto intitulado “Tempos Precários” (Turin, 2019) onde discute a semântica neoliberal. Uma percepção de como o regime de acumulação modificou nosso uso da linguagem. Os conceitos de “resiliência”, “adaptação” e outros vocábulos impostos pela gramática do capital. Turin (2019) nos lembra de Michel Foucault ao tratar a novidade do neoliberalismo possuindo como “núcleo duro” uma fundamentação da sociedade no princípio da concorrência. Analisando, tal realidade, o historiador observa que

Uma concorrência que não se encontra na natureza humana (como a troca, no liberalismo clássico), mas que deve ser artificialmente produzida. A elaboração de uma nova linguagem, de novos conceitos faz parte desse artifício. Desde o propalado “fim da história” de Fukuyama e o “there is no alternative” (Tina, na sigla em inglês) de Thatcher. (Turin, 2019. p.34).

Octavio Ianni em um indispensável texto (Ianni, 1998) relaciona o *Neoliberalismo e a ascensão de Neofascismos*. Em sua leitura depreende-se a ideia de que não apenas o neoliberalismo é fermentado no capitalismo global, mas também o nazifascismo que pode ser visto como “produto extremo e exacerbado” das preponderantes forças de uma “sociedade administrada em moldes neoliberais” (Ianni,

1998, P.115) o sociólogo brasileiro descreveu como são postas, “sob o neoliberalismo” as condições para o nazifascismo.

O autor ainda afirma que “os ingredientes nazifascistas” se encontram presentes “No jogo das forças sociais que se desenvolvem com a globalização neoliberal” (Ianni, 1998, p.112). Tais como a gerência das atividades e ideias coletivas ou individuais está posta no nazismo e no fascismo (1920, 1930 e 1940) e seguem em desenvolvimento no curso da Guerra Fria subsistindo ainda, o nazifascismo, após o final desta. Podemos chamar o neoliberalismo citando Pierre Dardot e Christian Laval (Dardot & Laval, 2016) como “a nova razão do mundo”.

Observa-se que junto da retração de serviços públicos essenciais, a burguesia adotou retóricas mais violentas e odiosas para mobilizar setores da população num estado de guerra contra “minorias” a fim de tirar o foco das condições de vida cada vez mais precárias. Esta pesquisa entende que o combate às formas neonazifascistas estão condicionadas às transformações sistêmicas de caráter socioeconômicos e não podem se esgotar no âmbito da sala de aula.

Ao final da década de 1990, a história parecia ter chegado ao seu fim para ideólogos fascinados pelo capitalismo naquele estágio. A História não chegou ao seu fim. As primeiras décadas do Século XXI mostram que o neoliberalismo convulsiona e opera como um sistema zumbi, com destaque para a crise financeira de 2008 e movimentos sociais subsequentes. Como matar um zumbi? Se mostrou uma pergunta de difícil resposta. (Fisher, 2020 p. 142.).

Acerca disso podemos contextualizar brevemente o momento pós crise financeira de 2008 que fragilizou sistemas políticos e econômicos a nível global e abalou as estruturas sociais. Movimentos sociais encontraram espaços virtuais de organização e tomaram as ruas, cada qual a sua maneira; em seu período e com suas características, mas podemos listar o occupy wall street (2009) e a primavera árabe (2010) e junho de 2013 no Brasil sem esquecer do Euromaidan na Ucrânia em 2014 e o debate sobre neonazismo neste país após a operação militar especial russa iniciada no ano de 2022 com o objetivo de desnazificação da ucrânia.

A quadra histórica apresenta-se como um tempo de crise e de possibilidades, de opressões e resistências, de extinção e de evolução. Neste “claro-escuro” de uma crise sistêmica duradoura de contradições acirradas onde o “Velho mundo” morreu e o novo ainda não pôde surgir, brotam os “monstros”, para mencionar o pensamento do “sardo”

Antonio Gramsci. Podemos reafirmar que o neoliberalismo gestou as condições para manifestações neonazifascistas. Entendendo o modo de produção capitalista como uma força destrutiva planetária e, ademais, o nazifascismo como uma experiência genocidária, a oferta do neonazismo para a humanidade é sua extinção.

Enzo Traverso (2019) em texto intitulado “Do Fascismo ao Pós-Fascismo” realizou um balanço sobre o fenômeno da extrema direita no século XXI. Apresentando como a direita radical tem notabilidade acentuada em nossa quadra histórica e apontou o caráter nacionalista, xenófobo das experiências direitistas na Europa e nos Estados Unidos. O desafio presente na política dos “países ocidentais” se apresenta como negacionismo científico. Tal negação das ciências constituídas afeta as humanidades e as ciências exatas. Sobre as formas contemporâneas da extrema direita na Europa, Michel Lowy traçou um panorama onde aponta características comuns a estes movimentos, sendo assim:

A atual extrema-direita europeia é muito diversa, uma variedade que vai de partidos abertamente neonazistas, como o Aurora Dourada na Grécia, a forças burguesas perfeitamente bem integradas ao jogo político institucional, como o suíço UDC. O que eles têm em comum é o seu nacionalismo chauvinista — e, portanto, oposição à globalização “cosmopolita” e a qualquer forma de unidade europeia —, xenofobia, racismo, ódio a imigrantes e ciganos (o povo mais antigo do continente), islamofobia e anticomunismo. (Lowy, M. 2015).

A diversidade da extrema direita assinalada por Lowy, nos coloca diante da complexidade de compreensão da extrema direita na contemporaneidade e dos diversos meandros sob os quais ele circula. Dentre eles, o negacionismo das mudanças climáticas causadas pela ação humana é um aspecto notável, porém, no campo das ciências humanas e da história há negacionismos próprios que devem ser mencionados. A negação das ditaduras, do Holocausto, da escravidão africana na modernidade e genocídios são campos de combate em que a principal vítima é a verdade. Este isolamento devido à pandemia colocou jovens no mais delicado estado de formação de suas identidades num cenário de vulnerabilidade e convívio digital crônico.

Crianças e adolescentes passaram por “isolamento social” nos momentos fundamentais de sua formação. O ensino e a socialização foram mediados por telas em um clima apocalíptico. Muitos dos usuários são formados em culturas virtuais.

“Sentimento de insegurança em relação ao futuro”, dúvidas quanto ao valor e o sentido dos estudos para suas vidas.” (Abramovay, 2022)

Em uma constatação precisa sobre a contradição presente no discurso da “direita neoliberal”, Fisher apontou que esta pode apregoar um fim do Estado, enquanto, detém controle sobre governantes (Fisher, 2020, p.147-148). Neste breve comentário, o autor condensa o que pode ser entendido como um consenso nos estudos da economia política em que o discurso do “estado mínimo” tende a significar a retração de serviços e direitos fundamentais à sobrevivência digna da população trabalhadora com um aumento das forças de repressão e punição deste mesmo Estado controlado pelas classes proprietárias.

Compreender o nazifascismo e o neonazifascismo como “religiões ou cultos de morte”, como diria Furio Jesi em seu “Cultura de Direita” (Jesi, F. 1979) ou, na leitura da brilhante Adriana Dias, como manifestações centradas no ódio e na eliminação de grupos considerados inadequados ao modelo excludente idealizado por estes movimentos e, sobre contribuição de Michel Foucault no prefácio intitulado “Introdução à vida não fascista” n’ O Antiédipo de Gilles Deleuze & Félix Guattari, onde lê-se da necessidade: da “perseguição a todas as formas de fascismo, desde aquelas, colossais, que nos rodeiam e nos esmagam até aquelas formas pequenas que fazem a amena tirania de nossas vidas cotidianas.”(Foucault, M. 1993) .

Pensar o conceito de pós-fascismo, enquanto, aprofundam-se as pesquisas sobre o tema pode ser um caminho útil na investigação crítica de um fenômeno complexo. Aqui cabe notar que Roger Griffin (1991) utilizou o conceito de pós-fascismo referindo-se a movimentos ainda no século XX posteriores aos regimes nazifascistas e a II Guerra Mundial, Traverso (2019) entende o conceito de maneira distinta e associa ao momento de crescimento das extremas direitas no Século XXI:

Daí, porque o termo pós-fascismo ser mais apropriado. Sem desconsiderar seus limites evidentes, este termo nos ajuda a descrever um fenômeno em transição, um movimento ainda em transformação e ainda não cristalizado. Por esta razão o “pós fascismo” não tem o mesmo status do conceito “fascismo. (Traverso, 2019. p.14).

Um evento promovido pelo Profhistoria-UFPE: “Neofascismos e ascensão das extremas direitas na América Latina” ocorrida no dia 26 de abril de 2023 possibilitou uma conversa com a professora Dr^a Larissa Jacheta (Riberti, 2022), que, ao ser

perguntada sobre como seria possível imaginar um horizonte de educação antinazista, pronta e corretamente respondeu que “seria preciso pensar no fim da educação privada no Brasil”.

Desta forma, investigamos dentro do limite das possibilidades e dentro do local social (Certeau, 2002) de uma pequena escola de ensino fundamental (anos finais) na cidade de Maceió, Alagoas, como o ensino de História pode “apagar suásticas”: funcionar como elemento de compreensão crítica das diversidades socioculturais e étnico raciais para combater violências de extrema direita de cunho intolerantes, racistas, sexistas, capacitistas potencialmente salvando vidas. Ferrenhamente lutando contra nossa própria extinção.

Nesta perspectiva, entendemos a necessidade de pensar as possibilidades, diante das questões promovidas pela expansão do neonazismo e do ideário de extrema Direita, no campo da política e quais os impactos para pensar o ensino de História, principalmente, porque este campo de conhecimento torna-se um dos primeiros a serem atacados, e relativizado, na qualidade de saber científico e explicativo, aspecto que impacta o componente curricular, vivenciado no espaço escolar. Diante deste conjunto de questões, apresentaremos no capítulo a seguir, o contexto e as ações que empreendemos para pensar como as suásticas apareceram na Escola em que esta pesquisa se realizou e em outras escolas, e quais as estratégias que utilizamos para discutir e combater tal ideário no ambiente escolar.

CAPÍTULO 03 - AÇÃO ANTINAZISMO

3.1. Como apareceram suásticas na escola?

Na vizinhança da escola estadual local que trabalhamos durante esta pesquisa, encontra-se um colégio particular que foi palco de uma ameaça de massacre escolar. A polícia foi acionada e o caso, acredito, foi arquivado. Entre 2022 e 2024 fui por duas vezes bolsista da Fundação de Amparo à pesquisa no estado de Alagoas (FAPEAL) no âmbito do programa “Professor Mentor” e no edital “Grêmio que Cria” em parceria com a secretaria especial de primeira infância do governo estadual. Mencionamos no artigo, que a experiência como mentor de turma nos permitiu um contato mais próximo e atento com os estudantes.

A turma na qual atuamos era um sétimo ano. Considerada por vários docentes como “a pior turma”; a mais indisciplinada. Muitos discentes vinham de situações de extrema pobreza e saídos recentemente de um processo doloroso de isolamento social. Como mentor, tínhamos a obrigação de ‘observar a turma com mais atenção’. E escutar os discentes com atenção é imprescindível. A notícia dos jornais rapidamente virou assunto nos corredores da escola e fomos convocados a agir. Lia-se, à época, uma manchete retumbante “- “BOPE [batalhão de operações policiais especiais] é acionado após ameaça de massacre em escola no Vergel”.

A escola ameaçada, Colégio Santa Tereza, fica a poucos metros da escola em que essa pesquisa se desenvolveu. O autor das ameaças à esta escola privada era irmão mais velho de um dos discentes da turma em que eu era responsável. As duas escolas eram distantes apenas poucos metros. Suásticas e outros símbolos de extrema direita surgem como sintomas ou sinais que apontam possibilidades de violência ou sectarização violenta.

Supostamente, vemos na captura de tela (*print*) abaixo, este perfil anônimo foi de autoria deste ‘irmão mais velho’. As duas escolas estavam próximas não apenas geograficamente, mas, também, de formas mais ‘fraternais’, na medida que atendiam membros da mesma família. Este ‘irmão mais velho’ – que, doravante, será *D.* - do ‘meu aluno’ – chamarei de *A* - era vítima de bullying, supostamente por ser bolsista numa instituição privada, uma manifestação de classismo e racismo.

O autor das ameaças noticiadas, alegou tal realidade, como a suposta justificativa para a ameaça. O caso foi acompanhado pelas autoridades competentes. A nossa escola acolheu o estudante, após sua expulsão da outra instituição.

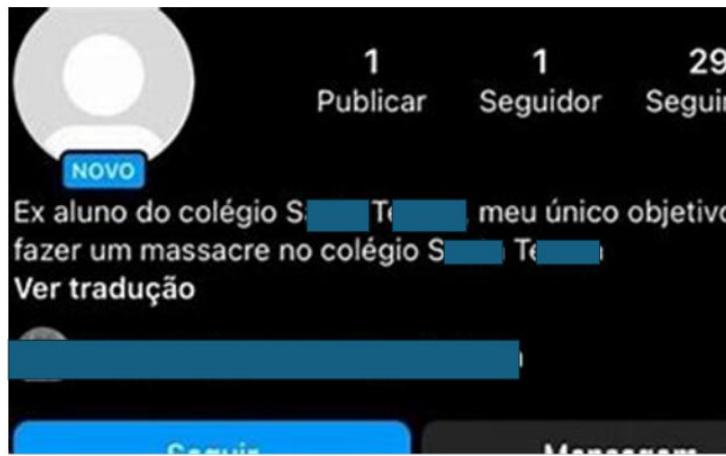


Imagen 14: Transcrição “Ex aluno do colégio Santa Tereza meu único objetivo fazer um massacre no colégio Santa Tereza”. Descrição: print de instagram mostrando ameaça a uma escola particular ‘Colégio Santa Tereza’ na vizinhança da escola em que trabalhava. Disponível em: <https://www.alagoas24horas.com.br/1472389/bope-e-acionado-apos-ameaca-de-massacre-em-escola-no-vergel/> - “BOPE [batalhão de operações policiais especiais] é acionado após ameaça de massacre em escola no Vergel”. Acesso em 23/06/2024

As suásticas apareceram em seguida, entre 2022 e 2023, riscadas em bancas, livros e carteiras. Reforçamos e destacamos em sala, a lei antirracismo – Lei nº 7.716/89 que em seu artigo 20º trata sobre a proibição de confecção, fabricação, comercialização ou veiculação de símbolos que utilizem a cruz suástica. Este embasamento legal e teórico é imprescindível no combate às formas de violência contra escola e devem servir de apoio às comunidades escolares em seus esforços para o convívio democrático e cidadão.

Fotografamos as suásticas que foram encontradas na escola e mostraremos adiante algumas das imagens, neste capítulo. Tal fato aconteceu no início de 2023 entre os meses de fevereiro e maio. Os alunos do nono ano desenharam suásticas em suas mãos, bancas ou carteiras, livros e cadernos. Isto associado ao clima de violência em onda no país à época despertou em alguns professores (não em toda a escola, o que me preocupou) um clima de urgência para prevenir um possível atentado. Destacamos, pois este número aparece como “alternativa” para comunicação do discurso de ódio. Adriana Dias (2018) destaca que esses números são “Definitivamente a marca mais usada” entre estes grupos e, “adiciona as Quatorze Palavras de David Eden Lane e a abreviatura “Heil Hitler”, 8 = oitava letra no alfabeto, 88 = HH = Heil Hitler. Além disso, também

pode representar 1 = Auf, 4 = Deutschland, 8 = Heil, 8 = Hitler, ao Alto a Alemanha, Heil Hitler.” (Dias, A. 2018. P. 22).

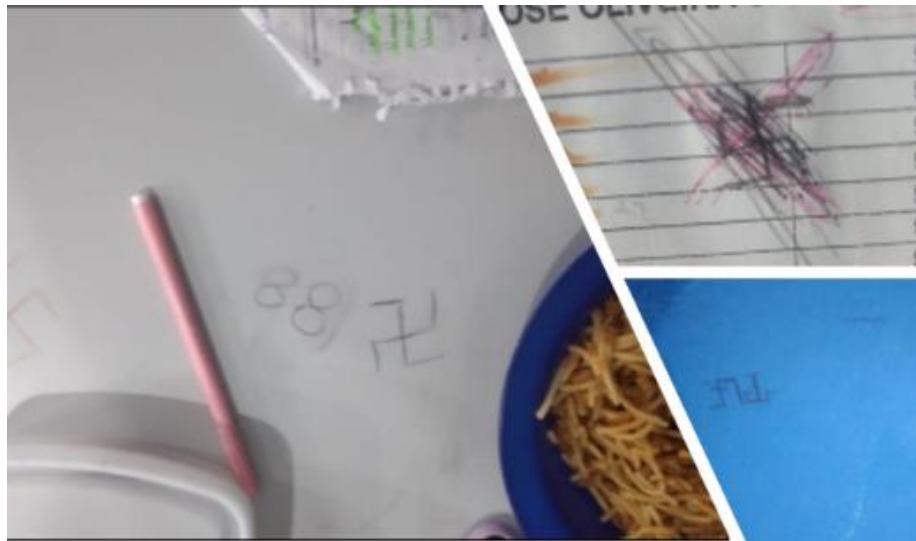


Imagen 15: Suásticas em carteiras escolares e listas em paredes. Além destas, lê-se o número 88, que em simbologia alfanumérica, pode significar apologia ao nazismo. De abril de 2023. Fonte: Acervo do autor.

Mapeamos as salas e onde discentes se sentavam para tentar identificar a autoria. Alguns discentes em nossa escola à época, desenharam suásticas em suas mãos e braços. Prontamente foram suspensos, a despeito do que a pedagogia os manuais falam sobre esta punição na escola. A percepção era que estávamos diante de uma ameaça concreta e imediata de um massacre e tínhamos que agir prontamente. Os eventos foram síncronos à onda de massacres contra escolas em 2022/23.

Pelo menos dois discentes (chamarei de *R.* e *H.*) desenharam suásticas em seus próprios corpos. Na imagem abaixo vemos um trecho do ‘livro de ocorrências’ da escola em que um discente – *R.* – foi visto por um professor com uma suástica desenhada em sua mão. O caso reincidiu. Outros discentes imitaram e desenharam a cruz suástica em suas mãos, bancas, carteiras, livros e outros lugares. Pelo menos outros 05 jovens foram vistos ou eram suspeitos de serem autores de desenhos de cruzes suásticas. Tentamos observar padrões, encontrar os autores e refletir sobre o que fazer para prevenir uma violência maior. O sentimento de medo tomava o ambiente. A ameaça era real e o perigo parecia iminente. Imaginar que a escola na qual atuamos podia ser à próxima a ser atacada não era incomum e o assombro obrigava que meu trabalho fosse o mais amplo possível.

A partir, deste conjunto de evidências que foram se apresentando, através do aparecimento das cruzes suásticas e outros símbolos extremistas, formos pensando de maneira mais ampla, como já referenciamos em outros momentos do nosso trabalho, as estratégias de abordar e enfrentar esta realidade que se apresentava, neste sentido, nos acercamos de reflexões a respeito deste fenômeno, a partir da leitura, teórica e historiográfica, colaborou de maneira importante para pensar estas possibilidades. Desta forma, tentamos pensar como os espaços escolares sofriam a partir da difusão desse ideário e procuramos a seguir pensar a disseminação dos neofascismos e violências nos espaços escolares.

Neste momento ficou evidente como o ensino de História pode atuar no esforço de prevenção e combate às violências contra escolas e, ademais, servir como instrumento de formação de consciência crítica, consciência Histórica e valores morais mais solidários, inclusivos e democráticos. O componente curricular ainda se apresenta necessário para “abrir horizontes de expectativa” e oferecer esperança à juventude anunciando outras possibilidades de mundo. O desenvolvimento desta ação antinazismo é também um convite à reflexão e ao estudo da História.

3.2. Ação Antinazismo: Desnazificando através do ensino de História

De imediato desenvolvemos, ao ver suásticas e outros símbolos de extrema direita como o 88 ou o HH ou SS, uma *Ação Antinazismo* para desradicalizar através da educação e ensino de História. Tentamos, de forma resumida, reportar a experiência em um texto publicado na Revista eletrônica Alagoana de Educação (REDUC) sobre a ação antinazismo (LÔBO, J. 2024). Nos inspiramos nos trabalhos encontrados virtualmente como dissertações de mestrado e alguns sites de fundações educacionais. Notamos uma escassez de materiais de apoio voltados à questão dos neonazifascismos. A publicação de estudos, relatórios, reportagens e outros materiais foram publicados ao longo da elaboração desta pesquisa.

Entendemos esta ação antinazismo como um esforço inter/ trans disciplinar para alertar sobre o (neo)nazifascismo, misoginia, racismo e outras opressões. A ideia foi mobilizar toda a escola em torno destes temas e promover o protagonismo estudantil. O material inicial foi apresentado por mim à equipe gestora e docente da escola estadual. Após o constante aprimoramento da estratégia didática e de aprendizagem, sobre a questão do neonazismo e de possibilidades de combatê-la, transformamos este esforço numa sequência didática que pudesse, posteriormente, ser utilizada.

Assim, a escola adotou e acolheu esta ideia e transformou em um tema de formação continuada na escola. No dia 26 de fevereiro de 2024 apresentamos este material em momento de formação coletiva na escola supracitada. A recepção dos professores foi muito positiva com momentos de choque e surpresa. Muitos não sabiam ou imaginavam o que certos símbolos significavam e como esta sectarização de direita estava relacionada às violências extremas contra escolas.

Através, do acolhimento, da escuta ativa e da educação, pudemos abordar a temática da violência, do bullying, do nazismo e dos preconceitos de maneira a conscientizar discentes e docentes sobre o problema e os perigos potenciais. Dentro deste processo, a professora Alessandra Miranda, de Língua Portuguesa, não poupou esforços no combate ao nazismo em nossa escola e à equipe gestora à época, que ofereceu apoio e mobilizou a comunidade escolar para uma Ação Antinazismo. Através de rodas de leitura e debates sobre o livro “Diário de Anne Frank” estimulamos à sensibilização sobre o tema do nazifascismo e do holocausto. Os discentes do nono ano foram alvo central no âmbito desta *ação antinazismo*, eles produziram minidocumentários sobre o livro o que promoveu interessantes debates.

Concentramos esforços na conscientização sobre o tema e o empoderamento crítico e teórico discente e docente. Estudantes do oitavo ano foram convidados a produzir cartilhas, cartazes, folhetos, panfletos e outros materiais abordando temas como machismo, misoginia, racismo e LGBTfobia. Entendemos que os neonazifascismos são/ estão nestas formas de discurso de ódio e que a educação e o Ensino de História poderiam atuar nestas frentes para uma formação cidadã, ética e democrática. Descrita em artigo, (LÔBO, J. 2024) não me furtarei de trazer abaixo algumas imagens de como foi elaborada e repercutida a ação.



Imagen 16: Acervo do autor mostra culminância de projeto intitulado “Ação Antinazismo” na E.E. José Oliveira Silva em maio de 2023 mostra cartazes de empoderamento feminino, ação antirracismo e leitura do livro “Diário de Anne Frank”

O otimismo e a esperança no projeto caminhavam ladeados ao medo e ao receio. A tarefa histórica de nossa geração se apresentou e era o combate ao neonazifascismo como questão urgente. No plano global ou “no chão da escola”. A recepção por parte dos discentes foi diversa. Alguns estudantes do sexo masculino reagiram negativamente, diminuindo a importância da questão. Observamos que muitos vinham carregados de conteúdos misóginos difundidos em rede. Muitas alunas receberam a ideia da ação de maneira positiva e atuaram na produção de materiais de qualidade com bastante engajamento. Consideramos que esta não poderia ser uma *ação* isolada e

descontinuada dada a relevância da temática. Assim, adaptamos em uma sequência didática como instrumento para discutirmos esta temática.

Aos vinte de julho de 2024 soubemos por meio de um amigo e colega de profissão que suásticas foram vistas em sua escola. Infelizmente, o problema apresenta-se de maneira sistêmica em níveis nacionais. O professor mestre Jobson Vianna, que atua nas Artes e também na História, observou suásticas em sua escola e utilizou do ‘produto didático’ que desenvolvemos e se constitui no material produzido em nossa pesquisa. O material foi bem recebido entre os pares e elogiado por tratar-se de um tema urgente. O Professor Jobson Viana aplicou este material num momento semelhante de trabalho pedagógico coletivo em sua respectiva escola, após observar a necessidade em discutir esta temática.

Destacamos que este produto já possui aplicabilidade e pode ter utilidade para docentes no futuro que se debruçam sobre esta temática e enfrentam este desafio. Ainda urge falar de desnazificação e, principalmente, construir ambientes escolares mais saudáveis e pacíficos. Destacamos a importância de transpor as reflexões teóricas da pesquisa acadêmica, para a prática docente no “chão da sala de aula”. Num horário de trabalho pedagógico coletivo (HTPC) o professor mestre Jobson Vianna abordou o tema das violências escolares e neonazifascismos com seus pares na escola Tradutor João Sampaio. A mensagem abaixo, que segue transcrita com meu imenso sentimento de gratidão ao colega pela confiança no trabalho.

Boa Tarde! Htpc da Escola Tradutor João Sampaio - Anos Finais.

Tema: Desnazificação Nas Escolas - Como evitar situações violentas no ambiente escolar.

O Htpc teve como ponto de partida o material criado por um colega Professor Jorge Lobo de História que notou o surgimento de símbolos ligados a regimes totalitários e de como a escola pode se organizar para combater o avanço dessas doutrinas no ambiente escolar.

Tivemos um estudo de caso, vídeos sobre a Professora Lola Aronovich, Material em Slides e ao final, a criação de um material multidisciplinar com os professores. (acervo do autor, mensagem de 20 de julho de 2024)

Este capítulo, tem como preocupação central apresentar o produto didático fruto do nosso processo de pesquisa, além de realizar um conjunto de análises sobre a importância de um produto, a partir do referencial teórico sobre o tema e explicar os elementos escolhidos para elaboração do material, sua repercussão e divulgação. Ao

longo do presente texto, fizemos menção à “Ação Antinazismo” desenvolvida e que foi utilizada por outros colegas em escolas como formação para discentes.

Mencionamos acima que produzimos algumas reflexões a respeito deste projeto em artigo publicado na Revista Alagoana de Educação (Lôbo, J. 2024). Explicaremos as imagens escolhidas, os objetivos e resultados que este produto teve até o momento e deixamos para que seja um instrumento útil no combate aos neonazifascismos e na prevenção às formas de violência escolar.

Reiteramos que esta ação foi selecionada como boa prática pedagógica e foi apresentada em uma roda de conversa na 10ª Bienal Internacional do Livro de Alagoas em espaço promovido pela Secretaria Estadual de Educação (SEDUC-AL) para a comunidade. Lembramos também que este projeto foi apresentado de maneiras diversas em duas grandes oportunidades no meio acadêmico na Universidade Federal de Alagoas no XIV Encontro Nacional de História da UFAL e no Encontro “Direitas Ontem e Hoje”, ambos na forma de comunicação em Simpósio Temático, alcançando com boa receptividade das respectivas bancas e partícipes ouvintes. Ainda no ano de 2024 tivemos à oportunidade de apresentar este material aos docentes na escola estadual supracitada em que trabalhava num momento de formação continuada coletiva (HTPC), entre profissionais, no espaço de socialização de práticas exitosas.

O material foi bem recebido entre os pares e elogiado por tratar-se de um tema urgente. Neste mesmo ano o Professor Jobson Viana aplicou este material num momento semelhante em sua respectiva escola, após observar que a necessidade se impunha. Desta forma, consideramos que este produto já teve aplicabilidade e pode ter utilidade para docentes no futuro que se debruçam sobre esta temática e enfrentam este desafio. Ainda é importante, falar de desnazificação e, principalmente, construir ambientes escolares mais saudáveis e pacíficos. Destacamos a importância de transpor as reflexões teóricas da pesquisa acadêmica para a prática docente no espaço concreto da sala de aula e do ambiente escolar. Destacamos a seguir, a nossa proposta de material, apresentando as possibilidades e desafios que foram atravessados para a sua construção.

3.3. Dimensão propositiva

Não restrito e, para além disso, contrário a uma visão mercadológica e utilitarista, utilizamos o termo ‘produto didático’. (Oliveira, 2020, p. 139). Entendemos que no regimento do ProfHistoria há uma ‘Dimensão propositiva’ um produto didático, para além de uma dissertação que expressasse a apropriação crítica dos estudos e debates trabalhados, uma dimensão propositiva opera como um mecanismo que possibilita experiências de aprendizagem para a comunidade que pôde utilizá-lo em seu cotidiano. Esperamos que estes elementos possam salvar vidas e prevenir violências contra escolas a partir da formação continuada sobre os perigos do crescimento da extrema direita na forma de neonazifascismos.

Buscamos amparo na legislação para que este material estivesse dentro das orientações e pudesse ter amplo alcance e respaldo. Destacamos, para além da Constituição Federal de 1988 e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Básica, as leis nº 7.716/ 89, que tipifica o crime de Racismo e em seu artigo vigésimo criminaliza a reprodução de cruzes suásticas; 10.639/03 e 11.645/ 08 que estipulam a obrigatoriedade do ensino de História e cultura africana, afro-brasileira e indígena. Esta legislação que ativa um conjunto de possibilidades de ensino-aprendizagem que são fundamentais no combate a preconceitos e discursos de ódio além de serem indispensáveis à consciência histórica crítica, através do ensino atento às diversidades.

Adiante no material, fruto de uma reflexão prévia, contextualizamos histórica, social e economicamente, destacando o “Período pós-pandemia; o crescente número de atentados em escolas; a cultura de violência; injustiça e problemas sociais; radicalização [sic] de Extrema Direita entre jovens; Estímulo à violência contra profissionais da educação” (Cara, et al, 2022). Consideramos o termo “radicalização” porque, à época, tínhamos pouca leitura sobre o tema. Todos estes elementos tentei explicar no primeiro e segundo capítulo desta dissertação. A seguir, discutiremos de maneira mais detalhadas o que é uma sequência didática e como ela se construiu.

3.4. Uma sequência didática

Escolhemos como produto, ou dimensão propositiva, para este trabalho a elaboração de uma aula no formato de uma sequência didática direcionada a formação continuada de docentes e da comunidade escolar interessada, em especial discentes do nono ano do Ensino Fundamental. O material que está em anexo foi composto por cerca de 50 (cinquenta) páginas, com textos curtos, imagens retiradas da internet e fotos de meu acervo pessoal.

A ação se desenvolveu nos seguintes tempos. Em 2023 surgiram as primeiras suásticas na escola estadual em que esta pesquisa se realizou. De pronto começamos a debater possibilidades de ação. Com alguns dias de antecedência, dialoguei com as turmas de estudantes do oitavo e do nono ano do ensino Fundamental anos finais sobre machismo, racismo LGBTfobia, capacitismo e (neo)nazismo instruindo os discentes a pesquisarem sobre, debaterem para que produzissem cartilhas, cartazes, folhetos sobre formas de combater estes discursos de ódio. A professora mestra Alessandra Miranda leu e debateu com discentes do nono ano o livro célebre “Diário de Anne Frank” e estes produziram minidocumentários sobre o escrito. Esta experiência foi sintetizada na forma de uma sequência didática que apresentamos como dimensão propositiva desta pesquisa. Esta sequência pode ser exposta em uma aula com até duas horas de duração para o público-alvo de discentes dos oitavos, nonos anos do ensino fundamental ou do ensino médio e docentes como uma forma de prevenção às violências escolares.

A recepção pelo público da escola estadual nas oportunidades que tive de apresentá-lo foram positivas. Elogiado pela equipe gestora e por colegas de trabalho, o consenso foi de que era um tema importante e a exposição foi compreensível e acendeu o alerta aos sinais do problema trabalhado: neonazismo e violências contra escolas. Falar sobre o tema em momento nenhum representou fazer apologia a qualquer uma destas atrocidades. A pesquisa e o material apresentado se posicionaram como um instrumento de conscientização, prevenção e combate aos neonazistas e a cultura de extrema direita.

As lâminas subsequentes, todas em anexo neste trabalho, possuem como pano de fundo uma imagem de pessoas num campo de concentração nazista “inundada”; “escondida”, atrás de uma série de imagens e GIFS (Graphics Interchange Format, Imagens em formato de vídeo curto repetitivos sem som).

Destacamos o meme *Troll Face* para lembrar que muito do discurso de ódio aparece disfarçado de piada, “humor cáustico ou negro”. O efeito estético visual pretendido na apresentação não foi, em absoluto, diminuir o horror do Holocausto, e sim, alertar como o discurso de ódio é camuflado e circulado como “apenas uma piada”. Destacamos à importância de se atentar a estas narrativas.

Utilizamos imagens retiradas da internet de “chats” de jogos, da plataforma Discord e do Twitch, onde podia-se ver a imagem do sapo ‘Kek’; símbolos neonazistas e mensagens ofensivas para ilustrar a paisagem virtual em que jovens, inclusive os da nossa escola, estão investindo horas de seus dias. Espalhamos imagens na estética wave com a família Bolsonaro; a logo da rede Twitch; memes e quadrinhos vistos na plataforma instagram que tinham como cerne o rebaixamento masculino e discurso de ódio na forma de humor. Utilizamos as imagens do relatório “Ataques de violência extrema em escolas no Brasil: causas e caminhos” (Vinha, *Et. Al*, 2023) de *prints* da plataforma X/ Twitter. A intenção foi desenhar uma paisagem digital com uma sobrecarga de informação visual.

Utilizamos três gráficos, os dois que ilustravam o crescimento no número de ataques violentos contra escolas e outro que mostrava o crescimento do número de células e grupos neonazistas. A intenção foi alertar sobre o perigo apresentado e debater historicamente estes fenômenos. O material continha elementos audiovisuais de vídeos curtos retirados da plataforma instagram versando sobre o rebaixamento masculino e um breve corte de um vídeo disponível no youtube intitulado “The alt-right playbook: How to radicalize a normie” do Innuendo Studios e um GIF de uma cena do filme Matrix (1999) onde o personagem Morpheu, interpretado por Laurence Fishburne, onde via-se uma pílula azul na palma de uma mão e uma outra mão que se abria revelando uma pílula vermelha para dialogar sobre o fenômeno “Red Pill”.

Podia-se ver “memes” capacitistas e GIF do “Troll” sobre uma imagem de um campo de concentração que a cada instante da apresentação se revelava na intenção de produzir uma narrativa. Como as culturas digitais têm sectarizado jovens num extremismo violento e como a escola e, especialmente, o ensino de história podem operar para promover a paz e salvar vidas.

Aos poucos, os slides repletos de imagens e GIFS desapareciam e se revelavam imagens do horror do Holocausto. Em ato contínuo destacamos manchetes de jornais que apontavam atentados contra escolas e como o extremismo de direita e o neonazismo

foram elementos presentes em todos os casos. Apresentamos elementos a serem observados como: “Conservadorismo reacionário, Anticomunismo, Fundamentalismo Religioso, Anti-LGBTQIAPN+. Agressão, Xenofobia, Racismo, Masculinidade Tóxica, Capacitismo e as características dos autores de ataques contra escolas (Vinha, *Et. Al*, 2023).

Compartilhamos duas imagens de acervo pessoal, uma foi retirada do livro de ocorrências da escola, onde um discente tinha sido notificado por desenhar suásticas e, tempos depois, um outro discente desenhou outro símbolo de ódio em suas mãos. Esse jovem escreveu também a palavra “Columbine”. Percebemos então, a ligação de imediato e alertamos as pessoas devidas.

Via-se, adiante no material que utilizamos, a pergunta “Como surgem as suásticas?” e destacamos: Intolerância: Misoginia, Racismo, capacitismo, LGBTfobia, Xenofobia, antisemitismo; culturas digitais, comunidades virtuais, redes sociais: as ‘pílulas vermelhas’ e a ‘toca do coelho’ Bullying, assédio, eventos traumáticos; obs.: cooptação de jovens do sexo masculino”

Podia-se ver no material – Ação Antinazismo- algumas sugestões de materiais, vídeos e aulas para todos os componentes curriculares da escola em questão: Língua Portuguesa, Matemática, Geografia, Ensino Religioso, Língua Inglesa, Artes, Educação Física, Ciências e História para que o assunto fosse trabalhado de forma articulada e interdisciplinar. Sugestões, apenas, para instigar o debate e convidar docentes a participar desta empreitada de prevenção às violências sem desrespeitar suas liberdades catedráticas. Nas imagens abaixo, segue a “Ação Antinazismo” na íntegra. Ao final trouxemos imagens da Ação desenvolvida na escola no ano anterior, sugestões de leituras e as devidas referências bibliográficas para verificação e rigor científico. O material contou com 61 (sessenta e uma) páginas e o tempo de apresentação foi de cerca de 1h e trinta minutos. Segue abaixo o que espero ser um produto útil para a humanidade.

O *espetáculo* teorizado por Guy Debord (1997) é, para quem está em posse destes dispositivos, uma constante enxurrada de propaganda ocidental, capitalista neoliberal – com suas falácia empreendedoras, meritocráticas e *misóginas*. A misoginia ou o ódio contra mulheres é uma nota quase omnipresente nas imagens brilhantes destes dispositivos eletrônicos aparelhos celulares sendo considerada entre os discursos de ódio como fator aglutinante de grupos denominados de extremistas de direita. Uma

miríade de tecnocratas, fundamentalistas religiosos, neoconservadores, integralistas ou neointegralistas, supremacistas brancos, neonazistas ou neofascistas.

Esta cultura de direita é obscura-obtusa. Esotérica. O fenômeno/ movimento *Red Pill* deve seu nome a esta característica. A do segredo revelado aos escolhidos. Rejeita a ciência histórica posto que suas ideias não se sustentam ante evidências e disfarça isso através de uma veneração a um passado inventado dito glorioso. Sendo cadavérica; Zumbi (Fisher, 2017). Este passado exalta valores misóginos, racistas, capacitistas, xenofóbicos, LGBTfóbicos. Exalta uma masculinidade branca heteronormativa e a submissão das mulheres. Estimula a violência e o ódio. Por isso colocamos trechos de podcasts de influenciadores autodeclarados red pills no material exposto. O tema sensibilizou as mulheres que assistiam há apresentação que fizeram colocações pertinentes e contribuições valiosas ao debate.

Recorremos, à leitura de Angela Nagle para compreender o fenômeno “red pill” (Nagle, 2017) onde o jovem sectariza-se em círculos extremistas de direita online em busca de mais “pílulas vermelhas” ou verdades ocultas. Estes conteúdos eram divulgados amplamente em fóruns e chans (ambientes virtuais com pouco ou nenhum controle de conteúdo) ou na deep web, hoje estas mídias são facilmente acessadas em qualquer aparelho e que levam, gradualmente, ao extremismo violento de direita. A formação de identidades neste ambiente ofereceu muito cedo ideias de masculinidade tóxica a garotos que vêm nelas valores a serem exaltados. Existem processos de cooptação de jovens a grupos que oferecem conteúdos digitais mais e mais sombrios e “pesados”. A metáfora para o fenômeno remete à filmografia americana.

O jovem “toma” a “pílula vermelha” (referência ao filme Matrix de 1999) e descobre a “verdade oculta”. Aqui vale destacar que esta “verdade” ofertada na forma de conteúdo digital com teor, muitas vezes, antissemita, conspiracionista ou negacionista. Esta “pílula” leva o jovem a um discurso e a ter práticas mais intolerantes e preconceituosas. Em pouco tempo, este jovem encontra-se em busca de mais “verdades/pílulas” em uma espiral descendente que foi comparada à Alice (de Lewis Carroll) que “desce pela toca do coelho”. (O’callaghan, D; Green, D; Conway, M; Carthy, J; Cunningham, P. In Cara et al, 2022, p. 19). Daí surgiu um movimento misógino mais ou menos organizado digitalmente considerava-se “redpilled” ou consciente de uma verdade politicamente incorreta e misógina que apregoa a

superioridade masculina em relação às mulheres. A misoginia é um elemento importante que liga os fascismos do século XX aos neonazifascismos.

Nas páginas do produto apresentado, na forma da sequência didática, utilizamos imagens retiradas da internet para ilustrar uma tela repleta de informações. A ideia era apelar para uma estética de abundância e exagero causando certo desconforto para ilustrar uma “paisagem digital” ao público-alvo do produto didático apresentado neste trabalho.

É possível, ver em meio e ao fundo dos slides imagens em preto e branco de vítimas do Holocausto nazista da segunda guerra mundial. A ideia da construção estética deste material era ilustrar que “em meio ao caos informacional está o discurso de ódio. Está o neonazifascismo. E isto pode levar jovens a cometerem atos de violência contra escolas.” Esta profusão de imagens caóticas, em certa medida, permeada de ideologia dominante – cultura de direita- na minha concepção, é o que a juventude, em média, estaria consumindo diariamente através de seus aparelhos eletrônicos.

Chats de jogos, imagens com estética *flashwave* de políticos de extrema direita; personagens de jogos como *roblox* armados para ilustrar como a cultura de violência existe nesse ecossistema. Usamos também duas figuras conhecidas do universo dos *memes*: o *Troll face* e o *Pepe – Kek – the frog*. Ambos, o primeiro sendo mais convencional e o último um pouco menos conhecido, representam o escracho, a piada de mau gosto, O sapo se consolidou como um símbolo da *alt-right* ou extrema direita globalmente.

Nos lembrou Berardi que estávamos diante de algo inédito na História da humanidade onde uma geração inteira de pessoas tinha suas primeiras impressões com o mundo mediada por máquinas e telas. Rose K. Goldsen fala sobre uma *mediascape* – uma paisagem midiática a época caracterizada principalmente por anúncios na TV (Goldsen, R. 1975, p. 5 in Berardi, 2015, p.35). Moysés Pinto Neto (2019, p 183) traduz como *paisagem tecnomidiática*. Utilizando o conceito da Geografia para a Ciência Histórica, a paisagem é um termo polissêmico e seus usos foram diversos ao longo do tempo.

Antônio Carlos Vitte (Vitte, 2007.) teceu uma crítica em seu famoso texto “O Desenvolvimento do Conceito de Paisagem e a sua inserção na Geografia Física” acerca das especializações das ciências e uma “perda da totalidade”. Com o avanço tecnológico e uma maior rigidez entre as disciplinas, “cada ciência e cada ramo de um determinado

conhecimento” aprofundaram-se na empiria e análise de seus objetos.”. Que resultou em uma geração de “*n*-paisagens” de acordo com os “preceitos de cada especialidade” (Vitte, 2007. p.7).

Levando isto em consideração, mencionamos estas paisagens midiáticas, ou *tecnomidiáticas* (Goldsen, apud Pinto Neto, 2021. p. 183) que são caracterizadas pela sensação de aceleração do tempo, uma ausência de historicidade (as estórias são mais reais que a realidade), uma inundação imagética e simbólica que constroem um espaço virtual de sociabilidade em um tempo desconjuntado, agrupado e reagrupadas em feixes de informação que são armazenadas, distribuídas, recodificadas e, considerando o tempo médio gasto por um jovem hoje no Brasil com telas, jogos e mídias digitais, configuram o principal espaço (virtual) de socialização e aprendizado. Uma figura conhecida como símbolo da extrema direita que aparece com variações em memes permeados de discurso de ódio é o sapo Kek ou Pepe, que vemos na imagem abaixo.

Angela Nagle (2017) analisou que o termo ‘Kek’ (o emoji do sapo: ). É usado como símbolo, por vezes. Exige-se entender o contexto do uso) surgiu no fórum 4chan e migrou para jogos como World of Warcraft (WoW) em mensagens e comentários. O significado de Pepe, o Sapo (The Frog) - personagem que veio do quadrinho Boy’s Club de Matt Furie- remete ao humor cáustico, politicamente incorreto, “dark humor”, discurso de ódio. É a epítome do humor meme esotérico; ‘piada interna’, [in-joke]. (Nagle, 2017. p. 5).

Após a eleição de Donald Trump em 2016, grande expoente da extrema direita global, muitos queriam saber sobre a origem da estética memética e deste novo movimento de direita on-line que tomou conta da cena convencional (mainstream). A imagem mais comum foi a de ‘Pepe, o sapo’. (Nagle, 2017. p. 2). Abaixo trouxemos para ilustração uma imagem. Variações das mais diversas são criadas neste universo simbólico virtual. Um mito para a máquina mitológica da cultura de direita que na paisagem virtual ergueu seus monumentos e ídolos. A bandeira do “kekistão” surgiu como uma brincadeira – uma trollagem- e rapidamente foi tornada um símbolo neofascista.



Imagen 17: Pepe, the Frog. Também conhecido por Kek. Meme popular símbolo da *alt-right*.

Os memes retirados da plataforma instagram abaixo ilustram como conteúdo misógino pode chegar facilmente a usuários na forma de humor e estética cômica. O “rebaixamento masculino”; o sentimento de injustiça e revanchismo contra mulheres e contra uma sociedade que não “valoriza” o “homem”. Tais conteúdos normalizam a violência de gênero e são a “porta de entrada” para retóricas mais agressivas e misóginas. Estes discursos são ‘ofertados’; sugeridos pelo “misterioso” algoritmo da plataforma em questão em um mecanismo complexo de cálculos que assume a preferência dos sujeitos de acordo com algumas métricas pré-estabelecidas.



Imagen 18: memes ironizam o “rebaixamento masculino”. Estas postagens retiradas do Instagram em março de 2024 ilustram o sentimento de rejeição que leva os meninos adolescentes a aceitarem ideias misóginas.

Utilizamos um trecho de um vídeo que ilustra influenciadores ou apresentadores de programas de *podcast* on-line ligados ao extremismo de direita. Podemos ver nas imagens chats de jogos ou de plataformas como a *twitch* que possuem pouca ou

nenhuma moderação de conteúdo e, muitas vezes, funciona como veículo de cooptação de jovens para grupos de ódio. O discurso de ódio da extrema direita se reproduz de forma obtusa. A negação plausível e a linguagem codificada, por vezes, através de “apitos de cachorro” que são imperceptíveis aos ‘leigos’. Nas palavras de Letícia Oliveira e Tatiana Azevedo (2023) o termo faz “referência ao apito canino inventado por Francis Galton, inaudível para humanos e, frequentemente, usado para cães de caça” e refere-se a “expressões e símbolos com significado secundário compreendido apenas por um determinado grupo” (Azevedo, T. e Oliveira, L. 2023, p. 5).

Vemos também uma postagem que o teor racista transborda e o ódio contra pessoas negras é destilado de maneira aberta e livre. Também utilizei imagens retiradas do Relatório sobre ataques violentos contra escolas (Vinha et al, 2023) que mostram o movimento *redpill* e como estes discursos de ‘rebaixamento masculino’ ou masculinidade ferida que Wendy Brown (2019, p.191) trabalhou no quinto capítulo de “Nas Ruínas do Neoliberalismo”. Estas ferramentas ‘enfeitiçam’ jovens do sexo masculino e a misoginia é reproduzida estruturalmente.

Utilizamos dois *memes* retirados do *instagram* em 2024 que satiriza de forma capacitista dois personagens do universo dos gibis brasileiros: Cebolinha e Cascão – personagens da ‘Turma da Mônica’, no que parece ser o inferno com um ‘diabo’, por terem feito uma “piada” com pessoas com deficiência. Memes desta natureza normalizam a circulação de discursos de ódio, os comentários nas postagens -mesmo os contrários a este tipo de piada- ajudam a gerar engajamento e levar estas publicações para mais pessoas.

Por fim, trouxemos prints de uma reportagem em que jovens compartilharam memes e figurinhas no grupo de whatsapp da escola com teor nazista. Um claro atentado aos direitos humanos e um sinal preocupante de sectarização violenta extremista de direita. Um triste sintoma de como os discursos de ódio foram normalizados e o mal foi tornado algo vulgar. Assim apresentamos a sequência didática intitulada “Ação Antinazismo” e, a partir destas leituras, compreendemos o fenômeno dos neonazifascismos e suas relações com a violência contra escolas. Observamos este esforço com uma relevância enorme, ante aos desafios do tempo presente.

Como podemos observar, ao longo da apresentação da nossa sequência, na qualidade de material didático, foi possível perceber através da relação entre a explicação e as imagens utilizadas, as possibilidades que tal recurso oferece, para que

trabalhemos as questões referentes ao neonazifascismo e a cultura de extremismo de direita que tomou conta da sociedade e do espaço escolar nos últimos tempos. Compreendemos assim, que este material se constitui numa estratégia didática e de aprendizagem importante para que ao mesmo tempo em que, problematiza a circulação do ideário neonazista e do extremismo de direita, procurando vincular a importância de pensá-la historicamente, mas também, como possibilidades interdisciplinares. Acreditamos, que a sequência didática e as discussões promovidas, podem ser utilizadas na qualidade de recurso de prevenção e desconstrução dos ideários extremistas e neonazifascistas no ambiente escolar, mas com impacto e circulação na sociedade.

Considerações Finais

Este trabalho procurou demonstrar como uma Ação Antinazismo tornou-se um mecanismo através do qual o Ensino de História agiu criticamente, a partir de uma realidade crucial do tempo presente: a violência extrema contra escolas. No capítulo 3 deste trabalho apresentamos o relato de experiências vividas numa escola estadual em um bairro ‘periférico’ da capital alagoana, na qual discentes desenharam suásticas e ameaçaram de grave violência a comunidade escolar e a convivência no ambiente. Ainda, neste capítulo apresentamos e desenvolvemos à época e denominamos “Ação Antinazismo”. Esta foi a dimensão propositiva deste trabalho.

Descrevemos, como foi elaborada, o que sentimos a época como clima escolar e como se deu sua aplicação na escola com a participação e apoio de toda a comunidade escolar com destaque para o protagonismo discente que elaborou materiais autorais como cartilhas, manuais e minidocumentários sobre diversos temas como antirracismo, antimachismo, antilgbtfobia e antinazismo. Esta ação foi reconhecida e apresentada no estande da SEDUC-AL na 10^a bienal internacional do livro em Alagoas e foi publicada na Revista eletrônica de Educação de Alagoas (REDUC). Um colega professor chegou a utilizar este material em sua escola também em um esforço de formação e combate às formas de violência.

Este texto dissertativo iniciou-se com um entendimento do problema do que chamamos de neonazifascismos e das violências extremas e, em especial, contra escolas tem uma dimensão global e globalizada e, desta forma, discutimos brevemente o conceito de hiper imperialismo, *soft power* e traçamos, neste sentido, algumas direções. Apontamos as especificidades locais do Brasil e como o número de ataques contra escolas deu um ‘salto’ nos últimos anos. O enfoque da pesquisa foi entre os anos de 2022 e 2023. Ao longo das nossas reflexões, entendemos que o ambiente virtual de socialização seria um campo desta pesquisa, utilizamos assim, o conceito de tecnosfera para denominar o ambiente da investigação desta pesquisa historiográfica.

Apresentamos, para garantir autoria desta pesquisa em um memorial descritivo o ‘lugar social’, espaço no qual com a discussão historiografia pertinente se desenvolveu para ambientação na leitura. Tentamos assim, descrever, analisar e demonstrar com imagens as *paisagens* investigadas.

Seguindo assim, o conjunto de reflexões fomentados pela pesquisa, o primeiro capítulo desta dissertação foi dividido, em partes onde a primeira se ocupou de

descrever a paisagem da escola, da região em que a escola estava e o que chamamos de “paisagens virtuais”. Esta ambientação entre o ‘real’ e o digital se fez necessária. Nos debruçamos nesta seção sobre o que denominamos de ‘currículo oculto’ produzido no ambiente escolar pelas ‘culturas juvenis’. Analisando assim, como refletem a ideologia dominante e como estas manifestações de incivilidade (por exemplo pichações) exprimem fontes interessantes. Em seguida foi analisado o que chamamos de ‘culturas digitais’ para entender o fenômeno de sectarização online que leva a violência extrema contra escolas. Pensamos, desta forma, nos desafios para o Ensino de História, diante das questões expostas como o cyberfascismo e os neonazifascismos além dos desafios vividos pela juventude. Refletimos sobre a educação pública e o papel da Escola no Brasil.

No segundo capítulo desta dissertação, elaboramos no sentido de perceber as culturas digitais como cultura de direita em alusão ao conceito de Furio Jesi. Analisamos assim, os conceitos de nazismo, fascismo, neonazismo e neonazifascismos que, ao longo do texto, utilizamos. Também discutimos os conceitos de violências na; da e contra escolas para ter uma dimensão ampla dos problemas e aumentar o escopo da investigação. Argumentamos em defesa da importância de se discutir e problematizar à desnazificação.

Por tratar-se de um trabalho no âmbito de um programa de pós-graduação profissional, a dimensão propositiva ou ‘produto didático’ foi uma sequência didática que se encontra em anexo a ser utilizada para formação profissional e com discentes do nono (ou do ensino médio) acerca de neonazifascismos e violências escolares.

As nossas inquietações que foram ao longo da pesquisa suscitadas, constituem-se em possibilidades que devem colaborar para propor mais ainda, dimensões que merecem ser retomadas e desenvolvidas, diante disto, acreditamos que as dimensões que foram estruturadas através da nossa pesquisa possam colaborar para que esta temática continue a provocar novas possibilidades de estudo e que destaque a urgência em tratar da nossa temática para o ensino de história e a sociedade, com o horizonte de fortalecer cada vez uma cultura democrática que se coloque frontalmente contra a intolerância política, religiosa, étnica e social.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam. *Violences à l'école et éducation. Approches interactionnistes et institutionnelles*, 2012. Tese de doutorado, Universite Lumiere Lyon 2, Lyon

_____. *Juventudes na Escola, Sentidos e Buscas: Por que frequentam?* Brasília: Flacso - Brasil, OEI, MEC, 2015.

_____. “Reflexões sobre convivências e violências nas escolas [livro eletrônico] / organização Miriam Abramovay ... [et al.]. -- 1. ed. -- Brasília, DF: Flacso, 2021. Outros organizadores: Eleonora Figueiredo, Ana Paula da Silva, Marcos Vinícius Sales

ABUD, Katia Maria. “A guardiã das tradições: a História e o seu código curricular”. In: *Educar em Revista*, Curitiba, n. 42, p. 163-171, Dec. 2011.

_____. *Formação da alma e do caráter nacional: ensino de história na Era Vargas*. Revista brasileira de História, v. 18, p. 103-114, 1998.

ADORNO, Theodor W. *Educação após Auschwitz*. In: Coleção Grandes cientistas sociais. São Paulo: Ática, 1986.

AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1995.

ANKERSMIT, F. R. *Historiografia e pós-modernismo*. Topoi. 2001.

ARENKT, Hannah. “Origens do Totalitarismo”. Tradução de Roberto Raposo – São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. *Eichmann en Jerusalén*. Traducción Carlos Ribalta. Espanha: Lumen, 2013.

ARENKT, H. *Da violência*. Tradução de Maria Cláudia Drummond Trindade. Brasília: Universidade de Brasília, 2004.

BENJAMIN, Walter. 2012. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 8. ed. São Paulo, Brasiliense (Obras Escolhidas, v.1).

BERARDI, Franco. “Heroes, Mass murder and suicide”. Londres. NY. Verso, 2015

BERARDI, Franco. *Depois do futuro / Franco Berardi*; traduzido por Regina Silva. Título original: *Dopo il futuro*. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

BEZERRA, Cicero Anderson de Almeida. “O Fascismo é Fascinante, deixa a Gente Ignorante e Fascinada: Ensino de História, Livros Didáticos e a Emergência das Ideias Fascistas no Espaço Escolar.” 2020.

BIANCHI, Álvaro. “Fascismos: Ideologia e História”. Novos Estudos. CEBRAP São Paulo, V43n01, JAN.–ABR. 2024

BITTENCOURT, C. Apresentação. Em foco: História, produção e memória do livro didático. *Educação e Pesquisa*, set. / dez. 2004, v. 30, n. 3, Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n3/a07v30n3.pdf>>. Acesso em: 22 nov. 2015. Revista de História e Historiografia da Educação - ISSN 2526-2378 Curitiba, Brasil, v. 2, n. 5, p. 114-141, maio/agosto de 2018.

_____. Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar. Tese de doutorado. São Paulo: FFLCH/USP, 1993. Disponível em<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-28062019-175122/pt-br.php> acesso em 21/06/2024.

_____. Livro didático e saber escolar (1810-1910). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

_____. Pátria, civilização e trabalho. São Paulo. Edições Loyola, 1990.

BOTLER, Alice Miriam Happ. BOTLER, A. M. H. JUVENTUDE E ESCOLA: VIOLÊNCIA E PRINCÍPIOS DE JUSTIÇA EM ESCOLARES DE ENSINO MÉDIO. *Cadernos CEDES*, v. 40, n. 110, p. 26–36, jan. 2020.

BROWN, Wendy. “American nightmare: neoliberalism, neoconservatism, and de-democratization, 2006

BROWN, Wendy. “Nas Ruínas do Neoliberalismo: a ascensão

CALDEIRA-NETO, O. Neofascismo, “Nova República” e a ascensão das direitas no Brasil. *Conhecer: Debate entre o Público e o Privado*, Fortaleza, v. 10, n. 24, p. 120-140, 2020.

CASTELLS, Manuel (2003). A Galáxia da Internet: Reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

CASTRO, Josué de, 1908 – 1973. Geografia da Fome. – 7^a Ed.- Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

CERRI, Luis Fernando Ensino de história e consciência histórica, Luis Fernando Cerri. - Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

CERQUEIRA, Daniel; BUENO, Samira (coord.). Atlas da violência 2023. Brasília: Ipea; FBSP, 2023. DOI: <https://dx.doi.org/10.38116/riatlasdaviolencia2023>

CERTEAU, Michel de. 1925 – 1986. A Escrita da História. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

DARDOT, P., & LAVAL, C. (2016). A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Editora Boitempo

D'AURIA TARDELLI, Denise. Educação, escola e pós-pandemia: discussões sobre convivência e aprendizagem / Denise D' Auria-Tardeli. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2024

DIAS, Adriana. Os Anacronautas do Teutonismo Virtual: Uma etnografia do neonazismo na Internet. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), IFCH. Campinas, São Paulo, 2007.

DIAS, Adriana Abreu Magalhães. “Observando o Ódio: Entre uma Etnografia do Neonazismo e a Biografia de David Lane.” Campinas, SP: [s.n.], 2018. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

DIETRICH, Ana Maria. Nazismo Tropical? O Partido Nazista no Brasil. São Paulo: Humanitas: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Fapesp, 2007.

DEBORD, Guy. Sociedade do Espetáculo. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix Mil Platôs (Capitalismo e Esquizofrenia) Vol. 1 Editora 34, 1^a Ed. (1995). Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa.

DUNKER, Christian Ingo. Reinvenção da Intimidade: Políticas do sofrimento cotidiano. - 1^a ed.- Ubu Editora, 2017.

FERNANDES, Sabrina. 2012. “The cursinho industry and the advancement of the neoliberal agenda for access to education in Brazil: a case study in the city of Goiânia” - A thesis submitted to the Faculty of Graduate and Postdoctoral Affairs in partial fulfillment of the requirements for the degree of Master of Arts in Political Economy Carleton University Ottawa, Ontario ©2012, Sabrina Fernandes

FISHER, Mark. 1968-2017. Realismo Capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo? – 1ed. – São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

FREIRE, Paulo (1981). Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.

FRONZA, Marcelo. Ensino de História e Internet: aprendizagens conectadas / Marcelo Fronza, Osvaldo Rodrigues Junior (orgs.) – São Paulo: Paruna Editora, 2021.

GARCÍA, C. M. Formação de professores: para uma mudança educativa. Portugal: Porto Editora, 1999.

GOMES, Murilo Pereira. *Configuração de uma psicoterapia com o uso do LSD* 25. A Folha Médica, Volume 46, n 2, fevereiro de 1963.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto & MACIEL, Lucas Pivetta &. “Anões, chads e nazipardos: as estratégias de nomeação e predicação no discurso da direita-alternativa no Brasil” GONÇALVES-SEGUNDO & MACIEL | Texto Livre | Belo Horizonte | v.17 | e46380 | 2024, Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/textolivre/article/view/46380/39184>

GRAMPA, Victor Henrique. Conceituação de Ataques de Violência Extrema Contra Escolas. Autor do curso Recomendações para Proteção e Segurança no Ambiente Escolar, AVAMEC, 2023. Disponível em: <https://avamec.mec.gov.br/#/instituicao/seb/curso/15582/informacoes>. Acesso em: 30/05/2024

GRIFFIN, Roger. *The Nature of Fascism*. Londres: Routledge, 1991.

_____. “Interregnum or Endgame? Radical Right Thought in the ‘Post-fascist’ Era”. Oxford. *The Journal of Political Ideologies*, vol. 5, no. 2, July 2000, pp. 163-78.

GULDI, Jo & ARMITAGE, David. *Manifesto pela história* / Jo Guldi e David Armitage; tradução Modesto Florenzano. -- 1. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. -- (História & Historiografia)

GUMBRECHT, Hans Ulrich. Depois de “Depois de aprender com a história”, o que fazer com o passado agora? In: NICOLAZZI, Fernando; MOLLO, Helena Miranda; ARAUJO, Valdei Lopes de (orgs.). *Aprender com a história? O passado e o futuro de uma questão*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011

HANNERZ, Ulf. 1997. “Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional”. In *Mana* 3 (1): 7-39. Rio de Janeiro: Contracapa.

HARAWAY, Donna. “Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes” *ClimaCom Cultura Científica - pesquisa, jornalismo e arte* I Ano 3 - N. 5 / abril de 2016

HARTOG, François. Introdução – Ordens do tempo, regimes de historicidade. In: *Regimes de Historicidade. Presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013

HALL, S. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. In: SILVA, T. (org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

HALL, Stuart. “A identidade cultural na pós-modernidade”. Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed. -Rio de Janeiro:DP&A, 2006.

HOBSBAWM, Eric. Sobre História. São Paulo: Companhia das Letras, 2001

JABBOUR, Elias; GRABRIELE, Alberto. China: o socialismo do século XXI – 1 ed. – São Paulo: Boitempo, 2021.

KONDER, Leandro. Introdução ao fascismo. Rio de Janeiro. Graal, 1977.

KONDER, Leandro. Introdução ao fascismo. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

KOSELLECK, Reinhart. “Espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”: duas categorias históricas. In: Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-RIO, 2006

IANNI, Octavio. “Neoliberalismo e Nazi-Fascismo.” *Crítica Marxista*, São Paulo, Xamã, v.1, n.7, 1998, p.112-120.

JAMESON, Frederic. “Pós-modernidade e Sociedade de consumo” Novos Estudos CEBRAP, São Paulo, nº 12, pp.16-26, jun.85.

LA TAILLE, Yves de. Moral e ética: dimensões intelectuais e afetivas. Artmed Editora, 2007.

_____. “Moral e Ética no mundo contemporâneo”. Revista USP. n. 110, São Paulo, p. 29 – 42. julho – agosto – setembro. 2016.

_____. “Moral e Ética no mundo contemporâneo”. Revista USP. n. 110, “As paredes também falam”. Revista Veras, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 245-249, julho-dezembro 2020. DOI: 10.14212/veras. vol10.n2. ano2020.art412

LE GOFF, Jacques. História e Memória. 5 ed. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

LIMA, Ivan Fernandes. Maceió, a cidade restinga: contribuição ao estudo geomorfológico do litoral alagoano. Maceió: EDUFAL, 1990.

LINDOSO, Dirceu. (1932 – 2019). O encontro das águas: Calunga contribuição a uma sociologia do palustre e uma etnologia do anfíbio na cultura dos canais e lagoas dos

alagados alagoanos. In: IMA, Maria de Lourdes. Uma cultura anfíbia na transversalidade dos saberes: Alagoas e Rússia. Maceió: EDUFAL, 2015.

_____. Lições de Etnografia Geral: Introdução ao estudo dos seus princípios seguidos de dois estudos de etnologia brasileira. – Maceió: EDUFAL, 2008

LIPOVETSKY, G. Le crépuscule du devoir. Paris, Gallimard, 1992.

LOUREIRO, Robson “Educar, Elaborar o Passado, Desnazificar: Memória Histórica e Neonazifascismo no Início do Século XXI.” *Educação e Filosofia*, Uberlândia, v. 33, n. 69, p. 1541–1582, 2021. DOI: 10.14393/REVEDFIL.v33n69a2019-49010. Disponível em: link. Acesso em: 12 ago. 2023.

LÔBO, Mariana Lima Lopes. “A gota d’água: a ocupação intralote na planície litorânea da cidade de Maceió-AL e o manejo das águas pluviais.” / Mariana Lima Lopes Lôbo. – 2018. Orientadora: Verônica Robalinho Cavalcante. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo: Dinâmicas do Espaço Habitador) - Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. Maceió, 2018.

LÖWY, Michel. Dois anos de desgoverno – a ascensão do neofascismo.

LÖWY, M. Conservadorismo e extrema direita na Europa e no Brasil. In: Revista Serviço Social e Sociedade. São Paulo, n. 124, p. 652-664, out./dez.2015.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. – 1^a ed.- N-1 edições: 2018

MANACORDA, Mario Alighiero. Marx e a pedagogia moderna. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007.

MARX, Karl Crítica da filosofia do direito de Hegel, 1843 / Karl Marx; tradução de Rubens Enderle e Leonardo de Deus; [supervisão e notas Marcelo Backes]. - [2. ed revista], - São Paulo: Boitempo, 2010

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich Engels. Manifesto do Partido Comunista. 1848. Portugal: Editora Avante, 1997

_____. O Capital. Livro 1. São Paulo, Boitempo, 2011 [1867]

_____. A Ideologia Alemã. Expressão popular. São Paulo.2009 1^a ed.

MENDONÇA, Erasto Fortes. “A educação em direitos humanos como política pública no Brasil” RIDH | Bauru, v. 9, n. 2, p. 19-33, jul./dez., 2021. (17)

NAGLE, Angela “Kill All Normies: The online culture wars from Tumblr and 4Chan to the alt-right and Trump”. Zero Books, 2017. Laurel House, Station Approach, Alresford, Hants, SO24 9JH, Reino Unido

O’CALLAGHAN, Derek; GREEN, Derek; CONWAY, Maura; CARTHY, Joe; CUNNINGHAM, Pádraig. Down the (White) Rabbit Hole: The Extreme Right and Online Recommender Systems

PACHUKANIS, Evguiéni B. Fascismo. São Paulo: Boitempo, 2020.

PAXTON, Robert. A anatomia do fascismo. São Paulo: Paz e Terra, 2007

PEREIRA, Anderson da Silva. “A nova onda fascista: refletindo sobre o Fascismo nas aulas de História por meio de uma experiência filmica”. 2023. Dissertação (Mestrado profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

PENNA, Fernando, QUEIROZ, Felipe, FRIGOTTO, Gaudêncio: Educação democrática: antídoto ao Escola sem Partido / Fernando Penna, Felipe Queiroz, Gaudêncio Frigotto, organizadores. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2018.

PENNA, Fernando. AQUINO, Renata e MOURA, Feranda. Propondo Uma Definição De Perseguição A Educadoras (Es) Baseada Na Educação Democrática. Dossiê O Lugar da educação no fortalecimento da democracia. 2024

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. Novos combates pela história. Desafios Ensino. São Paulo: Contexto, 2021

PINTO NETO, Moysés. Suzano: a educação na mira dos massacres lumpenradicais. Dialogia, São Paulo, n. 33, p. 178-191, set./dez. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/Dialogia.n33.13790>.

RANGEL, Ignácio. Elementos da economia de projetamento. In:Obras Reunidas. Rio de Janeiro, Contraponto 2005 [1956]

RIBERTI, Larissa J. Os neofascismos no Brasil e na América Latina. Um diálogo com Odilon Caldeira Neto. Esboços, Florianópolis, v. 29, n. 52, p. 681-692, set./dez. 2022.

ROCHA, Simone. Educação eugênica na constituição brasileira de 1934, X ANPED SUL, Florianópolis, outubro de 2014. Disponível em: http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/1305-1.pdf.

ROSENDALH, Zeny e CORRÊA, Roberto Lobato. “Paisagem, Imaginário e Espaço.” org. –Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

RÜSEN, J. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. História da Historiografia, n.2, p. 163-209, março 2009. Disponível em: <<http://www.ichs.ufop.br/rhh>>. Acesso: 20 maio 2023.

RÜSEN, JÖRN. Razão Histórica: Teoria da História- Fundamentos da Ciência Histórica. Brasília: UNB, 2001.

SANTOS, Milton. Pensando o espaço do homem. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, Ronaldo Jorge dos. Representação sem protagonismo: o movimento negro nos livros de história do PNLD 2020 / Ronaldo Jorge dos Santos. – 2021. 188f. Orientadora: Profª. Dra. Verena Alberti. Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional Profhistoria) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

SAVIANI, Demerval. “Escola e Democracia” – 14^a ed. Cortez editora, São Paulo, 1986.

SAVIANI, Dermeval. História das idéias pedagógicas no Brasil. – Campinas, SP: Autores Associados, 2007

SELLA BUSS, Danielle Aparecida Barbosa. ““Mas eu vi no face: ensino de História, juventude e memes.” – Dissertação (Mestrado Profissional) Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, departamento de História, programa de pós-graduação em ensino de História (Rede Nacional – polo Profhistoria – UFRJ) – Mestrado profissional, 2020. Maringá, PR

SCHURSTER, Karl. O Fenômeno Nazi e seu impacto na historiografia do tempo presente. Rio de Janeiro: Autografia, 2016

SILVA, Bruna Camilo de Souza Lima. Masculinismo: misoginia e redes de ódio no contexto da radicalização política no Brasil. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Belo Horizonte, 2023.

SILVA, Maria do Rozario Gomes da Mota. Redes digitais e estilos de uso do espaço virtual: atuações e inovações nas formas de aprender. / Maria do Rozario Gomes da Mota Silva. – Recife, 2020. Orientador: Sérgio Paulino Abranches. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CE. Programa de Pós-graduação em Educação Matemática e Tecnológica, 2020.

SILVA, Tomás Tadeu da, “Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo” – 2. Ed. 9^a reimp. - Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SLUGA, Hans. "Donald Trump: Between Popular Rhetoric and Plutocratic Rule". Paper presented at the uc Berkeley Critical Theory Symposium on the election, February 2017.

SVAMPA, Maristella. “As fronteiras do neoextrativismo na América Latina: conflitos socioambientais, giro ecoterritorial e novas dependências.”. Tradução: Lígia Azevedo. – São Paulo: Elefante, 2019.

THORLEIFSSON, Cathrine. (2022). From cyberfascism to terrorism: On 4chan/pol/culture and the transnational production of memetic violence. *Nations and Nationalism*, 28(1), 286–301. <https://doi.org/10.1111/nana.12780>

TRAVERSO, Enzo. *The New faces of Fascism: Populism and the Far Right*. London: New York: Verso, 2019.

TROTSKY, Leon, *Histoire de la révolution russe*, Paris, Seuil, 1962,

TSING, Anna Lowenhaupt. “Paisagens arruinadas (e a delicada arte de coletar cogumelos)”. Traduzido por Filipi Pompeu e Mariana Canazaro Coutinho. In: *Cadernos do Lepaarq*, v. XV, .30., p. 366-382, Jul-Dez. 2018.

_____ “Margens Indomáveis: cogumelos como espécies companheiras”. 2015.

TURIN, R. *Tempos precários: aceleração, historicidade e semântica neoliberal*. 2019, Zazie Edições.

VALIM, Patrícia, AVELAR, Alexandre de Sá, BEVERNAGE, Berber. “Negacionismo: História, Historiografia e Perspectivas de Pesquisa” - *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 41, nº 87, 2021, pp. 13-36 <http://dx.doi.org/10.1590/1806-93472021v42n87-03>

VITTE, Antonio Carlos “O Desenvolvimento do Conceito de Paisagem e a sua inserção na Geografia Física”. *Mercator - Revista de Geografia da UFC*, vol. 6, n.º 11, 2007, pp. 71-78. Universidade Federal do Ceará Fortaleza, Brasil

WHITE, D. S.; LE CORNU, A. *Visitors and Residents: A new typology for online engagement*. *First Monday*, v. 16, n. 9, 5 set 2011. Disponível em: <http://firstmonday.org/ojs/index.php/fm/article/view/3171/3049>

Relatórios:

ATLAS DA VIOLÊNCIA 2024. São Paulo: Fórum Brasileiro de segurança Pública; Rio de Janeiro: IPEA, 2024.

ATLAS DA VIOLÊNCIA 2023. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública; Rio de Janeiro: IPEA, 2023. Disponível: <https://apidspace.universilab.com.br/server/api/core/bitstreams/015f6c59-0adf-445d-91a0-7b9bc6aef051/content>. Acesso em 07 de abril de 2024

Ataques de Violência Extrema em Escolas no Brasil [livro eletrônico]: Causas e Caminhos. Telma Vinha... [et al.]. 1. ed. São Paulo: D3e, 2023. Disponível em: https://d3e.com.br/wp-content/uploads/relatorio_2311_ataques-escolas-brasil.pdf

BRASIL. “O Extremismo de Direita entre Adolescentes e Jovens no Brasil: Ataques às Escolas e Alternativas para a Ação Governamental.” Disponível em: link. [https://campanha.org.br/acervo/relatorio-ao-governo-de-transicao-para-o-ultraconservadorismo-e-extremismo-de-direita-entre-adolescentes-e-jovens-no-brasil-ataques-as-instituicoes-de-ensino-e-alternativas-para-a-acao-governamental/..](https://campanha.org.br/acervo/relatorio-ao-governo-de-transicao-para-o-ultraconservadorismo-e-extremismo-de-direita-entre-adolescentes-e-jovens-no-brasil-ataques-as-instituicoes-de-ensino-e-alternativas-para-a-acao-governamental/>.)

BRASIL. “Relatório de Recomendações para o Enfrentamento do Discurso de Ódio e o Extremismo no Brasil.” Christian Ingo Lenz Dunker, Débora Diniz Rodrigues, Esther Solano, et al. / Camilo Onoda Luiz Caldas, Manuela Pinto Vieira d’Ávila, Brenda de Fraga Espindula, et al. (Coord.). 1. ed. Brasília: Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, 2023. Acesso em 07/04/2024. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1u9gU06ZWbZaOfqbzcqatqo8yDwWTC1et/view?pli=1>

BRASIL, RELATÓRIO FINAL “Ataques Às Escolas no Brasil: análise do fenômeno e recomendações para a ação governamental” Grupo de Trabalho de Especialistas em Violência nas Escolas, estabelecido pela Portaria 1.089 de 12 de junho de 2023 Relator: Daniel Cara (Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo)

BRASIL, “recomendações para proteção e segurança no ambiente escolar”, grupo de trabalho executivo do ministério da educação para o enfrentamento e prevenção À violência nas escolas e universidades” , MEC, 2023. Disponível em: https://media.campanha.org.br/acervo/documentos/AF-Cartilha-200X280_bArud7Q.pdf.

BRASIL, Cartilha “Escola Segura: como lidar com conteúdos de violência online e conversar com crianças e jovens sobre o tema”, MEC, 2023. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/cartilha_escola_segura.pdf.

PENSSAN - II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da COVID-19 no Brasil [livro eletrônico]: II VIGISAN: relatório final/Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar – PENSSAN. -- São Paulo, SP: Fundação Friedrich Ebert: Rede PENSSAN, 2022. Disponível em: <https://olheparaafome.com.br/wp-content/uploads/2022/06/Relatorio-II-VIGISAN-2022.pdf>

SANTINI, R. Marie; SALLES, Débora. MATTOS, Bruno. BELIN, Luciane L. CANAVARRO, Marcela. MEDEIROS, Stéphanie. HADDAD, João G. SILVA, Daphne. SEADE, Renata. DIAS, Bernardo. GOMES, Matheus. **Golpes, fraudes e desinformação na publicidade digital abusiva contra mulheres.** Rio de Janeiro: NetLab – Laboratório de Estudos de Internet e Redes Sociais, Universidade Federal do

Rio de Janeiro (UFRJ). Publicado em 08 de março de 2024. Disponível em: <https://netlab.eco.ufrj.br/post/meta-promove-an%C3%BAncios-danosos-%C3%A0s-mulheres-aponta-relat%C3%B3rio-do-governo>

- UNESCO: “Enfrentar o discurso de ódio por meio da educação: um guia para formuladores de política”. Disponível em:

<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000387092>

- Hate Symbols Database. ADL, disponível em: <https://www.adl.org/sites/default/files/acronym-1.html>

Legislação:

BRASIL. Presidência da República. Lei nº 7.395 de 31 de outubro de 1985. Dispõe sobre os órgãos de representação dos estudantes de nível superior e dá outras providências. Brasília, 1985. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7395.htm.

BRASIL. Presidência da República. Lei nº 7.398 de 4 de novembro de 1985. Dispõe sobre a organização de entidades representativas dos estudantes de 1º e 2º graus e dá outras providências. Brasília, 1985. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7398.htm.

BRASIL. Presidência da República. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm#:~:text=Todo%20o%20poder%20emana%20do,diretamente%2C%20nos%20termos%20desta%20Constitui%C3%A7%C3%A3o.

BRASIL. Presidência da República. Lei nº 7.716 de 5 de janeiro de 1989. Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. Brasília, 1989. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7716.htm.

BRASIL. Presidência da República. Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm.

BRASIL. Presidência da República. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm.

BRASIL. Presidência da República. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da

temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm.

BRASIL. Presidência da República. Lei nº11.645 de 10 de março de 2009. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Brasília, 2009. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm

Brasil. Parecer 14/99 do Conselho Nacional de Educação. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/parecer_14_cne.pdf

Reportagens:

- Educação básica em tempo integral precisa ser prioridade - 12/01/2024 - Sou Ciência – Folha. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/blogs/sou-ciencia/2024/01/universalizacao-da-educacao-basica-publica-em-tempo-integral.shtml>
- “Análise: Hitlerismo esotérico: a ideologia do brasileiro que tentou matar Cristina Kirchner” - Ponte Jornalismo: Disponível em: <https://ponte.org/analise-hitlerismo-esotericico-a-ideologia-do-brasileiro-que-tentou-matar-cristina-kirchner/> . Acesso em 29/04/2025
- Vergel do Lago: a história de um antigo sítio às margens da Mundaú (cadaminuto.com.br). Matéria de 13/10/2013. Disponível em: <https://www.cadaminuto.com.br/noticia/2013/10/13/vergel-do-lago-a-historia-de-um-antigo-sitio-as-margens-da-mundau> . Acesso em 14/04/2024
- “OMS divulga recomendações sobre uso de aparelhos eletrônicos por crianças de até 5 anos”. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/82988-oms-divulga-recomenda%C3%A7%C3%A3o-sobre-uso-de-aparelhos-eletr%C3%B4nicos-por-crian%C3%A7as-de-at%C3%A9-5-anos> . Acesso em 13/04/2024
- “MDHC entrega relatório com propostas para enfrentar o discurso de ódio e o extremismo no Brasil”. Acesso em 07/04/2024. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2023/julho/mdhc-entrega-relatorio-com-propostas-para-enfrentar-o-discurso-de-odio-e-o-extremismo-no-brasil>
- “Atentado em Monte Mor: vídeo mostra ex-aluno com suástica lançando bomba caseira em escola; revólver foi apreendido” Reportagem de 13/02/2023. Acesso em 07/04/2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2023/02/13/atentado-em-monte-mor-video-mostra-ex-aluno-com-suastica-lancando-bomba-caseira-em-escola.ghtml>

- ““Um ídolo para eles”: investigação sobre neonazistas revela admiração a autor de massacre em Suzano”. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-59733205> . Acesso em 07/04/2024

- “Assédio moral em escola cívico-militar é reflexo do neofascismo na educação’ afirma pesquisador”. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/03/16/assedio-moral-em-escola-civico-militar-e-reflexo-do-neofascismo-na-educacao-afirma-pesquisador> acesso em 07/04/2024

- “Conheça a simbologia e referências da máscara usada por menor que matou professora em SP”. Reportagem de 27/03/2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/conheca-a-simbologia-e-referencias-da-mascara-usada-por-menor-que-matou-professora-em-sp> . Acesso em 07/04/2023

- Estudante envia mensagens nazistas e homofóbicas em grupo da escola no DF.” Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/11/05/grupo-colegas-escola-ameacas-de-morte-mensagens-nazistas-df.htm> . Acesso em 07/04/2024

- “Brasil tem histórico de alto índice de violência escolar. Veja dados sobre agressão contra professores”. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2023/03/27/brasil-tem-historico-de-alto-indice-de-violencia-escolar-veja-dados-sobre-agressao-contra-professores.ghtml> . Reportagem de 27/03/2024. Acesso em 07/04/2024.

- “Insegurança alimentar e Covid-19 no Brasil”. Reportagem de 13/04/2021 disponível em: <https://dssbr.ensp.fiocruz.br/inseguranca-alimentar-e-covid-19-no-brasil/> . Acesso em 07/04/2024

- “IBGE divulga uma década de informações sobre a saúde dos escolares”. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/34340-ibge-divulga-uma-decada-de-informacoes-sobre-a-saude-dos-escolares> . Acesso em 11 de março de 2024.

- “1 milhão de espécies estão em risco de extinção, revela relatório da ONU | ONU News”. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2019/05/1670971> acesso em 07 de abril de 2024

- “Adolescente que jogou bomba em escola deixou carta com símbolos nazistas” <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2023/02/13/adolescente-que-jogou-bomba-em-escola-deixou-carta-com-simbolos-nazistas.htm>

- “Racistas e frustrados, internautas de extrema direita promovem ataques a mulheres - Ponte Jornalismo”. Disponível em: <https://ponte.org/racistas-e-frustrados-hackers-de-extrema-direita-promovem-ataques-a-mulheres/> . Acesso em 07 de abril de 2024.

- “G1 - Muro de escola na Zona Norte de SP é pichado com frase racista - notícias em São Paulo (globo.com)”. Disponível

em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2011/10/muro-de-escola-na-zona-norte-de-sp-e-pichado-com-frase-racista.html> . Reportagem de 18/10/2011. Acesso em 06/04/2024

- Neonazistas ovacionaram Hitler antes de agredirem nordestino. Reportagem de abril de 2013. Acesso em 07/04/2024. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/neonazistas-ovacionaram-hitler-antes-de-agredirem-nordestino/>

- “Para entender o jogo de Elon Musk, por Luís Nassif” 07/04/2024. Disponível em: https://jornalgg.com.br/politica/para-entender-o-jogo-de-elon-musk-por-luis-nassif/?utm_term=Autofeed&utm_medium=Social&utm_source=Facebook&fbclid=IwAR2wtyDss8nlxqkE05dbixxaBMssswuoYGO7gTTrcsIbFbhUXTK9KYGWKHs#Echo_box=1712513601

- “Estamos fazendo a transição do capitalismo para a servidão tecnofeudalista?” Entrevista com Yannis Varoufakis. De 20/02/2024. Disponível em: <https://jacobin.com.br/2024/02/estamos-fazendo-a-transicao-do-capitalismo-para-a-servidao-tecnofeudalista/>. Acesso em 21/02/2024.

- How to sell a massacre: NRA’s playbook revealed. A three-year undercover sting reveals how US’ National Rifle Association handles public opinion after deadly gun attacks. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2019/3/26/how-to-sell-a-massacre-nras-playbook-revealed?s=08> . Acesso em 07/04/2024

- Red pill: mulheres são o maior alvo do ódio na internet brasileira (uol.com.br), disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2024/04/12/mulheres-sao-alvo-de-odio-na-internet.htm> . Acesso em 13/04/2024

“Signs of hate: Parental guide to far-right codes, symbols and acronyms | The far right” The Guardian. Acesso em 20/05/2024

Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2022/aug/04/signs-of-hate-parental-guide-to-far-right-codes-symbols-acronyms-uk>

Polícia descarta envolvimento de atirador de Realengo com grupos extremistas - 11/04/2011 – Acesso em 21/06/2024. Disponível em: UOL Notícias <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2011/04/11/policia-descarta-envolvimento-de-atirador-de-realengo-com-grupos-extremistas.htm>

Eduarda Ramos: “Ataques em escolas: a segurança das crianças começa na internet” Publicado em 14.04.2023. Acesso em 20/06/2024 <https://mpmt.mp.br/portalcao/news/733/123973/ataques-em-escolas-a-seguranca-das-criancas-comeca-na-internet/1123>

- “PF diz que post antissemita no Telegram influenciou ataque a escola em Aracruz”. Disponível em: https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/pf-diz-que-publicacao-antissemita-no-telegram-influenciou-ataque-a-escola-em-aracruz/?utm_medium=leiamais&utm_source=cartacapital.com.br.

Acesso em 20/06/2024

- “A marcha falida do MBL pelo Escola Sem Partido” da Redação VICE Brasil, 16/08/2017. Disponível em: <https://www.vice.com/pt/article/a-marcha-falida-do-mbl-pelo-escola-sem-partido/>. Acesso em 23/01/2025.

- “Como as escolas brasileiras lidam com o avanço da violência” de Isadora Rupp em Nexo Jornal de 01/10/2024 <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2024/10/01/brasil-violencia-nas-escolas>. Acesso em 23/01/2025

MELO, Carla. Como o aumento da violência nas escolas afeta o professor? Nova Escola, São Paulo, 29, set. 2023. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/21354/como-o-aumento-da-violencia-nas-escolas-afeta-o-professor>. Acesso em: 16 fev. 2023.

“Escalada de agressões nas escolas alerta para a necessidade de medidas para enfrentar a violência”; “Sofrimento emocional e disseminação de discursos de ódio motivam ataques extremos”, Revista de Pesquisa FAPESP disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/disseminacao-de-discursos-de-odio-agrava-violencia-escolar/>

Livros didáticos

Araribá Mais História. Editora Moderna. Editora responsável: Ana Claudia Fernandes. 1. Ed. - . São Paulo: Editora Moderna, 2018. Obra em 4 v. Para alunos do 6º ao 9º ano. (PNLD 2020 – 2023)

Vídeos

- Canal Leitura ObrigaHISTÓRIA: “O que é Fascismo? História, definição e sobrevivência no presente”. Entrevista do Prof. Dr. Icles Rodrigues com o Prof. Dr. Odilon Caldeira Neto publicada em 20 de maio de 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=usdnfYPyu40&list=PL0g2HWK8QfHaS_wtiBltiQzIm80ugQ3ze&index=14. Acesso em 20 de março de 2024

- Canal Leitura ObrigaHISTÓRIA: Integralismo: das origens ao neofascismo do século XXI - História FM, episódio 19. Entrevista do Prof. Dr. Icles Rodrigues com o Prof. Dr. Odilon Caldeira Neto publicada em 08/02/2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=i3WCEABtwYA&list=PL0g2HWK8QfHaS_wtiBltiQzIm80ugQ3ze&index=27. Acesso em 14/04/2024

- Canal Leitura ObrigaHISTÓRIA: Holocausto: 75 anos depois do seu fim - História FM, episódio 20. Entrevista do Prof. Dr. Icles Rodrigues com o Prof. Dr. Michel Gherman publicada em 09/02/2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=zRdzOFtYKDo&list=PL0g2HWK8QfHaS_wtiBltiQzIm80ugQ3ze&index=26. Acesso em 14/04/2024
- Canal Leitura ObrigaHISTÓRIA: Revisionismo histórico: pesquisa e ideologia na historiografia - História FM, episódio 26. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=pKvPUxpvU30&list=PL0g2HWK8QfHaS_wtiBltiQzIm80ugQ3ze&index=20. Acesso em 14/04/2024.
- III Congresso Internacional de História: Direitas ontem e hoje - Mesa redonda com o Dr. Francisco Teixeira (UFRJ) e Dr. Karl Schurster (Universidade de Vigo/ UPE) transmitida ao vivo em 13/09/2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0jJte3ndBU>
- “The alt-right playbook: How to radicalize a normie” do Innuendo Studios disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P55t6eryY3g&rco=1>. Acesso em abril de 2024
- “Frozen Capitalism Haunted by Vaporwave”. Zero Books, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9GklhS6VVLk>. Acesso em 14/04/2024
- “Saneamento Trágico: o Abandono da Orla Lagunar de Maceió” (2020). Documentário de Zazo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tnwYZxCKdj8>. Acesso em 14/04/2024

Anexo – Dimensão propositiva ou ‘produto didático’ – Ação Antinazismo



Figura 01 – capa “Ação antinazismo para prevenção à violência contra escolas”.
“Professor Jorge Lôbo; E.E. José Oliveira Silva – SEDUC -AL; Mestrando Profhistoria
- UFPE”



Figura 2: Apresentação, no fundo três símbolos: uma suástica e um sigma cortados (simbolo nazista e integralista) e a bandeira da UFPE com o dizer “UFPE Antifascista”. Acervo do autor avistadonos corredores do Centro de Educação da UFPE. Foto do autor caminhando ao fundo com os dizeres “professor de História na rede básica de ensino, servidor público da educação em alagoas, bolsista FAPEAL como orientador, Mestrando”.

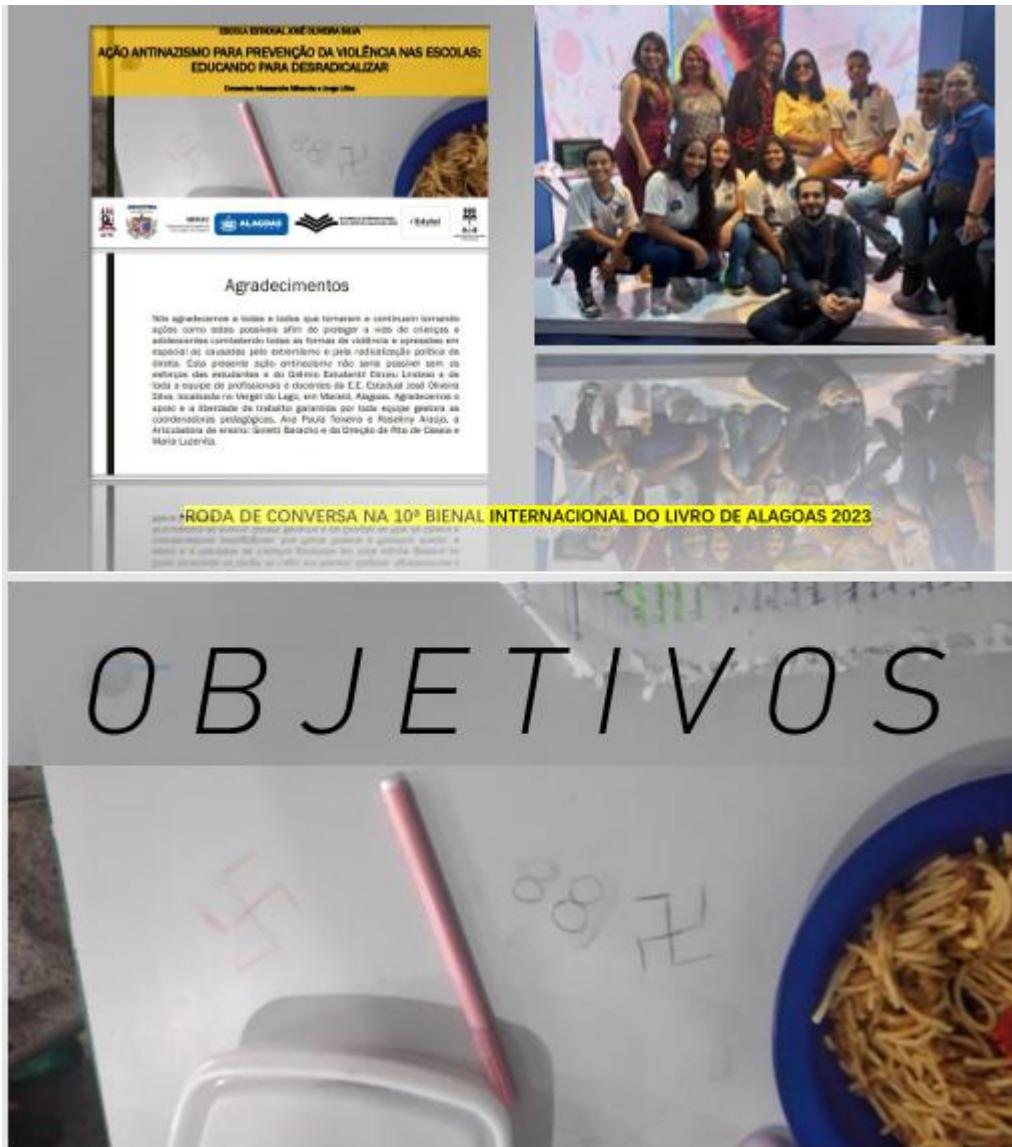


Figura 3: Foto durante a 10ª Bienal internacional do livro com pessoas envolvidas no projeto. Foto do acervo do autor de suásticas numa mesa da escola com um prato de merenda ao lado.



- OBJETIVA CONTRIBUIR NO COMBATE E PREVENÇÃO À VIOLENCIA DE EXTREMA DIREITA EM GERAL E CONTRA ESCOLAS
- INTENTA CONTRIBUIR NA PRODUÇÃO DE UM "MANUAL DIDÁTICO DE MÉTODOS ANTINAZISMO"

LEGISLAÇÃO

- LEI nº 7.716 de 1989
- LEI nº 11.645 de 2009
- LEI Nº 13.185 de 2015

Art. 20. Praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional.

Pena: reclusão de um a três anos e multa

§ 1º Fabricar, comercializar, distribuir ou veicular símbolos, emblemas, ornamentos, distintivos ou propaganda que utilizem a cruz suástica ou gamada, para fins de divulgação do nazismo.

Pena: reclusão de dois a cinco anos e multa.

Figura 4. Foto do autor no 14º Encontro nacional de História da UFAL. Legislação embasando o material: Lei antirracismo que criminaliza a confecção de cruzes gamadas ou suásticas (Lei nº 7.716 de 1989) Lei nº 11.645 de 2009 sobre o ensino de história e cultura africana, afrobrasileira e indígena e a lei anti bullying.



Figura 5. Documentos de referência e apoio: “Recomendações para proteção e segurança no ambiente escolar; Guia sobre prevenção e resposta a violências às escolas e Escola segura: como lidar com conteúdos de violência onlibe e conversar com crianças e jovens sobre o tema.”



Figura 6. Documentos “Relatório: O extremismo de direita entre adolescentes e jovens no Brasil: ataques às escolas e alternativas para a ação governamental” e “Ataques Às escolas no Brasil: análise do fenômeno e recomendações para a ação governamental” seguida de uma imagem de uma sala de aula com o texto” Reflexões para ação: Período pós pandemia, crescente número de atentados em escolas, cultura de violência, injustiça e problemas sociais, radicalização de extrema direita entre jovens, estímulo à violência contra profissionais da educação”

JUVENTUDE PERDIDA

NÚMERO DE HOMICÍDIOS DE JOVENS NO BRASIL

O Brasil registrou **24.217** homicídios de jovens, entre 15 e 29 anos, em 2021. É o equivalente a

66 JOVENS ASSASSINADOS POR DIA.

EM NÚMEROS ABSÓLUTOS, HOUVE UMA QUEDA DE **6,2%** ANTE 2020.

3 26.532

é o número de homicídios de jovens, na década entre 2011 e 2021.

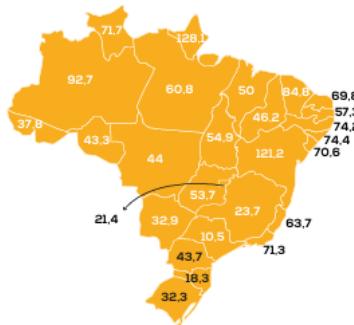
Dois estados se destacam dos demais no morticínio de jovens, o Amapá e a Bahia, com taxas de **128,1** e **121,2** homicídios por 100 mil.

Núcleo de Disseminação de Pesquisa DIEST/Ipea:
Camila Escudero (edição e planejamento), Raquel Tavares e Luciane Chippa (conteúdo e revisão) e Víctor Gorini (design e diagramação).

Mais informações acesse www.ipea.gov.br/atlasviolencia.
Brasília / Rio de Janeiro, dezembro de 2023

Em 2021, de cada 100 jovens entre 15 e 29 anos que morreram no país por qualquer causa, 49 foram vítimas da violência letal. Trata-se de indivíduos que não têm a chance de concluir sua vida escolar, de construir um caminho profissional, de formar sua própria família ou de serem reconhecidos pelas suas conquistas no contexto social em que vivem. O descompromisso com a juventude está comprometendo o futuro da nação.

A taxa média de mortalidade juvenil (15 - 29 anos) no Brasil, em 2021, é de 49 indivíduos por 100 mil habitantes. Segue a distribuição nos Estados:



VIOLENCIA SEXUAL

Entre crianças e jovens, 41,3% dos indivíduos violentados têm entre 0 e 4 anos, e 39,9% estão na faixa de 5 a 15 anos.

HOMICÍDIOS DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Entre 2011 e 2021, foram vítimas de violência letal no Brasil:

- 2166, crianças de 0 a 4 anos;
- 7.396, de 5 a 14 anos;
- 97.894, 15 a 19 anos/ 38,5% dos óbitos entre adolescentes em 2021.

A principal causa é a violência doméstica, entre 2011 a 2021:

- Cerca de 2 em cada 3 casos, de 0 a 14 anos
- 1 em cada 2 casos, de 15 a 19 anos



VIOLENCIA NA ESCOLA

Entre 2009 e 2019, o número de estudantes que relataram ter sofrido bullying subiu de 30,9% para 40,5%. A prática específica de cyberbullying atingiu 13% das estudantes do Ensino Médio e 12,6% do Ensino Fundamental (2019) Fundamental (2019).

- 62,9% das crianças do Ensino Fundamental e 74% do Ensino Médio se sentem tristes ou negligenciadas*;
- Para crianças de 0 a 4 anos, a negligência representa 42,8% das violências notificadas, para o período de 2011 a 2021;
- Soltou de 5,4%, em 2009, para 11,4%, em 2019, a proporção de estudantes do Ensino Fundamental que deixaram de ir à escola por causa da sensação de insegurança*.

*Disclaimer: segundo dados dos trezentos dias anteriores à data da pesquisa.

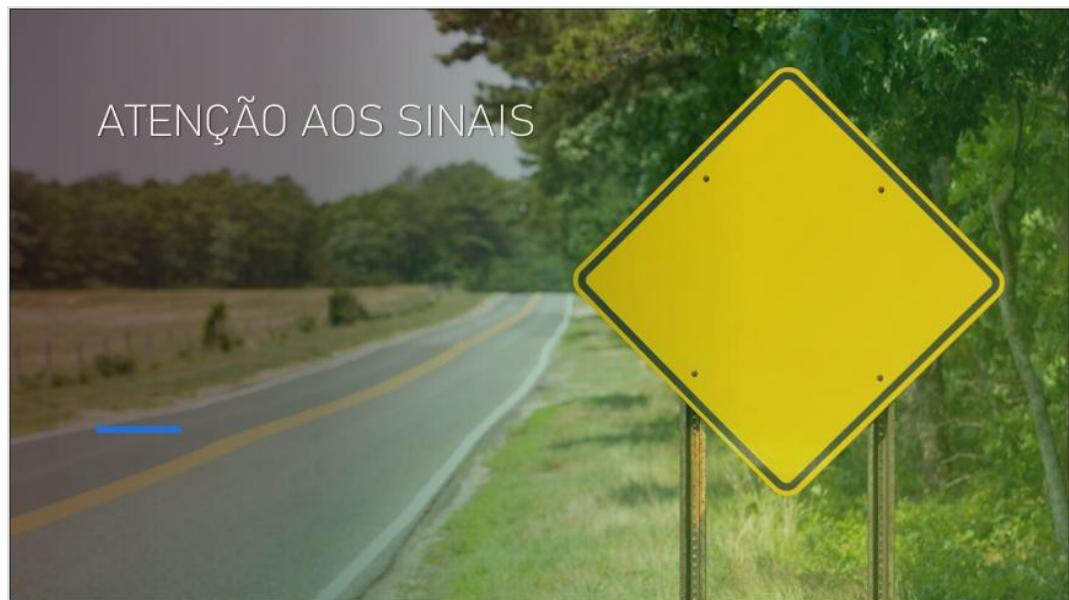


Figura 7: Gráfico e mapa do FBSP/ Atlas da Violência sobre “Juventude perdida”. Uma placa de alerta com “Atenção aos sinais”

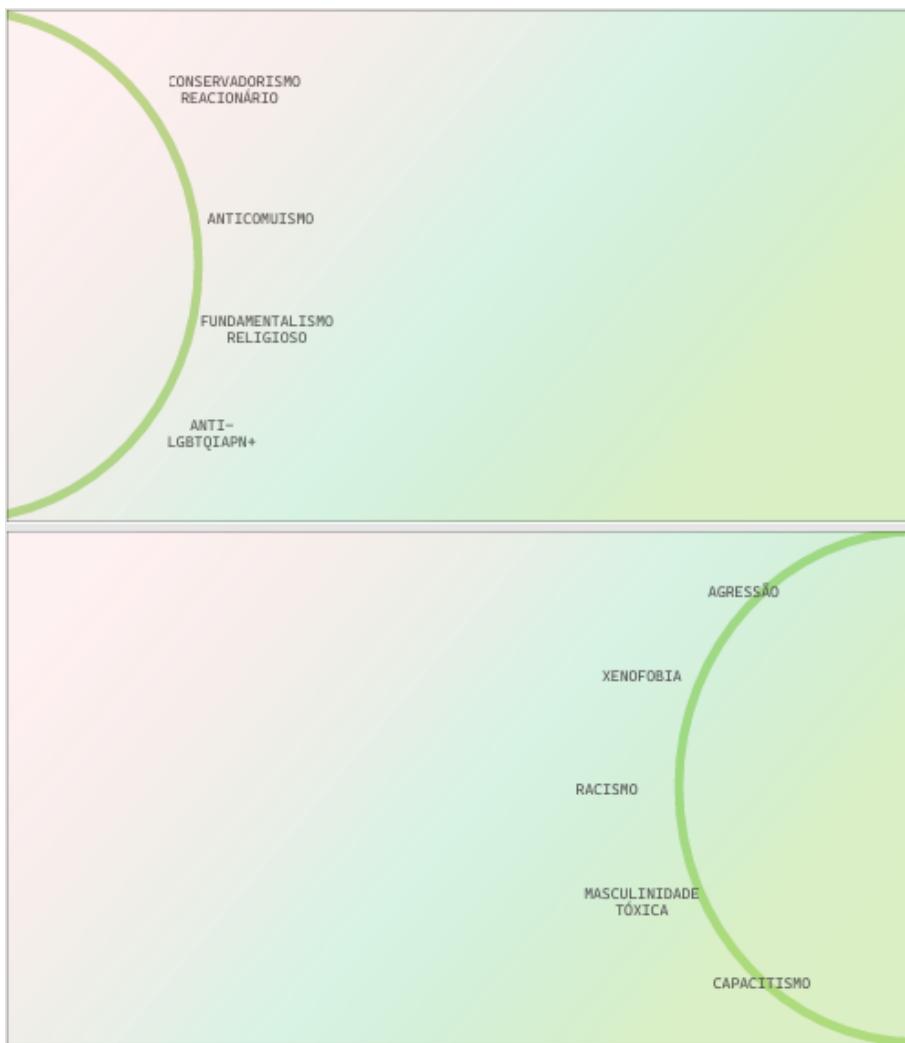


Figura 8. Lia-se “Conservadorismo reacionário, anticomunismo, fundamentalismo religiosos, antilgbtqiapn+, agressão, xenofobia, racismo, masculinidade tóxica, capacitismo”

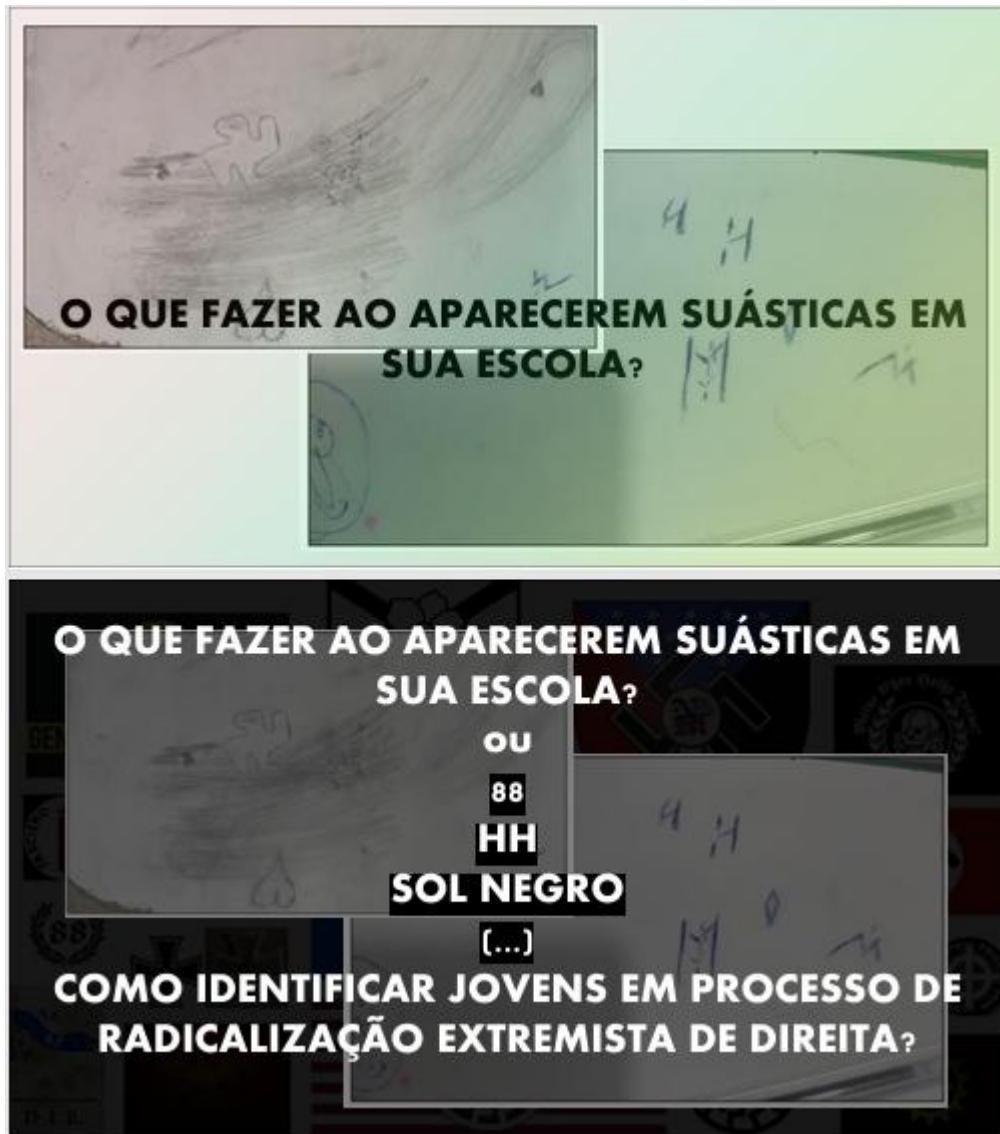


Figura 9. Fotografias de acervo pessoal de símbolos neonazifascistas encontrados no ambiente escolar; ao fundo, símbolos neonazistas e a lia-se: “o que fazer ao aparecerem suásticas em sua escola? Ou 88, HH, sol negro (...) como identificar jovens em processo de radicalização extremista de direita?

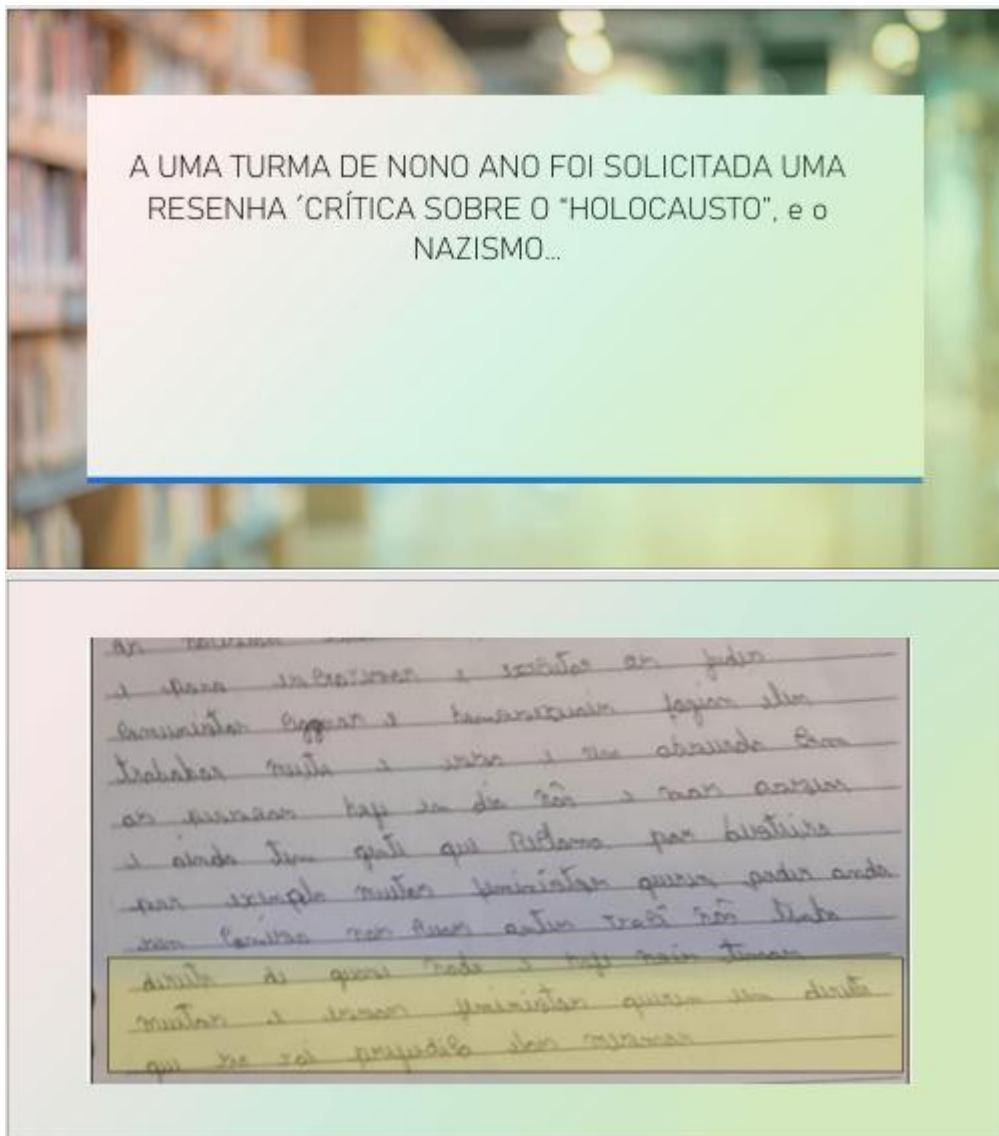


Figura 10. “A uma turma de nono ano foi solicitada uma resenha crítica sobre o ‘holocausto, e o nazismo’. Trecho de um manuscrito de discente onde destacou-se “muitas dessas feministas querem um direitos que só prejudica elas mesmas”. Isto chamou atenção e ajudou na elaboração do projeto com ações anti-misoginia, anti machismo.

son que in intende far que nesse tempo se para
essa estratégia e nortear a guerra gal, régua e justa
por Hitler, que voltaria a território ~~alemão~~ polônio e
daria continuidade à guerra, mesmo se não partindo de
lotação das suas forças em alemão, far as pessoas
que eram libertadas por essa, espetacular chamado Hitler que
se queria fazer de elas aliás e ricas, para que ele se entra
retaria por se fazerem não importa, Hitler e seu regime
fazem grande mero rica na história no tempo de
haja e foram considerado pelo governo maior de brasil
e outros países para vários países europeus, entre
os quais, entre os quais foram apuradas relações, muitas não
existindo mais isso na época é exame em qualquer
lugar.

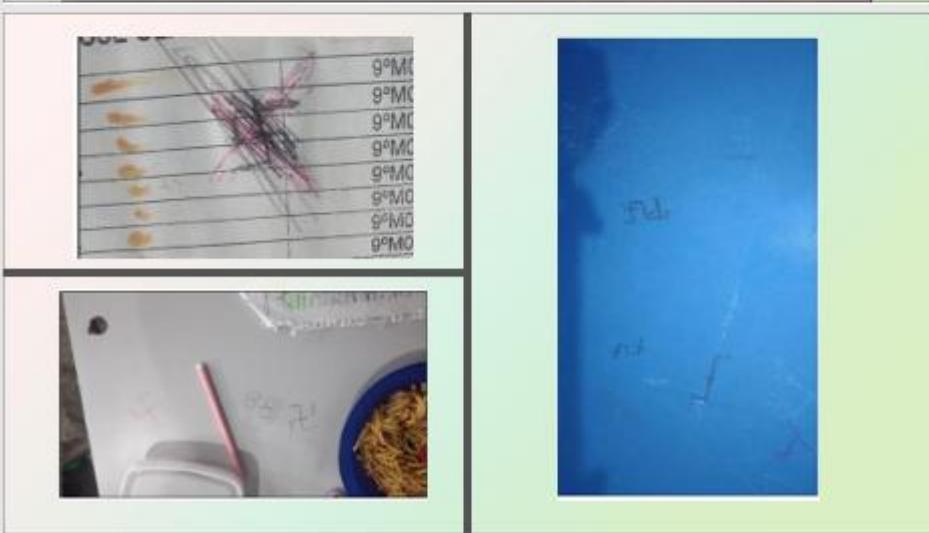


Figura 11. Dizeres e símbolos nazistas em espaços da escola pública. Acervo do autor.

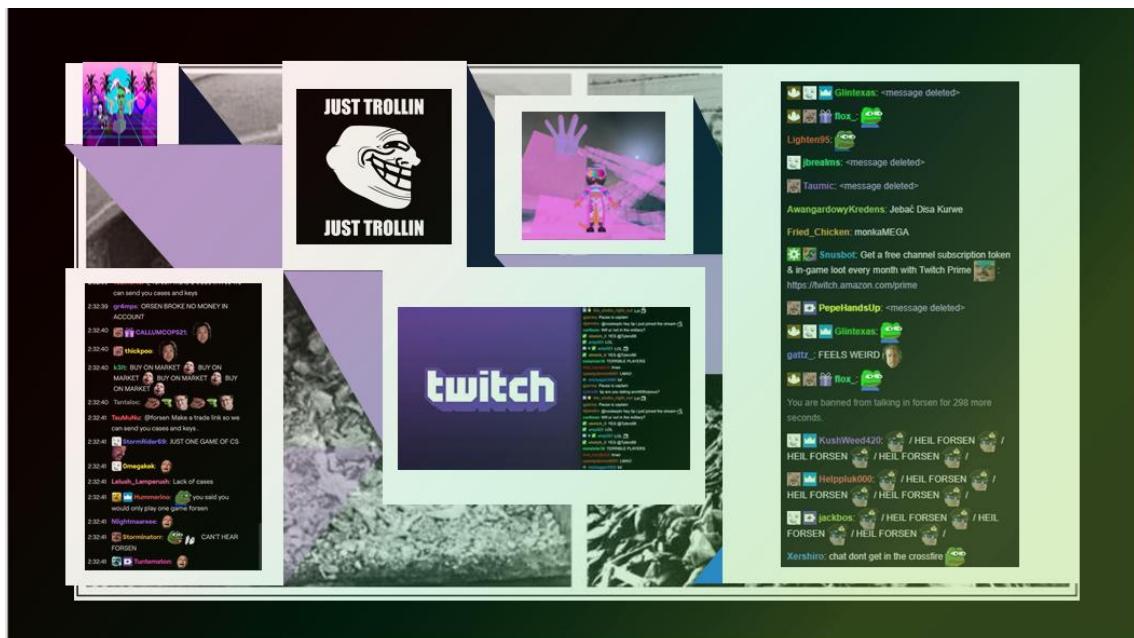


Figura 12. Kek, sapo símbolo da extrema direita, o meme troll face, imagens de chats com símbolos que podem remeter ai extremismo de direita, logo da twitch e ao fundo imagens de corpos e pessoas sobreviventes da shoah.

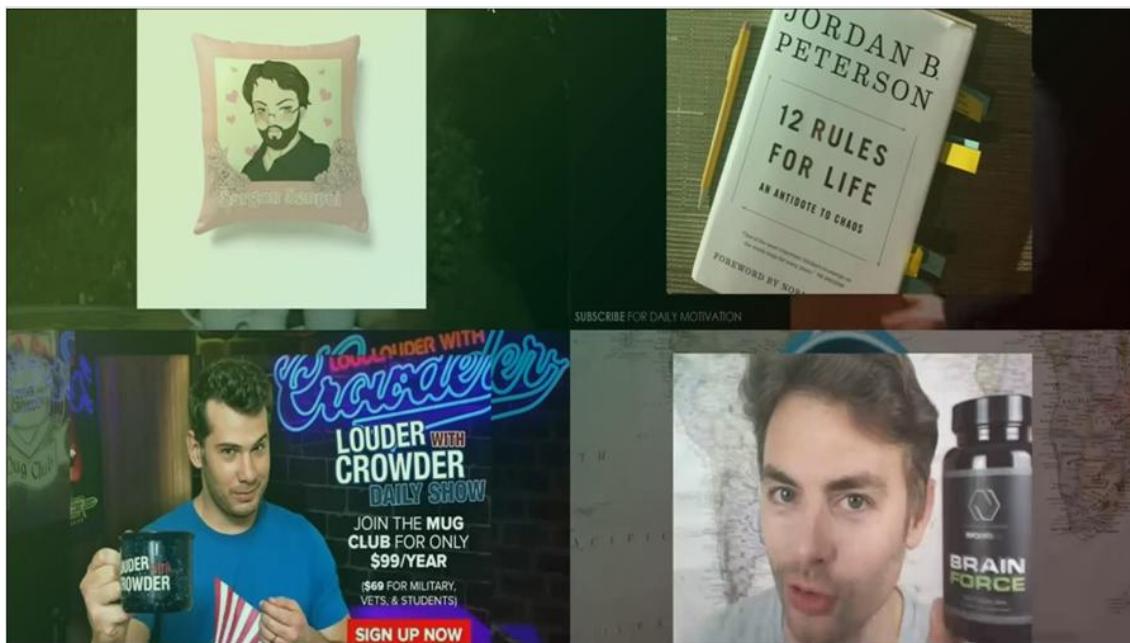
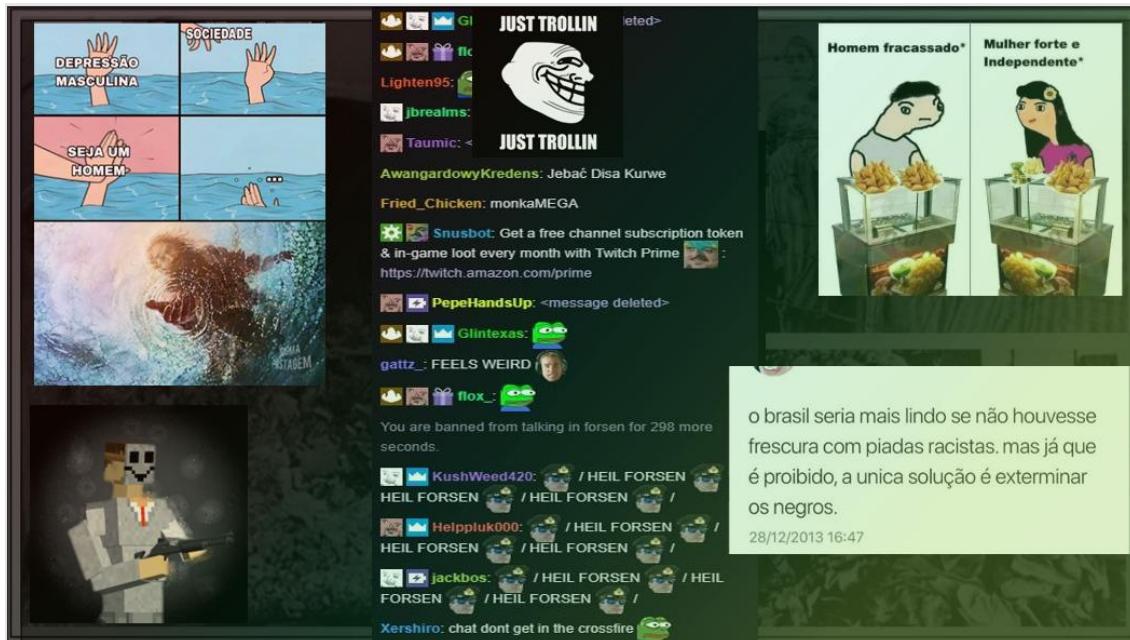


Figura 13. Meme sobre rebaixamento masculino, imagem de chat com símbolos extremistas, lia-se “o brasil seria mais lindo se não houvesse frescura com piadas racistas, mas já que é proibido, a única solução é exterminar os negros”; imagens de podcasts de direita de trecho retirado do vídeo de Innuendo Studio “A Agenda da Extrema-direita: Como Radicalizar uma pessoa normal.” Em 5’:45’’.

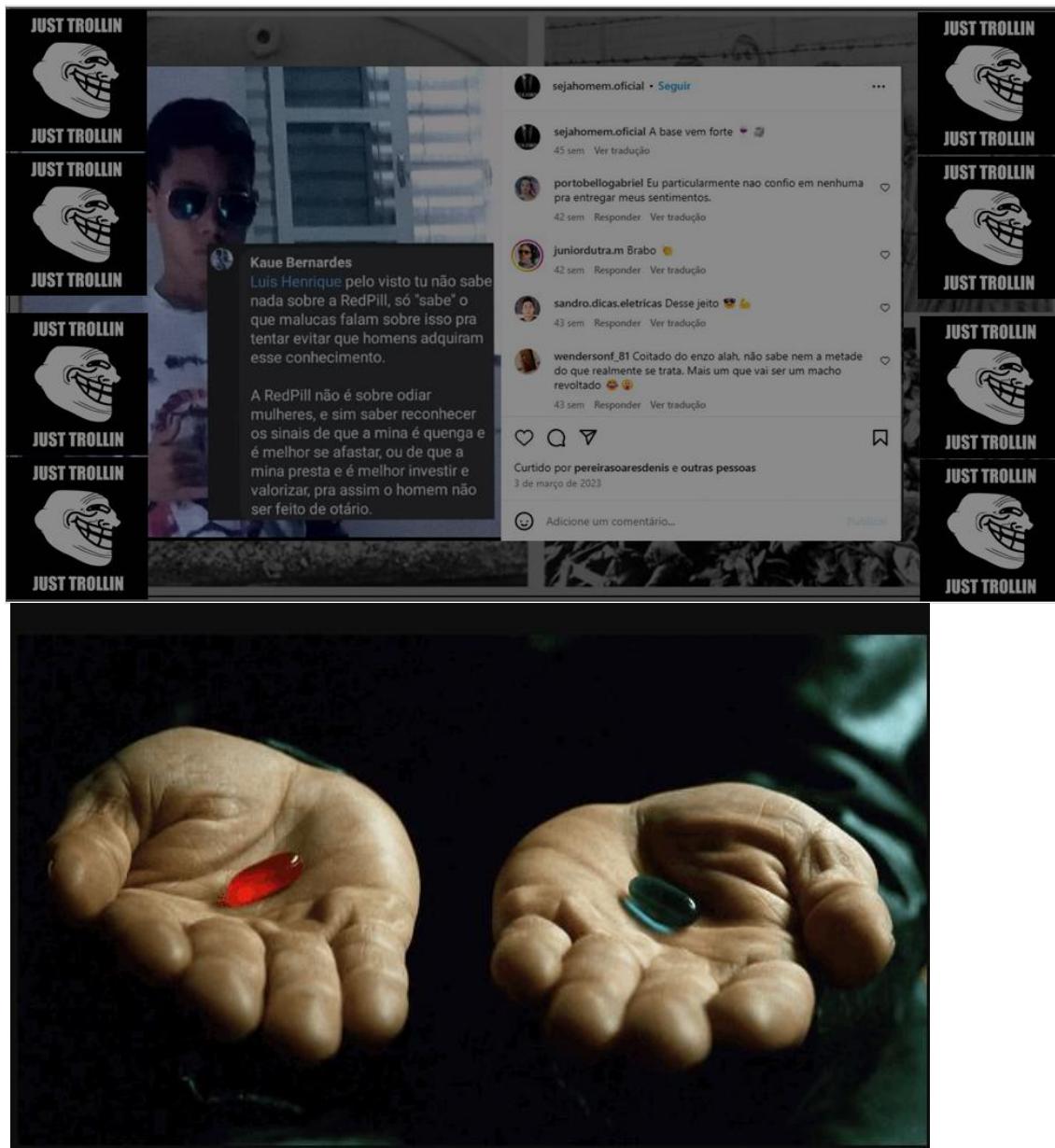


Figura 14.

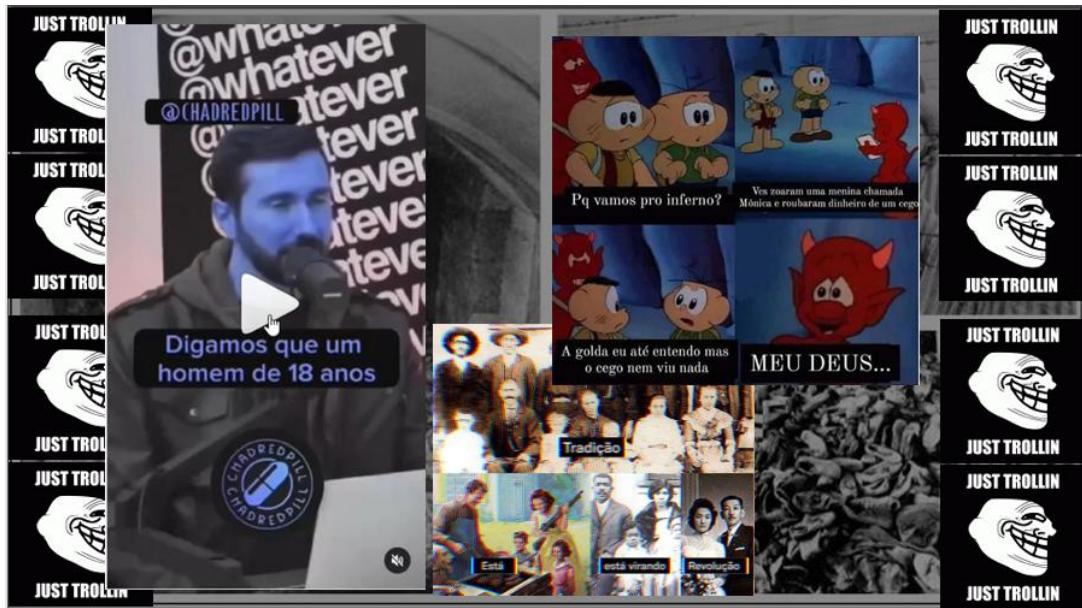


Figura 15.

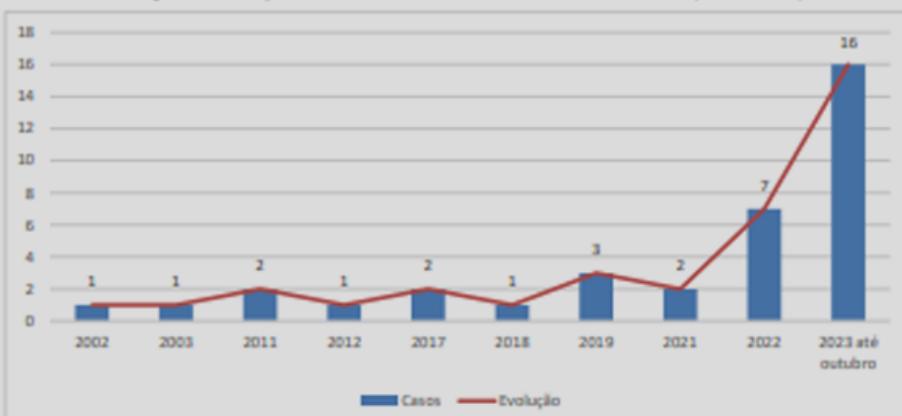


Figura 16.

A VIOLÊNCIA DE EXTREMA DIREITA CONTRA ESCOLAS



Gráfico 1: Evolução dos ataques de violência extrema as escolas no Brasil (2002-2023)



Fonte: SANTOS, C.; OLIVEIRA, L. 2023b. Elaboração do relator.

Figura 17.

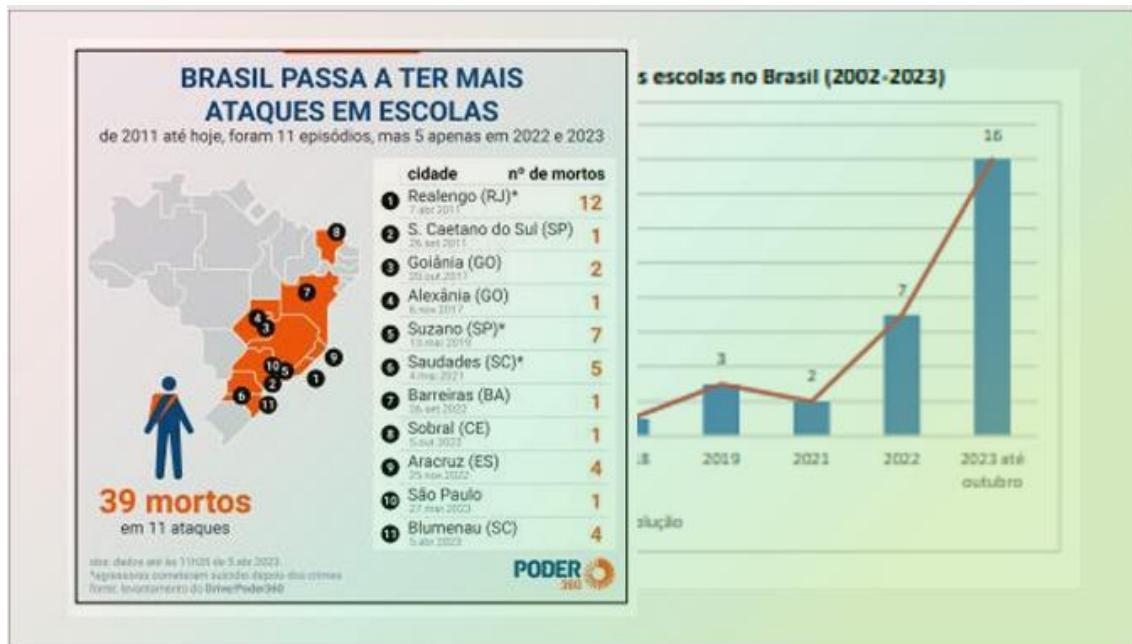


Figura 18.



Figura 19.

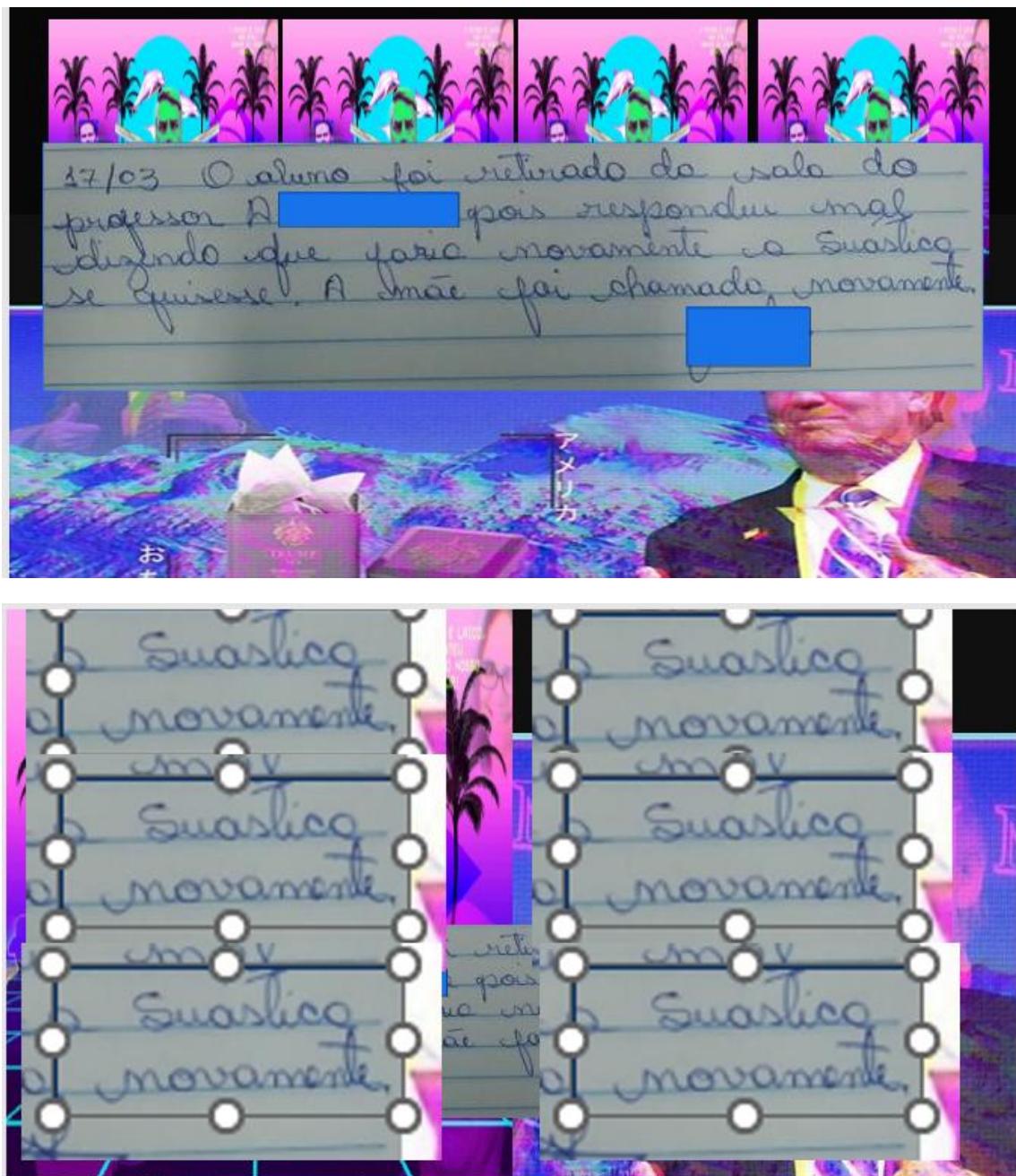
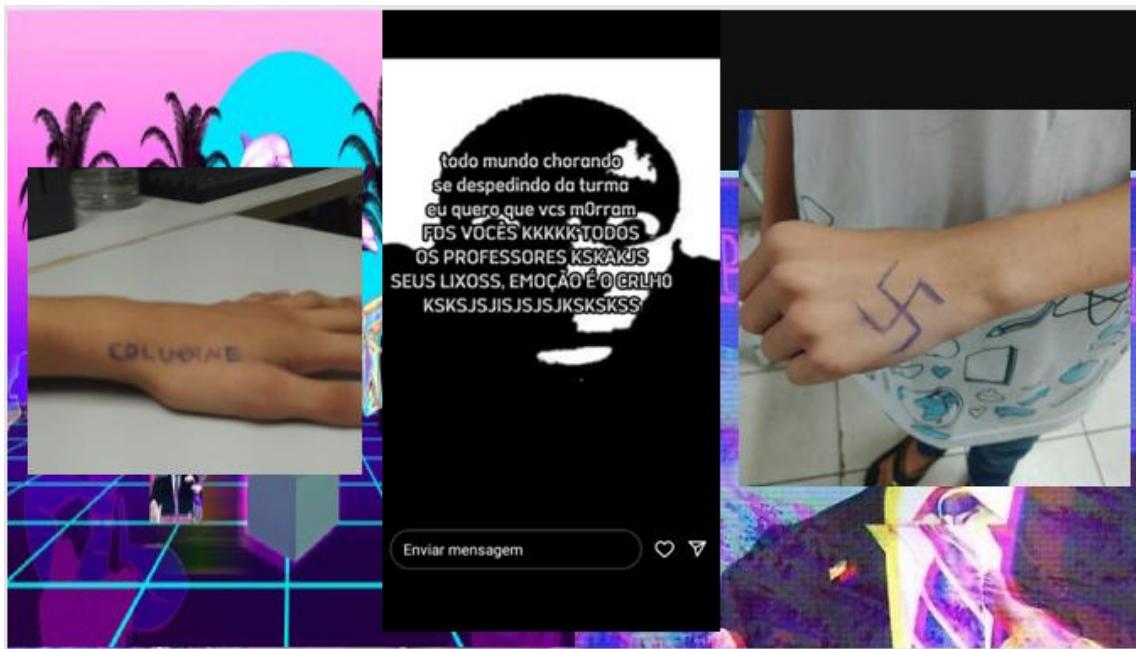


Figura 20.



A IMPORTÂNCIA DO COMPONENTE CURRICULAR DE HISTÓRIA: COMO REFLETIR SOBRE EXTREMISMOS NO PASSADO E NOS DIAS ATUAIS?

Figura 21.

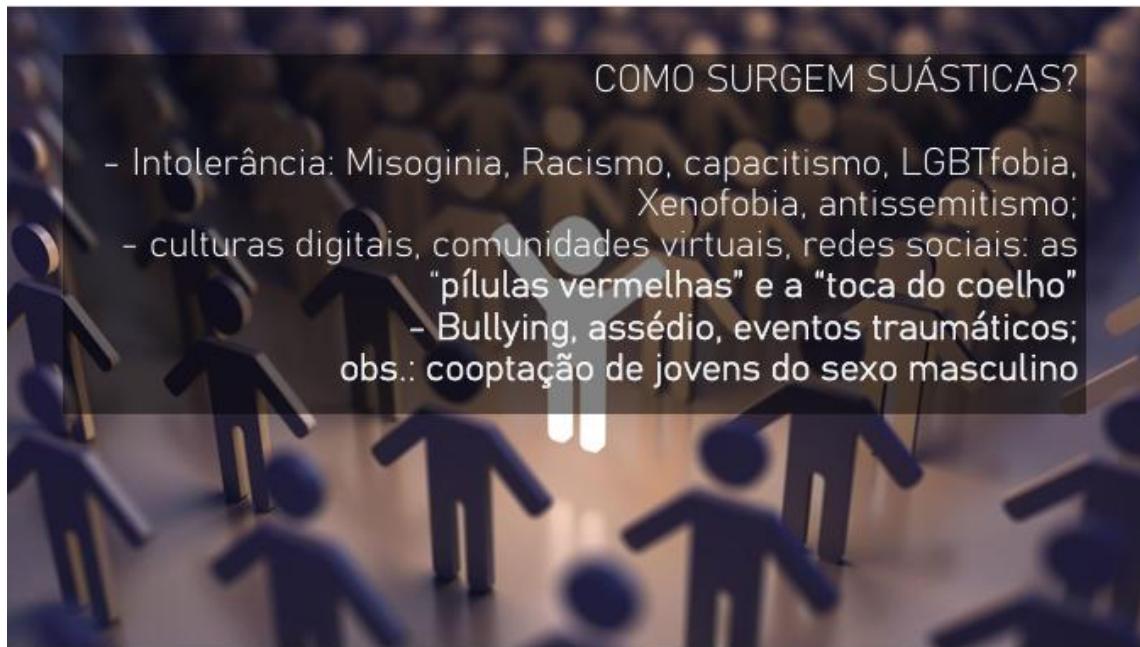


Figura 22.



Presidência da República

Casa Civil

Subchefia para Assuntos Jurídicos

LEI N° 11.645, DE 10 MARÇO DE 2008.

Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena".

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º O art. 26-A da [Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996](#), passa a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras." (NR)

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 10 de março de 2008; 187º da Independência e 120º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA
Fernando Haddad

LEGISLAÇÃO- LEI N° 11.645 de 2008

AÇÕES IMEDIATAS

ACOLHIMENTO

ALERTA

DIÁLOGO

ENCAMINHAMENTO

EMPODERAMENTO

Figura 23.

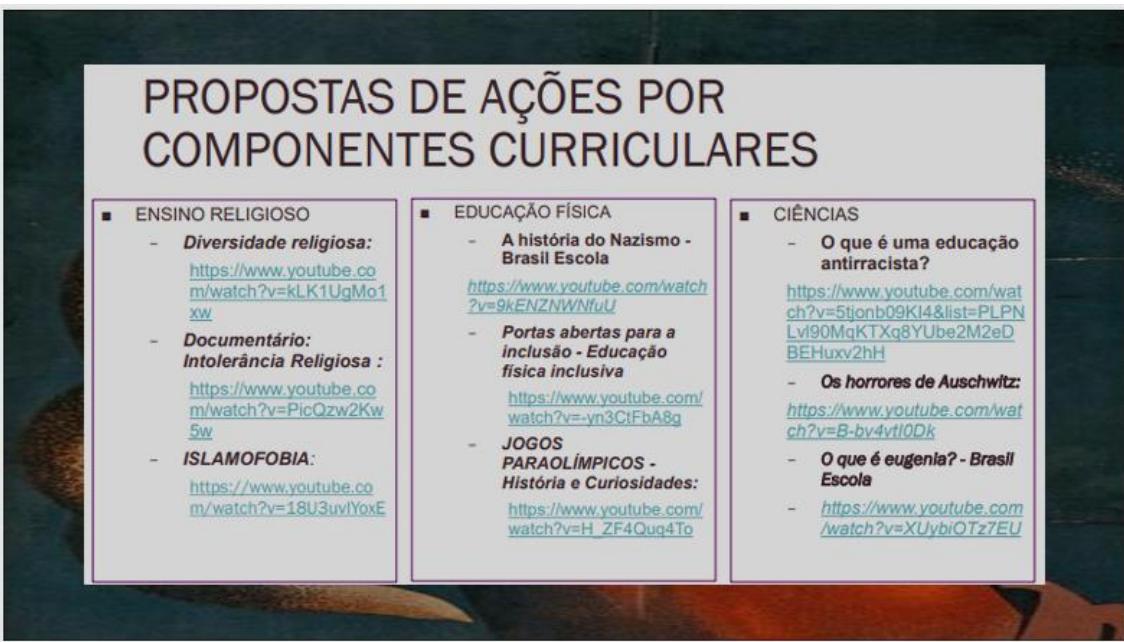
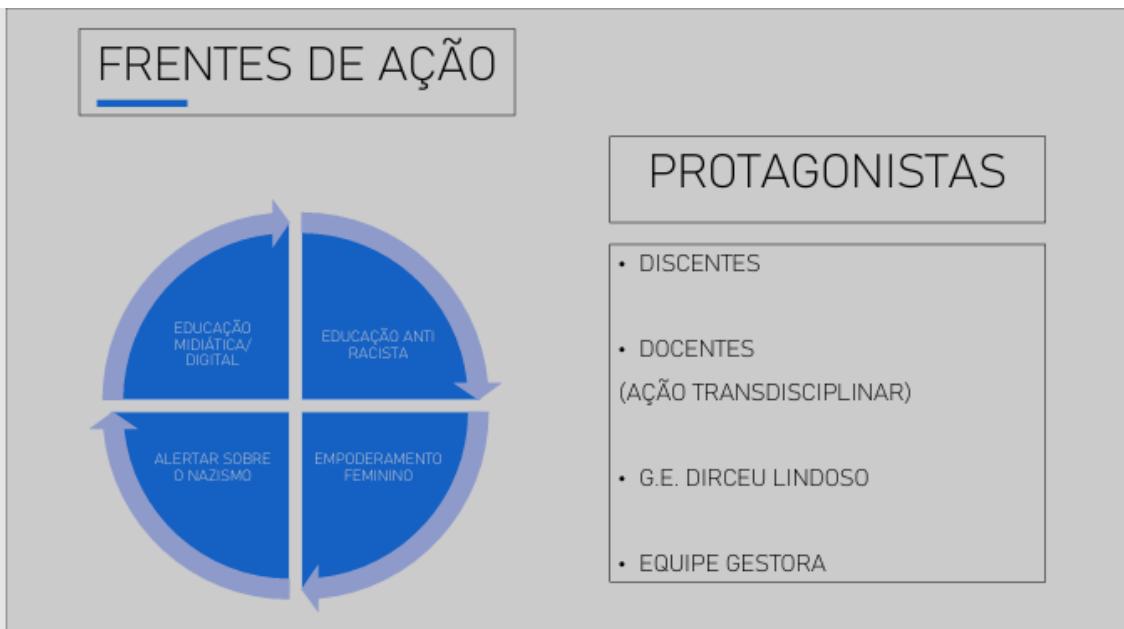


Figura 24.

PROPOSTAS DE AÇÕES POR COMPONENTES CURRICULARES

■ GEOGRAFIA

O que são Classes Sociais, Castas e Estamentos?

<https://www.youtube.com/watch?v=jE5MykkQIls>

Bullying não! Ser diferente é legal

https://www.youtube.com/watch?v=Oj3K9Kdt_FY

A fome no Brasil | Mapa da Fome, Insegurança Alimentar e Epidemia de Fome

<https://www.youtube.com/watch?v=V3mdc9CCaZQ&list=PLPNLvi90MqKRCiZo1804Z0ImR3nGCoW0&index=8>

■ ARTES

O QUE É RACISMO ESTRUTURAL? | DESENHANDO

<https://www.youtube.com/watch?v=la3NrSoTSXk>

Emicida - AmarElo (Sample: Belchior - Sujeito de Sorte) part. Majur e Pablo Vittar

<https://www.youtube.com/watch?v=PTDgP3BDPIU>

Conscientização IGA29 - Inclusão

<https://www.youtube.com/watch?v=Ztqaa-NWYQ8>

■ LÍNGUA PORTUGUESA

PRECONCEITO LINGÜÍSTICO E A DESIGUALDADE SOCIAL

<https://www.youtube.com/watch?v=o4OgoMnxUL4>

AMPLIFICA por Emicida - Preconceito linguístico no dia a dia

<https://www.youtube.com/watch?v=QlhsIMWT-eQ>

Preconceito Linguístico - Marcos Bagno

<https://www.youtube.com/watch?v=bakKmUjbVs>

PROPOSTAS DE AÇÕES POR COMPONENTES CURRICULARES

■ MATEMÁTICA

10 planos de aula para trabalhar o antirracismo na sala de aula

<https://fborges.wordpress.com/2021/10/02/10-planos-de-aula-para-trabalhar-o-antirracismo-na-sala-de-aula/>

PRECONCEITO, ESTEREÓTIPO E DISCRIMINAÇÃO

<https://www.youtube.com/watch?v=v7m-yuzFljpc>

"Ou mesmo Matemática: muitos podem dizer, 'Ah, é super Exatas', mas há uma questão racial pautada ali que muitas vezes não é falada. 'Quando surgiu tal raciocínio matemático?' ou 'De onde vieram esses pesquisadores e que cor eles tinham?'."

<https://novaescola.org.br/conteudo/21321/educação-antirracista-caminhos-para-trabalhar-a-temática-nos-anos-finais-do-fundamental>

Sugestão de Atividade de Matemática

<https://educadores.aprendebrasil.com.br/blogassessoria/2021/05/25/sugestao-de-atividade-de-matematica/>

Mercado de trabalho

Cargos gerenciais 2018

68,6%	29,9%
ocupados por brancos	ocupados por pretos ou pardos

Taxa composta de subutilização (1)

2018

Branca	18,8%
Preta ou parda	29,0%

[1] Taxa das pessoas que estão ocupadas na sua condição de horário, desempregada e força de trabalho potencial.

"Lançar luz sobre essa questão nos permite compreender melhor a realidade social que nos cerca e com essa consciência promover ações que contribuam para o desenvolvimento da cidadania e transformação da sociedade."

<https://novaescola.org.br/conteudo/21381/como-trabalhar-as-relações-étnico-raciais-nas-aulas-de-matemática>

Figura 25.

PROPOSTAS DE AÇÕES POR COMPONENTES CURRICULARES

■ INGLÊS

9 materiais gratuitos para criar uma aula antirracista

<https://porvir.org/9-materiais-gratis-para-criar-uma-aula-antirracista/>

O que são as fake news? - Dicas para reconhecê-las - Fake news para crianças

<https://www.youtube.com/watch?v=xRWcW0RtYJY>

■ HISTÓRIA

Piano de aula: O bullying e seu impacto na vida em sociedade

<https://novaescola.org.br/planos-de-aula/fundamental/5ano/historia/o-bullying-e-seu-impacto-na-vida-em-sociedade/5709>

AMPLIFICA por Emicida - Preconceito linguístico no dia a dia

<https://www.youtube.com/watch?v=QlhsiMWT-eQ>

OS EXPERIMENTOS CENTÍFICOS NA ALEMANHA NAZISTA E A BIOÉTICA- c.c. CIÊNCIAS

"FUTURISMO" A ARTE E O NAZIFASCISMO- c.c. ARTES



FILME "A ONDA"- 9M01- c.c. HISTÓRIA

Figura 26.

AÇÕES E PRÁTICAS:



23/03/23 – 9T01 – QUEM FOI ANNE FRANK?
– C.C. LÍNGUA PORTUGUESA



Figura 27.



- ANTI RACISMO
- ANTI MACHISMO
- ANTINAZISMO

- O EMPODERAMENTO FEMININO NO AMBIENTE ESCOLAR COMO FORMA DE PREVENIR VIOLENCIAS E GARANTIR CIDADANIA.

Figura 28.

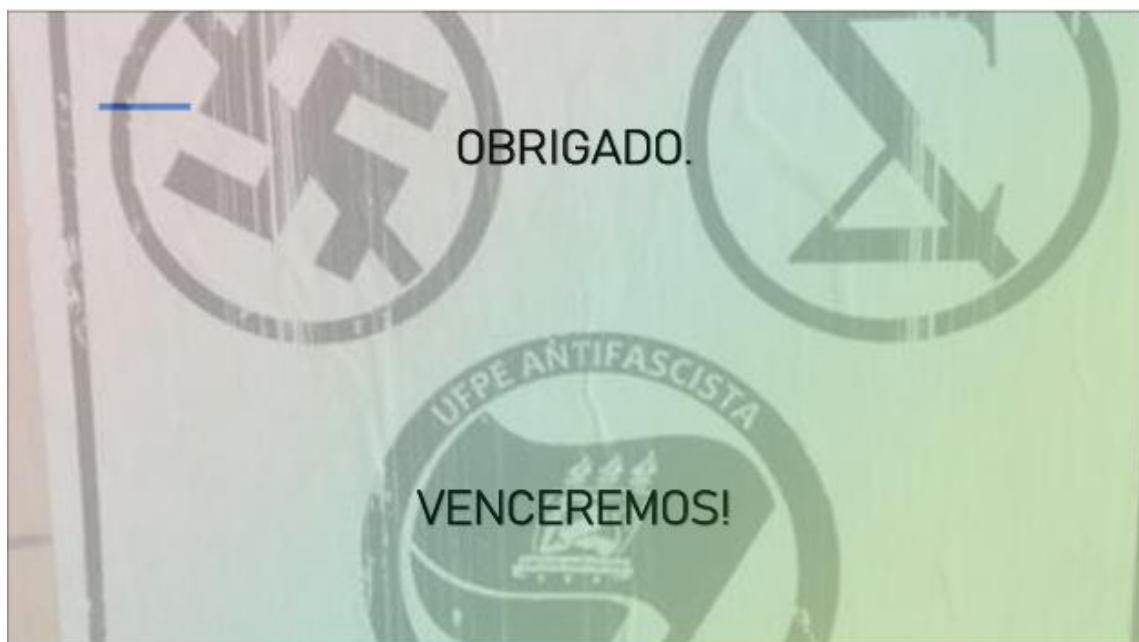


Figura 29.